

QUESTÕES  
SOCIALMENTE  
VIVAS

IX ENCONTRO NACIONAL  
PERSPECTIVAS DO ENSINO DE  
IV ENCONTRO INTERNACIONAL DO ENSINO DE HISTÓRIA



# Caderno de Programação e Resumos

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte/MG**

**18 a 21 de abril de 2015**

**IX ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE  
HISTÓRIA  
IV ENCONTRO INTERNACIONAL DO ENSINO DE  
HISTÓRIA**

*Questões Socialmente Vivas e o  
Ensino de História*

**Data:** 18 a 21 de abril de 2015

**Local:** Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte/MG

**Caderno de Programação e  
Resumos**

---

**Organização do Caderno**

Cláudia Sapag Ricci – UFMG  
Lana Mara Castro Siman– UEMG

Lívia Cabral - UEMG e FaE/UFMG – (colaboração)

---

**C56** Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História, 9 ; Encontro Internacional do Ensino de História, 4 : questões socialmente vivas e o ensino de história : caderno de programação e resumos – Organização do caderno Cláudia Sapag Ricci, Lana MaraCastro Siman ; colaboração Livia Cabral. - Belo Horizonte: Centro Pedagógico da UFMG, 2015.

115 p.: il.

ISBN: 978-85-67869-04-9

1. História - Congressos. 2. História – Ensino - Congressos. I. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Básica e Profissional, Centro Pedagógico. II. Ricci, Cláudia Sapag. III. Siman, Lana Mara Castro. IV. Cabral, Livia.

CDD: 906.3

CDU: 94(063)

---

Catálogo na fonte: Biblioteca do Centro Pedagógico / UFMG

**IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e IV Encontro  
Internacional do Ensino de História – UFMG - abril 2015**

**REALIZAÇÃO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**REITOR**

Jaime Arturo Ramírez

**VICE-REITORA**

Sandra Regina Goulart Almeida

**Faculdade de Educação (FaE/UFMG)**

Diretora: Juliane Corrêa

Vice-Diretor: João Valdir Alves de Souza

**Escola de Educação Básica e Profissional (EBAP)**

Diretora: Tânia Margarida Lima Costa (CP)

Vice-Diretor: Márcio Fantini Miranda (Coltec)

**Centro Pedagógico (CP/UFMG)**

Diretor: Santer Alvares de Matos

Vice-Diretor: Warley Machado Correia

**Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre o  
Ensino de História (LABEPEH /CP / FAE – UFMG)**

Coordenador: Eucídio Arruda Pimenta (FAE/UFMG)

Coordenadores Adjuntos: Pablo Lima (FAE/UFMG)

Soraia Freitas Dutra (CP/UFMG)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS  
GERAIS**

**REITOR**

Dijon Moraes Júnior

**VICE-REITOR**

José Eustáquio de Brito

**Faculdade de Educação – (FaE/UEMG)**

Diretor(a): Fátima Silva Risério

Vice-Diretor(a): Kátia Gardênia Henrique da  
Rocha Campelo

**Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação /  
UEMG)**

Terezinha Abreu Gontijo

**Programa de Mestrado em Educação –UEMG-  
CBH**

Coordenadora: Lana Mara de Castro Siman

Coordenadora Adjunta: Vera Lúcia Nogueira

**APOIO**



**FAFICH**

**anpuh**  
associação nacional de história



**COLTEC**  
UFMG

**uni-bh**  
Centro Universitário  
de Belo Horizonte

Associação Brasileira do Ensino de História - ABEH  
Associação Nacional de Professores de História - ANPUH  
Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH  
Colégio Técnico – COLTEC/UFMG  
Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior (CAPES)  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH /UFMG  
Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas  
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

## **COORDENAÇÃO GERAL**

---

Lana Mara Castro Siman - UEMG  
Cláudia Sapag Ricci - UFMG  
Eucídio Arruda Pimenta - UFMG  
Junia Sales Pereira - UFMG

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

---

Araci Coelho (CP/UFMG)  
Aroldo Lacerda (FUMEC)  
Dilma Scaldaferrri (LABEPEH/UFMG)  
Eliezer Costa (Coltec/UFMG)  
Frederico Luiz Moreira (FaE/UEMG)  
Herbert Timóteo (RMBH)  
Jezulino Lucio Mendes Braga (UEMG - Campanha)  
João Carlos Ribeiro de Andrade (RMBH e RMBetim)  
Júlio César Costa (FaE/UFMG e Rede privada de Ensino de BH)  
Kelly Amaral de Freitas (FaE-UEMG)  
Leonardo Machado Palhares(IFMG – Campus Formiga)  
Lívia Cabral (UEMG e FaE/UFMG)  
Lorene dos Santos (PUC Minas)  
Luciano Magela Roza (UFVJM – Campus Diamantina)  
Luísa Teixeira (Uni-BH)  
Marcelo de Mello Rangel (UFOP)  
Marcelo Santos de Abreu (UFOP)  
Márcio dos Santos Rodrigues (FaE/UFMG)  
Mariano Alves Diniz Filho (RMBH)  
Marina Amorim (LABEPEH/UFMG)  
Mário Lanna (PUC Minas)  
Míriam Hermeto (FAFICH/UFMG)  
Nathália Helena Alem (IFBA/Campus de Eunápolis)  
Pablo Lima (FaE/UFMG)  
Pedro Berutti Marques (LABEPEH/UFMG)  
Rita de Cássia Chagas Henriques (RMBH)  
Rosiane Ribeiro Bechler (LABEPH/UFMG)  
Soraia Dutra (CP/UFMG)  
Virgínia Buarque (UFOP)

## **Monitores**

Camila Sanches Gomes(LABEPEH/UFMG)  
Douglas Sales(LABEPEH/UFMG)  
Érika França (LABEPEH/UFMG)  
Flávia Bittar (FaE UEMG)  
Karla Lobato (FaE UEMG)  
LoyaneCristine c. Monteiro(FaE UEMG)  
Luiza Maria Nascimento Gomes (FaE UEMG)  
Marcia Maria Dias (LABEPEH/UFMG)  
Nayra Borges Teixeira (FaE UEMG)  
Rodrigo Alexandre Bernardino Assunção (LABEPEH/UFMG)

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

---

Adriana Carvalho Koyama -Unicamp  
Ana Maria Monteiro - UFRJ  
Antonia Terra Calazans Fernandes- USP  
Caroline Pacievitch- UFRGS  
Christiano B Monteiro dos Santos - UERJ  
Cláudia Sapag Ricci - UFMG  
Ernesta Zamboni- Unicamp  
Eucídio Arruda Pimenta - UFMG  
Flávia Eloisa Caimi– UPF/RS  
Francisco Egberto de Melo - URCariri  
Frederico Pinho - Assembleia Legislativa MG  
Helenice A Bastos Rocha - UERJ  
Isabel Barca- UMinho  
José Miguel Lopes - UEMG  
Junia Sales Pereira– UFMG  
Karla Pádua - UEMG  
Kátia Maria Abud Lopes- USP  
Lana Mara Castro Siman - UEMG  
Maria Augusta Castilho - UCDB  
Regina H Alves – UFMG  
Virgínia M T Valadares- PUC-Minas

## **COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**

---

Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (UFRJ)  
Antonia Terra de Calazans Fernandes (USP)  
Carina Martins Costa (UERJ)  
Elaine Lourenço (UNIFESP)  
Elvis Roberto Lima da Silva (RME de São Paulo)  
Helenice Ciampi (PUC/SP)  
Jaqueline de Almeida (SME de São Paulo)  
João Carlos Ribeiro de Andrade (RME/ BH e de Betim)  
José Valter Castro (REE da Bahia)  
Leonardo Machado Palhares(IFMG – Campus Formiga)  
Lívia Tôrres Cabral (UEMG)  
Lorene dos Santos (PUC- MG)  
Luísa Teixeira Andrade Pinho (UniBH)  
Maria Lenice de Andrade Rocha (RME de Nova Iguaçu/RJ)  
Maria Telvira da Conceição (URCA)  
Mariano Alves Diniz (RME de Belo Horizonte)  
MarizeteLucini (UFS)  
Miriam Hermeto de Sá Motta (FAFICH- UFMG)  
Nayara Silva de Carie (REE de Minas Gerais)  
Patrícia Bastos de Azevedo (UFRRJ)  
Patrícia Cerqueira dos Santos (REE e RME de São Paulo)  
Paulo Gomes Coutinho (RME do Rio de Janeiro)  
Priscila Dias Carlos (REE de São Paulo)  
Rogério Correia da Silva (UFMG)  
Roseli Correia da Silva (RME de Belo Horizonte)  
Soraia Freitas Dutra (Centro Pedagógico-UFMG)  
Waldeci Ferreira Chagas (UEPB/Campus Guarabira)

## Sumário

---

APRESENTAÇÃO .....	9
PROGRAMAÇÃO GERAL .....	12
PROGRAMAÇÃO 18/04/2015 - sábado.....	13
PROGRAMAÇÃO 19/04/2015 - domingo.....	14
PROGRAMAÇÃO 20/04/2015 – segunda-feira .....	16
PROGRAMAÇÃO 21/04/2015 – terça-feira.....	18
MESAS REDONDAS .....	19
GRUPOS DE DISCUSSÃO (GD).....	25
MINICURSOS.....	56
OFICINAS .....	62
TEXTOS NORTEADORES DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO (GDs) .....	65



**Questões Socialmente Vivas e o Ensino de História** é o tema central do IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e do IV Encontro Internacional do Ensino de História.

São controversas e vivas socialmente aquelas questões que problematizam as representações sociais e valores estabelecidos; aquelas que são portadoras de dimensões identitárias e que se expressam por meio de conflitos étnico-religiosos, de raça, de gênero, de relações racistas e xenófobas. São aquelas questões que tomam a memória – presente em lugares, práticas, em bens materiais e simbólicos- como um valor disputado entre grupos sociais, entre etnias, povos, em suas relações com o Estado/Nação. São aquelas questões que envolvem interesses predominantemente econômicos e de dominação geopolítica, representando conflitos históricos particulares, regionais e mundiais. São QSV, portanto, aquelas questões que se apresentam como campo de disputas e de interesses entre o Estado e a sociedade, entre diferentes grupos sociais, em cada presente histórico, ou seja, no presente do passado e no presente do presente de diferentes sociedades, cada vez mais em relações de diferentes escalas. As QSV, em geral, repercutem e se amplificam pelos meios de comunicação televisivos e digitais, atingindo e afetando direta ou indiretamente e em diferentes graus as representações, as ações e sensibilidades dos cidadãos, e, portanto, tocando significativamente atores educativos diversos, em especial professores, crianças, jovens, adultos, famílias, igreja e outros. Pode-se dizer, ainda, que as Questões Socialmente Vivas têm comparecido no que hoje se denomina de História Pública, que é a difusão do conhecimento histórico para amplas audiências/públicos como o cinema, as telenovelas de caráter histórico, os museus, os centros de cultura, a história oral e local difundida por meio de recursos das mídias digitais, a televisão, o rádio, os jornais, as revistas.

Enfim, as QSV podem ser tratadas como questões-problemas do presente que derivam da relação presente/ passado/futuro e que se encontram em aberto no seio da sociedade interrogando os diferentes sujeitos e as diferentes práticas educativas, culturais, de pesquisas, de memória.

Fazemos, então, este convite para que apresente suas questões e dialogue com os colegas durante o IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e do IV Encontro Internacional do Ensino de História.

## **A HISTÓRIA DOS DOIS ENCONTROS**

Os dois encontros, nesse ano de 2015, realizados em Belo Horizonte fazem parte de uma trajetória de debates e de produção sobre o Ensino de História no Brasil construída por professores e historiadores iniciada em finais dos anos setenta do século passado.

Em 1988, com a realização do I Seminário Nacional Perspectivas do Ensino de História, promovido pela Faculdade de Educação da USP, essas iniciativas tomam fôlego. No decorrer dos anos consolidou-se o Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História e os GTs do Ensino de História e Educação da ANPUH em dimensões nacional e regional. Todos esses encontros refletiram (e refletem) o movimento de consolidação do campo do ensino e da pesquisa em ensino de História no Brasil que, a partir dos primeiros anos do século XXI ampliou suas relações de trabalho e produção com colegas e grupos de outros países.

Ao longo de sua trajetória, o Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História abordou temáticas variadas, sintonizadas com os desafios que vivem os professores de História em diversos níveis de ensino, sobretudo, nas escolas públicas da Educação Básica. Desafios que expressam tensões ou diálogos com as políticas educacionais e curriculares dos últimos 30 anos; com as condições do trabalho docente; com os movimentos sociais em prol do reconhecimento e afirmação de outras culturas e o combate ao racismo; com as mudanças culturais aceleradas pelos novos meios de comunicação e com a universalização e democratização da educação formal, que trouxeram para a escola crianças, jovens e adultos que até então estavam dela excluídos.

Encontros anteriores focalizaram, dentre outros, os temas das Reformulações Curriculares, dos Sujeitos, saberes e práticas, dos Múltiplos ensinos em múltiplos espaços, do Ensino de História, Cidadania e Consciência Histórica e do Ensino de História: Memória, Sensibilidades e Produção de Saberes.

O tema central IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e IV Encontro Internacional do Ensino de História “Questões Socialmente Vivas e o Ensino de História” será debatido a partir de três eixos principais:

1. Saberes e Práticas
2. Sujeitos e Culturas
3. Ensino de História e História Pública

Tais eixos estão presentes sob a forma de Conferências, Mesas-redondas, Minicursos, Oficinas, Grupos de Discussão de experiências docentes e de pesquisa. Além disso, estão também presentes na exposição de materiais didáticos, trabalhos de campo e outros, apresentados em posters e diferentes tipos de mídia.

Nossa ideia é de que o *Perspectivas* possa se singularizar, cada vez mais, como um encontro realizado PARA e COM os professores da Educação Básica.

Sejam bem vind@s!

Lana, Cláudia, Eucídio e Júnia

## PROGRAMAÇÃO GERAL

<b>DIA HORÁRIO</b>	<b>18/04/2015 (sábado)</b>	<b>19/04/2015 (domingo)</b>	<b>20/04/2015 (segunda- feira)</b>	<b>21/04/2015 (terça-feira)</b>
8h às 10h	Credenciamento  Inscrição chapas ABEH	Minicursos Oficinas	Minicursos Oficinas	Sugestões de Espaços Culturais:  Inhotim  Museu de Artes e Ofícios (MAO)  Museu Histórico Abílio Barreto  Circuito cultural Praça da Liberdade
10h às 10h30	Conferência de Abertura	INTERVALO	INTERVALO	
10h30 às 12h30		Grupos de Discussão (GD)	Grupos de Discussão (GD)	
12h30 às 14h	ALMOÇO	Pôsteres/ Vídeos/ Blogs  ALMOÇO  Urnas Votação ABEH	Pôsteres/ Vídeos/ Blogs  ALMOÇO  Apuração Eleição ABEH	
14h às 16h30	Mesas Redondas	Mesas Redondas	Mesas Redondas	
16h30 às 17h	INTERVALO intervenções artísticas	INTERVALO intervenções artísticas	INTERVALO intervenções artísticas	
17h às 19h	Minicursos Oficinas	Minicursos Oficinas	Plenária  Assembleia geral da ABEH e posse da Diretoria	
19h às 20h30	Confraternização e Lançamento de Livros	Aula Show	Mesa Redonda de Encerramento	

## PROGRAMAÇÃO 18/04/2015 - sábado

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
8h às 10h	<b>Credenciamento</b> <b>Inscrição chapas para ABEH</b>	Saguão da Entrada Principal FaE/UFMG
10h às 12h30	<b>Conferência de Abertura</b> “A educação entre o memorial e o virtual: o desafio de avivar a fagulha do passado” Silvia Finocchio(UBA-UNLP-FLACSO)	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG
12h30 às 14	<b>ALMOÇO</b>	Restaurante Setorial e/ou Cantina da FaE/UFMG
14h às 16h30	<b>MesasRedondas</b>	
	1. História, práticas e experiências inovadoras na formação dos profissionais de História.	Sala de Teleconferência FaE/UFMG
	2. Arquivos e educação: potencialidades para o ensino de História, na relação com lugares e práticas de memória na contemporaneidade.	Auditório Luiz PompeuFaE/UFMG
	3. A História ensinada no Brasil e na Argentina: conexões possíveis	Sala 4101 - FaE/UFMG
	4. Culturas juvenis na contemporaneidade e os processos de construção do saber histórico escola	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG
16h30 às 17h	<b>INTERVALO - intervenções artísticas</b>	
17h às 19h	<b>Minicursos / Oficinas</b>	
	1. Arquivos e ensino de História	Laboratório Informática FaE/UFMG
	2. História Pública, Cinema e Educação	Sala 4101 - FaE/UFMG
	3. Histórias em Quadrinhos e Ensino de História: Questões socialmente vivas nas narrativas gráficas	Sala 4104 - FaE/UFMG
	4. Papai, para que serve a História?	Sala 4105 - FaE/UFMG
19h às 20h30	5. Projetos educativos de museus históricos: desafios e potencialidades	Sala 4106 - FaE/UFMG
19h às 20h30	Confraternização e Lançamento de Livros	Saguão Portaria Principal FaE/UFMG

## PROGRAMAÇÃO 19/04/2015 - domingo

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
<b>8h às 10h</b>	<b>Mini curso / Oficina</b>	
	1. Arquivos <i>online</i>	Laboratório Informática FaE/UFMG
	2. As exposições de arte e a educação da sensibilidade	Sala 4101 - FaE/UFMG
	3. Ensino de História, História Oral e história local: desafios e potencialidades para implementação da Lei 10.639/03	Sala 4104 - FaE/UFMG
	4. Negociando a distância entre os alunos e a história: como a argumentação pode auxiliar no desafio de tornar o ensino de história significativo	Sala 4105 - FaE/UFMG
	5. O ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena via Literatura de matriz africana e dos artefatos culturais indígenas	Sala 4106 - FaE/UFMG
	6. O olhar sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte: experiências interdisciplinares entre História, Geografia e Ciências Naturais	Sala 3108 - FaE/UFMG
	7. Olimpíada Nacional em História do Brasil	Sala 3107 - FaE/UFMG
	8. Uma Proposta de atividade integrada: literatura infantil e conhecimento histórico em sala de aula.	Sala 4108 - FaE/UFMG
<b>10h às 10h30</b>	<b>INTERVALO- intervenções artísticas</b>	
<b>10h30 às 12h30</b>	<b>GRUPOS DE DISCUSSÃO</b>	
	1. As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História	Sala 3107 - FaE/UFMG
	2. Cartografia(s) da(s) memória(s) sensíveis na/da cidade(s)	Sala 4101 - FaE/UFMG
	3. Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do ensino de História	Sala 3108 - FaE/UFMG
	4. Diversidade Étnico-racial e ensino de História: história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula	Sala 3102 - FaE/UFMG
	5. Ensino de História, Cinema e Literatura	Sala 4107 - FaE/UFMG
	6. Ensino de história e educação de jovens e adultos: o currículo crítico e emancipatório como possibilidade de atuação docente	Sala 4106 - FaE/UFMG
	7. Ensino de História e Linguagem: experiências na história ensinada	Sala 4104 - FaE/UFMG
	8. Leitura de textos históricos escolares	Sala 3101 - FaE / UFMG
	9. Os docentes frente à cultura escolar: suas práticas	Sala 4105 - FaE/UFMG

	e seus materiais	
	10. Comunidades tradicionais: Desafios para a educação	Sala 4108 - FaE/UFMG
	11. História indígena no ensino regular	Sala 3106 - FaE/UFMG
	12. A abordagem dos "passados dolorosos nos livros didáticos de história	Sala 3104 - FaE/UFMG
	13. Os museus e a formação da consciência histórica	Sala 3105 - FaE/UFMG
<b>12h30 às 14h</b>	<b>Pôsteres/Vídeos/ Blogs</b>	Saguão e Corredores próximos ao auditório Luiz Pompeu – FaE/UFMG
	<b>ALMOÇO</b>	Restaurante Setorial e/ou Cantina da FaE/UFMG
	<b>Urnas Votação ABEH</b>	Saguão da Entrada Principal FaE/UFMG
<b>14h às 16h30</b>	<b>MesasRedondas</b>	
	1. Cinema, História e Memória: construindo estilos de vida na contemporaneidade	Sala 4101 - FaE/UFMG
	2. A formação acadêmica e a prática do professor de História: entre sujeitos, memórias e identidades.	Sala 4107 - FaE/UFMG
	3. História, cultura e ambiente: entre saberes e práticas	Auditório Luiz Pompeu FaE/UFMG
	4. Educação para a cidadania: propostas museológicas em instâncias do poder público	Sala de Teleconferência FaE/UFMG
	5. Saberes e práticas na escola básica brasileira contemporânea: entre demandas e projetos	Sala de Defesa Pós FaE/UFMG
	6. O Programa de Iniciação às Docência e o ensino de História	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG
<b>16h30 às 17h</b>	<b>INTERVALO</b>	
<b>17h às 19h</b>	<b>Minicursos / Oficinas</b>	
	1. História Pública, Cinema e Educação	Sala 4101 - FaE/UFMG
	2. Histórias em Quadrinhos e Ensino de História: Questões socialmente vivas nas narrativas gráficas	Sala 4104 - FaE/UFMG
	3. Laboratórios de ensino de História: trajetórias e aproximações entre Universidades e Escolas	Sala 3102 - FaE/UFMG
	4. Papai, para que serve a História?	Sala 4105 - FaE/UFMG
	5. Projetos educativos de museus históricos: desafios e potencialidades	Sala 4106 - FaE/UFMG
	6. Photoscape	Laboratório Informática FaE/UFMG
<b>19h às 20h30</b>	Aula Show	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG

## PROGRAMAÇÃO 20/04/2015 – segunda-feira

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
<b>8h às 10h</b>	<b>Mini curso / Oficina</b>	
	1. As exposições de arte e a educação da sensibilidade	Sala 4101 - FaE/UFMG
	2. Dimensões educativas do Patrimônio Cultural	Sala 3105 - FaE/UFMG
	3. Do riso ao siso: a leitura de cartons e cartazes políticos	Sala 3101 - FaE / UFMG
	4. Ensino de História, História Oral e história local: desafios e potencialidades para implementação da Lei 10.639/03	Sala 4104 - FaE/UFMG
	5. Negociando a distância entre os alunos e a história: como a argumentação pode auxiliar no desafio de tornar o ensino de história significativo	Sala 4105 - FaE/UFMG
	6. O ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena via Literatura de matriz africana e dos artefatos culturais indígenas	Sala 4106 - FaE/UFMG
	7. Uma Proposta de atividade integrada: literatura infantil e conhecimento histórico em sala de aula.	Sala 4108 - FaE/UFMG
<b>10h às 10h30 INTERVALO</b>		
<b>10h30 Às 12h30</b>	<b>GRUPOS DE DISCUSSÃO</b>	
	1. As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História	Sala 3107 - FaE/UFMG
	2. Cartografia(s) da(s) memória(s) sensíveis na/da cidade(s)	Sala 4101 - FaE/UFMG
	3. Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do ensino de História	Sala 3108 - FaE/UFMG
	4. Diversidade Étnico-racial e ensino de História: história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula	Sala 3102 - FaE/UFMG
	5. Ensino de História, Cinema e Literatura	Sala 4107 - FaE/UFMG
	6. Ensino de história e educação de jovens e adultos: o currículo crítico e emancipatório como	Sala 4106 - FaE/UFMG
	7. Ensino de História e Linguagem: experiências na história ensinada	Sala 4104 - FaE/UFMG
	8. Leitura de textos históricos escolares	Sala 3101 - FaE / UFMG
	9. Os docentes frente à cultura escolar: suas práticas e seus materiais	Sala 4105 - FaE/UFMG
	10. Comunidades tradicionais: Desafios para a educação	Sala 4108 - FaE/UFMG
	11. História indígena no ensino regular	Sala 3106 - FaE/UFMG
12. A abordagem dos "passados dolorosos nos livros didáticos de história	Sala 3104 - FaE/UFMG	



	13. Os museus e a formação da consciência história	Sala 3105
12h30 às 14	<b>Pôsteres/Vídeos/ Blogs</b>	Saguão e Corredores próximos ao auditório Luiz Pompeu – FaE/UFMG
	<b>ALMOÇO</b>	Restaurante Setorial e/ou Cantina da FaE/UFMG
	<b>Apuração Eleição ABEH</b>	Sala de Defesa Pós FaE/UFMG
14h às 16h30	<b>Mesas Redondas</b>	
	1. Ensino de História e História Pública: o digital em debate	Sala 4101 - FaE/UFMG
	2. Formação de professores e práticas investigativas	Auditório Luiz Pompeu FaE/UFMG
	3. Relações entre o passado e o presente: construção Identitária e orientação temporal	Sala de Teleconferência FaE/UFMG
	4. As manifestações de junho e a volta da política à ruas	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG
	5. Formação de professores: perspectivas regionais e nacionais	Sala 4107 - FaE/UFMG
	6 - Tecnologias digitais no contexto da formação docente e ensino/aprendizagem de História: aproximações com as Questões Socialmente Vivas.	Sala de Defesa Pós FaE/UFMG
16h30 às 17h	<b>INTERVALO</b>	
17h às 19h	<b>Plenária</b>	Auditório Neidson Rodrigues FaE/UFMG
	<b>Posse Diretoria ABEH</b>	
19h às 20h30	<b>Mesa-Redonda de Encerramento</b> “Ensino médio: questões controversas em debate” Carla Beatriz Meinerz -URGS Mariza Ribeiro Teixeira Duarte- UFMG Paulo Eduardo Dias de Mello- UEPG Carla Ferretti Santiago (Puc Minas- Colégio Santo Antonio) - Mediadora	

## PROGRAMAÇÃO 21/04/2015 - terça-feira

---

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAIS
8h às 17h	<b>Espaços Culturais</b>	Inhotim Museu de Artes e Ofícios (MAO) Museu Histórico Abílio Barreto Circuito Cultural Praça da Liberdade

### **1. História, práticas e experiências inovadoras na formação dos profissionais de História. (Sala de Teleconferência FaE/UFMG)**

Estudos e pesquisas sobre a formação de professores de História a partir de experiências que valorizam a relação com o lugar do exercício da prática docente; as relações com a memória e a imagem do sagrado, via patrimônio; as possibilidades de se pensar sobre um novo ensino de História e as implicações para os cursos de licenciatura; o espaço escolar permeado por diferentes relações mediadas por leis, prescrições curriculares, materiais didáticos, metodologias de sala de aula e estratégias de relacionamentos; práticas e experiências inovadoras na formação dos profissionais de História.

*Maria Augusta Castilho (UCDB)- Coordenadora/Mediadora*

*Margarida Maria Dias De Oliveira (UFRN)*

*Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ/FGV)*

*Marisa Noda (UENP)*

### **2. Arquivos e educação: potencialidades para o ensino de História, na relação com lugares e práticas de memória na contemporaneidade.(Auditório Luiz Pompeu FaE/UFMG)**

Diálogo sobre os movimentos e articulações entre arquivos e educação; Arquivos, ensino de História e produção de conhecimentos históricos escolares; Relações entre arquivos e práticas culturais de educação das sensibilidades; Arquivos e suas relações com práticas de memória e suas narrativas, no tempo presente.

*Adriana Carvalho Koyama (Centro de Memória- Unicamp) - Coordenadora/ Mediadora*

*Silvia Finnochio (Flacso- Argentina)*

*Ana Maria de Almeida Camargo (FFLCH- USP)*

*Maria Sílvia Duarte Hadler (Escola Comunitária de Campinas)*

### **3. A História ensinada no Brasil e na Argentina: conexões possíveis(Sala 4101 FaE/UFMG)**

Pesquisas sobre o ensino de História no Brasil e na Argentina: Especificidades nacionais e dimensões transnacionais do livro didático de História no período 1900-2000: uma análise comparada entre Brasil e Argentina (Flávia Eloisa Caimi); Projeto HISPED- História de Sucesso Pedagógico: outros olhares para o ensino e a aprendizagem na escola (Sandra R. F. Oliveira); Os jovens e a América Latina: Ensino de História e consciência histórica latino-americana no Brasil e na Argentina (Juliana Pirola da Conceição).

*Flávia Eloisa Caimi (UPF/RS)- Coordenadora*

*Sandra Regina Ferreira de Oliveira (UEL)*

*Juliana Pirola da Conceição (UNICAMP)*

*Mário Lanna (PUC Minas)- Mediador*

#### **4. Culturas juvenis na contemporaneidade e os processos de construção do saber histórico escola(Auditório Neidson Rodrigues -FaE/UFMG)**

Relações entre estudantes de escolas públicas de Educação Básica do Brasil e da Argentina e diferentes artefatos da cultura contemporânea; apropriação dos conhecimentos históricos e artefatos culturais; jovens estudantes, seus professores, os conhecimentos históricos advindos de artefatos e o saber histórico escolar; o projeto Peabiru - ensino de História e cultura contemporânea; o livro Peabiru - um caminho, muitas trilhas; a construção do blog Arquivo da História.

*Ernesta Zamboni (UNICAMP)- Coordenadora / Mediadora*

*Aléxia Pádua Franco (UFU)*

*Magda Madalena Tuma (UEL)*

*Rosa Pelegrini (Rede Municipal de Uberlândia- MG)*

#### **5. O livro didático de História hoje: prescrições e práticas nacionais e transnacionais(Sala de Defesa PósFaE/UFMG)**

Referenciais e perspectivas sobre o Livro Didático; prescrições relacionadas à produção do artefato e práticas acerca da escrita sobre determinados aspectos da experiência do nacional; os critérios de qualidade disseminados nas últimas duas décadas por instituições públicas e privadas, no Brasil, África do Sul e Índia; as práticas de produção, composição textual e imagética das obras distribuídas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - 1995-2011), perspectiva comparada-entre as próprias coleções e entre a historiografia acadêmica e a historiografia escolar- privilegiando as categorias de acontecimento, narrativa, identidade, representação e memória social.

*Helenice A Bastos Rocha (UERJ)- Coordenadora*

*Itamar Freitas (UFS)*

*Mauro Cezar Coelho (UFPA)*

*Luisa Teixeira Andrade (UNI BH)- Mediadora*

**1. Cinema, História e Memória: construindo estilos de vida na contemporaneidade(Sala 4101FAE/UFMG)**

O cinema e a formação para a educação e para a aprendizagem do homem contemporâneo; o cinema como um artefato cultural; educar historicamente por meio do cinema; o permanente desafio pedagógico de construção de um mundo melhor através de um meio artístico e pedagógico fascinante.

*José Miguel Lopes (FAE/UEMG) - Coordenador*

*Marcos Silva (FFLCH/ USP)*

*Carlos Vinícius de Mendonça (UFES)*

*Rodrigo de Almeida Ferreira (UNILASALLE/RJ) - Mediador*

**2. A formação acadêmica e a prática do professor de História: entre sujeitos, memórias e identidades.(Sala 4107FAE/UFMG)**

A formação do professor de História, as recentes mudanças relativas à educação, conteúdos, abordagens e sujeitos; Memória, História, identidades, novos instrumentos de aprendizado; Saberes adquiridos fora das salas de aula, experiências individuais e cotidianas do processo de ensino e aprendizagem do aluno e do professor.

*Virgínia Maria Trindade Valadares (Puc Minas) – Coordenadora / Mediadora*

*Carla Ferretti Santiago (Puc Minas- Colégio Santo Antonio)*

*Olavo Pereira Soares (Universidade Federal de Alfenas)*

*Luciana Oliveira Correia (Universidade Estadual da Bahia)*

**3. História, cultura e ambiente: entre saberes e práticas (Auditório Luiz Pompeu FAE/UFMG)**

O lugar do ambiente na paisagem cultural das cidades; os diversos modos como a temática ambiental aparece na História contemporânea, na memória dos moradores e em práticas docentes; Relações entre História, Ambiente e Cultura, memórias, saberes e práticas; Patrimônio ambiental e práticas docentes; os quintais, seus usos sociais, principais espécies cultivadas, conhecimentos e práticas; patrimônio e paisagem cultural das cidades contemporâneas.

*Karla Pádua (FAE/UEMG)- Coordenadora*

*Circe Bittencourt (USP)*

*Roseli Correia da Silva (RME/BH)*

*Lana Mara Castro Siman (UEMG)- Mediadora*

#### **4. Educação para a cidadania: propostas museológicas em instâncias do poder público(Sala de Teleconferência FAE/UFMG)**

A curadoria e produção de exposições de cunho histórico e institucional; a exposição histórica como dispositivo de um novo campo de atuação do historiador-a História Pública; exposições no Centro Cultural Câmara dos Deputados; o uso de novos suportes tecnológicos; Memorial da Assembléia de Minas Gerais, a atuação parlamentar, os canais de participação política e o papel da sociedade civil na construção da democracia.

*Ricardo Oriá Fernandes (Centro Cultural da Câmara dos Deputados- Brasília/DF) - Coordenador*

*Frederico Pinho (Assembleia Legislativa MG)*

*João Vitor de Oliveira Senna (Assembleia Legislativa MG)*

*Junia Pereira Sales (UFMG/MEC) - Mediadora*

#### **5. Saberes e práticas na escola básica brasileira contemporânea: entre demandas e projetos (Sala de Defesa PósFAE/UFMG)**

Os saberes e práticas dos sujeitos/atores escolares; Memórias, Histórias e experiências cotidianas; Relações, tensões e conflitos entre identidades plurais; Os desafios do cotidiano escolar e os de História dos diversos níveis de ensino; A prática pedagógica e a participação dos segmentos sociais na escola; A escola e a diversidade social, cultural e étnico-racial de seus sujeitos /atores; experiências nos diversos segmentos da Educação Básica: Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

*Helenice Ciampi (PUC/SP)- Coordenadora*

*Ana Maria Monteiro (UFRJ)*

*Claudia Sapag Ricci (UFMG)*

*João Carlos Andrade ( prof RMEBH)- Mediador*

#### **6. O Programa de Iniciação à Docência e o ensino de História(Auditório Neidson Rodrigues FAE/UFMG)**

Experiências de Subprojetos de História no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); Possibilidades e limites do PIBID no processo de formação inicial do licenciado em História; estratégias de formação profissional, no contexto da cultura escolar; relações entre a Universidade e a Escola e a tríade professor da universidade, professor da escola, licenciando.

*Francisco Egberto de Melo (URCariri)- Coordenador / Mediador*

*Carla Beatriz Meinerz (UFRGS)*

*Nilton Mullet Pereira (UFRGS)*

*Sônia Maria de Meneses Silva (URCariri)*

**1. Ensino de História e História Pública: o digital em debate(Sala 4101FAE/UFMG)**

Implicações curriculares na historiografia escolar; o digital na formação de professores; o potencial da web para o acesso às historiografia indígena e à antropologia; os videogames, o professor e o historiador do século XXI.

*Christiano B Monteiro dos Santos (UFRJ- CAP / UERJ)*

*Marcella Albaine Farias da Costa (UFRJ)*

*Maria Perpétua Baptista Domingues (UFRJ)*

*Marco de Almeida Fornaciari (UFF)*

**2. Formação de professores e práticas investigativas (Auditório Luiz Pompeu FAE/UFMG)**

Experiências e propostas de formação docente em contexto de formação inicial; a construção de um professor reflexivo e investigador; práticas e reflexões investigativas e análises de fontes de diversas naturezas e linguagens; Experiências com leitura e interpretação de fontes visuais, apreciação estética de obras de arte, exploração de desenhos e mapas mentais, documentários /filmes como recurso pedagógico, materialidades e representações locais, fontes cartográficas, indagações de objetos de cultura material, visitas a museus e a implementação de debates a respeito dos patrimônios culturais e históricos.

*Antonia T. Calazans Fernandes (FFLCH - USP) - Coordenadora*

*Maria do Céu de Melo (UMinho)*

*Sonia Regina Miranda (UFJF)*

*Rita de Cássia de Chagas Henriques (RME BH)- Mediadora*

**3. Relações entre o passado e o presente: construção Identitária e orientação temporal (Sala de Teleconferência FAE/UFMG)**

O pensamento de alunos do Ensino Médio sobre o conceito de tempo e suas relações com a aprendizagem histórica; as concepções de passado e presente e como os estudantes as relacionam entre si, a partir do tema Ditadura/Democracia no Brasil, na segunda metade do século XX; pressupostos teóricos de Jorn Rüsen e Peter Lee; a formação conceitual no ensino de História.

*Kátia Maria Abud Lopes (USP)- Coordenadora / Mediadora*

*Regina M Oliveira Ribeiro (UFRRJ)*

*Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)*

*Ronaldo Cardoso Alves (UNESP/Assis)*

#### **4. As manifestações de junho e a volta da política à ruas (Auditório Neidson Rodrigues FAE/UFMG)**

As manifestações de 2013 e o sistema de representação formal do país; a ação dos manifestantes e suas características; o conflito entre a motivação aos protestos e campo de representação institucional do país; os impactos, valores, ideologias e formas de organização dos manifestantes de junho e conflitos abertos com o campo institucional da política brasileira.

*Regina H Alves (FAFICH/UFMG) - Coordenadora*

*Rudá Ricci (Instituto Cultiva)*

*Livia Tôrres Cabral (UEMG)- Mediadora*

#### **5. Formação de professores: perspectivas regionais e nacionais (Sala 4107FAE/UFMG)**

A formação de professores de História, políticas públicas e iniciativas da Educação Básica e de docentes universitários; a prática como Componente Curricular na formação do professor de História nas universidades públicas brasileiras, após a Resolução CNE/CP 2/2002; Projetos Pedagógicos de Curso e a Educação Comparada; experiências de estágio de docência em diferentes espaços, além do escolar; processo de formação de professores nas escolas; saberes docentes do conhecimento histórico escolar, lugar de fronteira e campo de saber.

*Caroline Pacievitch (UFRGS)- Coordenadora / Mediadora*

*Angela Ribeiro Ferreira (UEPG)*

*Carmem Zeli de Vargas Gil (UFRGS)*

*Valéria FilgueirasDapper (Cefapro/UFMT)*

#### **6 - Tecnologias digitais no contexto da formação docente e ensino/aprendizagem de História: aproximações com as Questões Socialmente Vivas. (Sala de Defesa PósFAE/UFMG)**

Tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto da formação inicial do docente de História e processos de ensino e aprendizagem de História, mediados por um blog na perspectiva de compreender os discursos, as estratégias de produção, as maneiras como as tecnologias são apreendidas e como seus discursos são incorporados, ou não, pelas nossas ações e implicados nas Questões Socialmente Vivas.

*Lynn Rosalina Gama Alves (SENAI-CIMATEC e UNEB) - Coordenadora*

*Herbert de Oliveira Timóteo (PMBH e LABEPEH)*

*Márcia Maria Dias (SEE/MG - INEL/FETREMIS e UFMG)*



19 e 20 de abril de 2015 de 10h30 às 12h30

### EIXO: SABERES E PRÁTICAS

#### **1. As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História(Sala 3107FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Lorene dos Santos (PUC- MG) e Mariano Alves Diniz (Professor de História da Educação Básica- Belo Horizonte)

**Resumo:**Este Grupo de Discussão pretende constituir-se como espaço de debates e produção de conhecimentos sobre experiências que têm emergido no âmbito das atuais políticas públicas de formação docente, tais como o Pibid e o Prodocência, entre outros. Para isso, propõe abrigar trabalhos que apresentem reflexões teórico-metodológicas e problematizem as experiências desenvolvidas, preferencialmente em diálogo com a temática do Perspectivas 2015: Questões Socialmente Vivas. Os trabalhos podem ser resultados de pesquisas ou relatos de experiências desenvolvidas no âmbito de diferentes programas de formação docente, devendo apresentar reflexões que sejam capazes de evidenciar os saberes produzidos em diferentes instâncias, contribuindo para os diálogos entre a universidade e as escolas de Educação Básica. Parte-se do pressuposto de que o Pibid e outras políticas públicas de formação docente têm favorecido o comparecimento mais sistemático de temas atuais e suas possibilidades de compreensão no universo da sala de aula. Dessa forma, espera-se que o Grupo de Discussão seja capaz de constituir um rico espaço de interlocuções e de troca de experiências entre diferentes sujeitos, de evidenciar saberes e práticas que tem sido mobilizados e construídos, de favorecer a publicização de alternativas didático-pedagógicas e potencializar a produção de novos saberes no campo do ensino de História e da formação docente. Objetiva-se que este fórum seja capaz de mapear avanços e desafios, assim como instigar novas pesquisas sobre o ensino de História, seu compromisso com as questões socialmente vivas e com questões diversas, contribuindo para a formação dos sujeitos participantes e para seu engajamento na produção de novos saberes e de práticas escolares inovadoras.

AUTORIA	TÍTULO
Adriana Kivanski de Senna Julia Silveira Matos	Ensino de História e Educação a Distância: a vivacidade dos processos interativos
Camila Sanches Gomes Eucídio Pimenta Arruda	Tecnologias digitais no contexto da formação de professores na UFMG: educação presencial e a distância
Elisângela Goulart Moreira André Fidélis Santos Naila Regina Silva Martins	A bagagem cultural e a experiência da reescrita no Ensino de História
Elizabete Cristina de Souza Tomazini Marlene Rosa Cainelli	PIBID: novos olhares no Ensino de História
Felipe Rodrigues da Silva Nicolas Marcos	PIBID, Ensino de História e participação política
Gilvania Conceição dos Santos Marcela Serra Paul Cruz	Ressignificando o ensinar/aprender história a partir das propostas do PIBID: Tensões, diálogos e possibilidades
Iago Luan Braga Campos Helena Branjaóde Farias Raquel Freitas Mendes	O PIBID História e o tema da Diversidade
Ítalo Jonatas Alves Almeida	Sem "caô" e sem pudor: gênero como categoria de análise no ensino de história.
Ivonilda Ferreira de Andrade	Ressignificando Saberes e Práticas no Ensino de História: experiências de formação de professores alunos de Pedagogia do PARFOR
João Carlos Marques Romero Júnior Livia da Silva Mendes Paula Dayane Araújo	Visita nas comunidades Quilombolas Baú e Ausente
João Victor Morozini Coelho	Experiência de Programa de Iniciação a Docência (PIBID) em Londrina
Lorene dos Santos	Formação de professores para o trabalho com a diversidade e a reeducação das relações étnico-raciais
Lusanira Feitosa Viana Moreno	Interpretações Sobre a História Local da Cidade de Londrina – Uma Experiência do PIBID no Colégio Estadual Professor José Aragão
Marcello PanizGiacomoni Nilton Mullet Pereira	Curso "Jogos e Ensino de História": entre o jogar, o ensino a distância e as políticas públicas para educação
MaruzaAraujo Monteiro Stefany Domingos de Araújo	Educação inclusiva na Escola Carmosina Ferreira Gomes: desenvolvimento de metodologias para a inserção social através do ensino
Mônica Martins da Silva Andréa Ferreira Delgado	Ensino de História e Iniciação à Docência: Percursos formativos por meio do PIBID.
Norma Lucia da Silva	(Re) Inventando a Docência: Novos Métodos, Novas Práticas e Nova Formação no Curso de Licenciatura em História da UFT a Partir d
Nucia Alexandra Silva de Oliveira Luciana Rossato	Tornar-se professor de história: a experiência como bolsista PIBID
Sandra Regina Denipoti de Oliveira	Narrativas de experiências do PIBID no Colégio Estadual Hugo Simas em Londrina/PR
Silvana Gomes dos Reis Marlene Rosa Cainelli	O PIBID e a aliança entre teoria e prática em aulas de História. Reflexões iniciais de uma supervisora e seus estagiários
Valter Guimarães Soares	O Pibid de História da UEFS: percursos, tensões e desdobramentos na formação de docentes
Viviane Grace Costa	Ensino De História: Lugar De Fronteira Entre História E Memória – CIEP Brizolão 303 Ayrton Senna
Wilma de Nazaré Baia Coelho NicelmaJosenila Brito Soares	O PARFOR/UFPa e o Ensino de História: as representações dos estudantes sobre a formação e sua prática docente

## **2. Cartografia (s) da(s) memória(s) sensíveis na(da) cidade(s) (Sala 4101 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Lana Mara de Castro Siman (Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG); Lívia Torres Cabral (UEMG) e João Carlos Ribeiro de Andrade (E.M.Edir Terezinha de Almeida Fagundes/Rede Municipal de Betim)

**Resumo:** Em nosso Grupo de Discussão, Cartografia (s) da (s) memória (s) sensíveis na(da) cidade (s), pretendemos acolher pesquisas e fazeres educativos reflexivos construídos por pesquisadores, mestrandos, doutorandos, docentes e licenciandos que, em seus trabalhos, dialogam com dimensões de experiências de memórias sensíveis nos lugares na(da) cidade. Partimos do pressuposto, segundo o qual, estas experiências e pesquisas, potencialmente, podem oportunizar-nos um alargamento de nossa apreensão e compreensão de aspectos mais densos, também sensíveis e por vezes controversos e incertos, relacionados aos lugares no/do urbano. Supomos, ainda, ser lícito compreender essas experiências como uma das dimensões constitutivas do "direito à cidade". Elas constituem também alguns dos aspectos pelos quais perpassam as Questões Socialmente Vivas, emergindo dos saberes acadêmicos, escolares e também de controvérsias suscitadas no seio das relações sociais mais amplas. Estão implicadas, portanto, em polêmicas, incertezas e, por vezes, na busca de soluções de determinados problemas suscitados por questões do presente. A proposta dos "Encontros Nacionais Perspectivas do Ensino de História" tem se pautado pela construção de espaços, nos quais realizamos trocas de conhecimentos entre a Universidade e a escola básica, notadamente com os docentes da história. Neste IX encontro do Perspectivas, estaremos focando nossas trocas acerca da compreensão das Questões Socialmente Vivas - QSV - que, potencialmente, participam dos processos implicados com o ensino de história, desde a sala de aula aos variados ambientes educativos nos lugares na(da) cidade. Em nosso caso desejamos apreender, compreender e analisar, entre aquelas experiências sensíveis que emergem nos/dos lugares da cidade as dimensões das memórias sensíveis. Assim, diante da temática proposta, desejamos receber Projetos de Investigação, relatos reflexivos de experiências, dissertações ou teses em andamento ou concluídas.

AUTOR(A)	TÍTULO
Adriana Carvalho Koyama	Educação das sensibilidades e práticas de memória: percepções dos sujeitos da experiência e formação de professores.
Antonio Sérgio Nery Santos Silva Erica da Silva Oliveira	Elementos Urbanísticos que Ensinam História e Conservam a Memória: Vitória da Conquista e o Ensino de História
Claudia Ferreira de Melo	História Regional: ensino, identidades e memórias públicas em Cascavel PR (2008 - 2014)
Claudia Patricia de Oliveira Costa	A cidade e suas contribuições para a construção de consciência histórica: escrita e ensino de história local em Queimados – RJ.
Cleisson Melhado	Londrina 80 anos: algumas possibilidades de trabalhar História Regional além da documentação oficial escrita
Daniel Carvalho Pereira	A rua como um lugar: o Ensino de História entre a Memória e a Literatura
Fabiolla Falconi Vieira	Memórias de bairro no Colégio e.B.B. Getúlio Vargas (Florianópolis – SC).
Fatima Faleiros Lopes Maria Sílvia Duarte Hadler	Leituras da/na cidade: outros olhares, outras sensibilidades
Frederico Moreira	Tapetes sagrados, peregrinações serragens em cor: os saberes e fazeres presentes na festa, rito e memória popular sabarense
Helena Maria Marques Araújo	A história de Brenda – de visitante a usuária do Museu da Maré
Juçara da Silva Barbosa de Mello	A experiência na aula de história: memória e patrimônio
Márcia Elisa Teté Ramos	Apropriações de alunos do ensino médio quanto à história que um shopping conta sobre a cidade de Londrina-PR
Maria de Fátima Guimarães Sandra Aparecida de Souza André Luis La Salvia	Por entre memórias e histórias: colóquios, patrimônio cultural e questões sensíveis
Miriam Bianca Amaral Ribeiro	Comemorações e datas históricas, cultura histórica e história ensinada: mudanças e permanências
Mônica dos Reis Santos	Os coletivos Sarau Debaixo e Maré-Maré e a utilização dos espaços públicos: reflexões iniciais
Nara Rúbia de Carvalho Cunha Maria Carolina Bovério Galzerani	Primaveras Compartilhadas: práticas de memória na cidade labiríntica
Pedro Mülbersted Pereira	O processo de patrimonialização das fortalezas catarinenses pela Universidade Federal de Santa Catarina (1979 - 1992)
Rafael Nascimento da Silva Adriana Haruyoshi Biazon	O distrito se tornou município: as narrativas e aprendizagens históricas sobre a emancipação política do município de Tamarana.
Silvana Muniz Guedes Sandra Regina Ferreira de Oliveira	Memória, identidade e patrimônio - relações estabelecidas no calçadão de Londrina/PR
Sonia Miranda	O jovem e a cidade: significados e implicações pedagógicas no cotidiano escolar
Virgínia A. Castro Buarque	Memórias e ensino de história no município de Mariana-MG a partir de questões socialmente relevantes
Viviane Fernandes Silva Evilyn Oliveira Merlo	A construção de um roteiro patrimonial para o ensino de História: Santa Teresa e o Bonde (Rio de Janeiro - RJ)

### **3. Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do ensino de História (Sala 3108 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Helenice Ciampi (PUC/SP)- Elvis Roberto Lima da Silva (Rede Municipal de Ensino/SP)

**Resumo:**O GD "Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do ensino de História" esta comprometido em discutir os saberes e práticas dos sujeitos /atores escolares articulando memórias, histórias e experiências cotidianas. Objetiva problematizar de que modo a complexidade das relações, tensões e conflitos resultantes dos choques entre identidades plurais na sociedade contemporânea estão sintonizados com os desafios enfrentados pelos professores de História em diversos níveis de ensino, sobretudo, na rede pública da educação básica brasileira. Busca-se responder às perguntas: A prática pedagógica tem favorecido a participação de todos os segmentos sociais na escola? Como a escola tem se organizado para discutir a diversidade social, cultural e étnico-racial de seus sujeitos /atores? Tais questões estão associadas à formação de professores ao problematizar /sugerir /apresentar práticas/temáticas/experiências nos vários segmentos da educação básica. A idéia é enfatizar/exemplificar problemas, experiências e práticas nos diversos segmentos da educação, ou seja, fundamental I, fundamental II e Ensino Médio, contemplando o debate sobre Questões Socialmente Vivas.

AUTOR/A	TÍTULO
Amanda SangyQuiossa Sonia Regina Miranda	Significando relações e o Ensino de História: quando o aluno é foco
Ana Beatriz Da Silva Domingues	Diálogos a partir de uma constelação de blogs de professores de História
Antônio Aparecido Primo	Educar para preservar o patrimônio paleontológico de marília e região
Arnaldo Pinto Junior Kátia Valeska Azevedo	Experiências educacionais e o pibid/ufes: reflexões acerca do projeto patrimônios culturais do espírito santo
Arnaldo Pinto Junior Kátia Valeska Azevedo	Experiências educacionais e o pibid/ufes: reflexões acerca do projeto patrimônios culturais do espírito santo
Brayan Lee Thompson Ávila	As memórias sobre o regime civil-militar brasileiro (1964-1985) em sala de aula: um estudo como alunos do ensino médio
Bruna Da Silva Garcia Jussemar Weiss Gonçalves	Consciência histórica, tempo e memória: histórias docentes
Bruna Garcia Martins Daniel Porciúncula Prado	A utilização da memória como subsídio para o ensino de história
Carolina Pelle Ferreira Luciana Da Costa De Santana	Memória e Ensino de História: Reflexões sobre o Projeto Memória do C.E Antônio Prado Junior
Cristiane Aparecida Fontana Grümml Higor Donato Lazari Conte Rangel Lidani	A guerra do contestado em jogo: uma aula de história mais desafiadora e atrativa
Danielle Da Silva Ferreira	Patrimônio cultural e livro didático regional de história de pernambuco
Edinalva Padre Aguiar	Dando voz aos alunos: a importância da história escolar para a vida
Eduardo Mognon Ferreira Samuel Vinicius Da Silva	Entre o saber e o lúdico: as experiências dos jogos no ensino de história.
Eduardo Mognon Ferreira Samuel Vinicius Da Silva	Entre o saber e o lúdico: as experiências dos jogos no ensino de história.
Elvis Roberto Lima Da Silva	A criança e o jogo da vida: Movimentos Sociais e o saber histórico nos anos iniciais
Fernando Cesar Gouveia	Futuros Historiadores: o ensino de história e a prática social
Giovana Maria Carvalho Martins	Trabalhando com brincadeiras: as permanências e rupturas nas diversões na história de londrina
Ilka Miglio De Mesquita Tanize Feijão Monteiro Gustavo Dos Santos	Redescobrimos sentidos e possibilidades do trabalho com imagens no livro didático de história
Karina Elizabeth Serrazes	A trajetória da história ensinada no brasil e as relações entre estado e políticas de currículo
LucianErlan Silva Domingues Astrogildo Fernandes Da Silva Júnior	Formação saberes e práticas de professores: um estudo com os egressos do curso de história da facip-ufu (2011-2013)
Luisa Da Fonseca Tavares	O Ensino de História e a Educação do sensível: possíveis diálogos
Maria Aparecida De Lima	Narradores de javé: uso da narrativa fílmica em aula-oficina
Maria Giselle Marçal Franco	Arquivo pessoal e suas possibilidades: uma experiência educativa com arquivo pessoal no ensino de História
Maria Rita De Castro Lopes	O Entrelaçamento de Conhecimentos: estudo do meio no Parque Estadual Pico do Jaraguá
Micheline Alves Marques Alves Maria Cristina Dantas Pina	Caixa pedagógica "anos de chumbo": desafios no ensino e aprendizagem da história
Micheline Alves Marques Alves Maria Cristina Dantas Pina	Caixa pedagógica "anos de chumbo": desafios no ensino e aprendizagem da história
Muriel De Oliveira Morgante	O ensino de História da África e a Cartografia

Muriel De Oliveira Morgante	O ensino de História da África e a Cartografia
Nathalia Helena Alem Júnia Sales Pereira	Vozes dissonantes: o ensino da disciplina de História em espaços de formação profissional.
Patrícia Ferreira De Souza Lima	Inter-culturas em diálogo em projetos de ensino-pesquisa-extensão
Raquel Als Venera Felipe Rodrigues Da Silva	As linhas ou alinhavos do tempo: jogos de linguagem e sentidos de tempo nas políticas curriculares de história
Regina Maria Da Silva	Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História: análise de um sistema estruturado para o Ensino Fundamental
Renilson Rosa Ribeiro	Alfabetização histórica: o lugar do ensino de história na formação de professores – curso de pedagogia, modalidade à distância
Rosiane Marli AntonioDamazio	Garopaba (sc): narrativas históricas possíveis e sua ressonância na cultura escolar do ensino fundamental i
RutemaraFlorencio	História, política e ensino de história na escola pública
Sandra Regina Rodrigues Dos Santos	A prática como componente curricular: papel que desempenha na formação inicial dos futuros professores de História
Sonia Maria De Almeida Ignatiuk Wanderley	Narrativas e cultura histórica na constituição do saber histórico escolar
Sonia Maria De Almeida Ignatiuk Wanderley	Narrativas e cultura histórica na constituição do saber histórico escolar
ThamirisBettioTonholo Sandra Regina Ferreira De Oliveira	Ressignificando o trabalho com as datas comemorativas na escola: outros olhares para a prática educativa
Vanessa Souza Batista	Ensino de História da África: o uso de jogos no ensino de temáticas africanas
Véra Lucia Maciel Barroso	Ensino de História e Educação para o Patrimônio na formação de professores: relato de experiências (Faculdade Porto-Alegrense, 2
Veruschka De Sales Azevedo	Questões do Presente: Carolina Maria de Jesus e o Quarto de Despejo na escola pública.
Yara Cristina Alvim	A constituição do conhecimento histórico no currículo de Pedagogia

#### **4. Diversidade Étnico-racial e ensino de História: história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula (Sala 3102 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Waldeci Ferreira Chagas (UEPB/Campus Guarabira); Maria Telvira da Conceição (Universidade Regional do Cariri/URCA) e Priscila Dias Carlos (Escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Amélia Kerr Nogueira, São Paulo/SP)

**Resumo:** O GD tem como finalidade contribuir com a consolidação de um espaço de debate e reflexão sobre o ensino de História da África e Afro-brasileira especificamente: acompanhar através das produções acadêmicas que vem sendo desenvolvidas por pesquisadores do campo da História e da Educação, as questões e problemáticas sobre o ensino de História da África e Afro-brasileira na educação básica nacional. E, por fim, colaborar com as discussões sobre as práticas e experiências de sala de aula, no tocante ao trabalho escolar com as questões da História da África e Afro-brasileira no ensino de História atualmente.



AUTOR/A	TÍTULO
Araci Rodrigues Coelho Daisy Fatima Luiz Ranniê Henrique De França Silva	Histórias daqui e de Lá: uma experiência de ensino e aprendizagem da História e Cultura Afro-brasileira e Africana.
Bruna Auad Moreira Seixas Gilsimara Bernardes Gomes Bueno Fonseca	As interações culturais e sociais entre Brasil e África: Uma experiência na sala de aula
Carina Santiago Dos Santos	A literatura africana como possibilidade de ensino de História da África
Carla Beatriz Meinerz	Ensino de História e trajetórias da educação das relações étnico-raciais no município de Cachoeirinha, Rio Grande do Sul
Carlos Eduardo Valdez da Silva	A música como elemento problematizador no ensino de História da África e das relações étnico-raciais
Claudijane Pimenta Leal da Silva	Fontes literárias e aplicabilidade da Lei 11.645/08: a utilização de contos africanos no ensino de História em turmas do 6º ano.
Cleonice Perotoni Marcos Ribeiro da Silva	Gestão escolar e o ensino de história na perspectiva da lei 10.639/03: impasses ou possibilidades?
Cristiane Batista da Silva Santos	Experiências de ensino com a cultura africana e afro-brasileira no ensino de história regional e local
Davi Aragão Martins da Silva Eduardo Toscano Novaes Júnior Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	O ensino de história da África e da cultura afro-brasileira: desafios e possibilidades na Educação Básica
Fátima Maria Leitão Araújo Isaíde Bandeira da Silva	Livros didáticos de história do Ceará: o negro na escrita da história escolar
Flavia Alves Perdigão de Menezes Fabricio Barros Fidelis Jacqueline Castro Gonçalves	Reflexão sobre as práticas docentes voltadas às formações identitárias
Franciele Amaral Rodrigues dos Santos Astrogildo Fernandes da Silva Júnior	O ensino de história da África e da cultura afro-brasileira a partir de diferentes fontes e linguagens
Germana Maria Lopes da Silva	"Dia da Consciência Negra": Um olhar sobre o processo abolicionista e as manifestações culturais negras no Ceará.
Idanilda Ferreira Custódio	Que história é essa de racismo?
Igor Martin Pereira Lucas DenardiDaire Débora de Lima Gonçalves Antelmo	História afro-brasileira em sala de aula: diálogos entre História e a questão social
Isabelle de Lacerda Nascentes Coelho	Relações Étnico-Raciais e Inter-Religiosas no Ensino de História: Desafios e Perspectivas.
Joceneide Cunha dos Santos	MANDELA EM CENA: possibilidades de uso de um filme para o ensino de história da África
Karla Andrezza Vieira Vargas	Ensino de História e Educação das Relações Étnico Raciais: Produção de materiais didáticos
Leonardo Sousa da Silva Cilene de Sousa Agostinho Luis Carlos Oliveira da Silva	Práticas pedagógicas para o fortalecimento da educação para as relações étnico-raciais nas escolas de ensino básico - Alagoa Grande / PB
Livia Gomes Côrtes	A produção midiática e a aprendizagem: saberes de crianças nos anos iniciais

Luciano Magela Roza	A apropriação pedagógica da história afro-brasileira pós-abolição
Luiz Carlos do Carmo	Diversidade, práticas sociais e múltiplas consciências históricas, desafios ao ensino de História.
Márcia de Albuquerque Alves	"Anastácio, um Rei negro no Brasil": aplicação da lei 10.639/2003 no diálogo interdisciplinar entre História e Literatura
Marcos Ribeiro da Silva Cleonice Peotoni	Relações raciais e a formação docente: ensino de história e a lei 10.639/03
Maria Telvira da Conceição	Os discursos raciais em livros didáticos de história no Brasil e Moçambique: interpelações e aproximações
Pedro Berutti Marques	A África nos livros didáticos de História: uma análise a partir do conceito de civilização
Priscila Dias Carlos	De-colonizando saberes em círculos narrativos: uma experiência em escola da periferia de São Paulo.
Ricardo Ribeiro Tanuri Fábio Ferreira de Jesus Denis Aparecido Mendes de Oliveira	O Jongo e o Hip Hop: Memória, cultura e resistência negra do Império à contemporaneidade
Sônia Maria Soares de Oliveira Fátima Maria Leitão Araújo	Formação docente e ensino de história da África no Ceará: saberes e práticas
Waldecir Ferreira Chagas	Abordagens e perspectivas do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula
Warley da Costa	Conhecimento histórico escolar e questões étnico-raciais: sentidos de negro mobilizados nas propostas curriculares
Wylliane Estelaide Paixão de Santana Meireslaine Nascimento da Silva Bárbara Quadros Macedo Riquetti	Ensino de história e cultura afro-brasileira no Ensino Fundamental I e II: uma análise das práticas docentes

### **5. Ensino de História, Cinema e Literatura (Sala 4107 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Marizete Lucini (Universidade Federal de Sergipe) e José Valter Castro (Colégio Estadual Castro Alves - BA)

**Resumo:** O Grupo de Discussão Ensino de História, Cinema e Literatura propõe-se a discutir e refletir sobre a produção de saberes históricos ou memórias, possibilitados pelos usos de suportes didáticos como cinema, novelas históricas, literatura, cordel, contos, história em quadrinhos, poesias, biografias e documentários, com alunos do Ensino Fundamental, Médio, Superior ou outros grupos em formação, nas diferentes modalidades de ensino, em espaços escolares e não escolares. Para tanto, serão acolhidos trabalhos que discutam aspectos da narrativa histórica e da narrativa de ficção como gêneros que comunicam experiências temporais, compreendendo os suportes didáticos para além das características documentais. Mais que documento, concebemos o cinema, a literatura, o cordel, os contos, a história em quadrinhos, as poesias, as biografias e os documentários como experiências humanas que podem ser reinterpretadas, permitindo aos leitores/ouvintes, telespectadores e espectadores estabelecerem relações de pertencimento e de identificação com os textos acessados, bem como permitem aos sujeitos do presente, habitar o passado e transformá-lo em memória. Memória que também o constitui como sujeito histórico no presente. Sujeito que ao reinterpretar produz memória e saberes sobre a história.

AUTOR/A	TÍTULO
Ana Paula Silva Santana Larissa DE Assis Pimenta Rodrigues	"Como assim Cabral ?"
Antoniolvanilo Bezerra de Oliveira	Ensino de história e cinema: uma relação entre saberes e práticas
Antonio Robson de Oliveira Alves	Novos Métodos de Ensino: O Cinema como fonte e ferramenta para a aprendizagem: Análise do Filme "1492 – A conquista do Paraíso"
Clayton José Ferreira	Possibilidades acerca da temporalidade em Retrato do Brasil de Paulo Prado
Crislane Dias Santana	As produções acadêmicas sobre literatura de cordel na universidade federal de Sergipe.
Éder Cristiano de Souza	Cinema e Educação Histórica: percursos de um estudo empírico
Ester Gonçalves da Silva	Uma abordagem da história de Londrina na sala de aula
Francisco Dênis Melo	Educação Histórica e Aulas de Campo de História Local na cidade de Sobral
Francisco Henrique Vale Freire Francisco Aécio Ferreira Quariguasi	O cinema em sala de aula nas novas tecnologias do ensino
Geisiane Anatolia Gomes Helenice Afonso de Oliveira	Enunciados Históricos Sobre a Conjuração Mineira na História Escrita e no Ensino de História (1843-1897)
Glauca Dias da Costa	A África de Kiriku: introdução dos estudos de África a partir do filme "Kiriku e a Feiticeira"
Humberto Perinelli Neto Rodrigo Ribeiro Paziani Rafael Cardoso de Mello	Diálogos convergentes entre narrativas: a propósito de processos formativos envolvendo ensino de história e curtas metragens
Iranilson Burti de Oliveira	Literatura e cotidiano escolar: experiências de ensino de história na educação superior
Izaque Anvers Coqui	Londrina em ritmo de progresso (1960-1980): uso do cinema para explicar as contradições da modernidade
Janaina de Paula do Espírito Santo	Questões de cultura histórica: um estudo a partir de mangás
Jayza Monteiro Almeida	A utilização do cinema como recurso metodológico no ensino de História no Sistema Socioeducativo do Espírito Santo
José Douglas Alves dos Santos Marizete Lucini	A relação de professores e alunos do ensino de história com o cinema em sala de aula
José Valter Castro	O ensino de história e a relação com o saber na pós-modernidade
Juliana Gelbcke Felipe Bronoski Soares	História Pública e as preocupações da Didática da História
Leandro Batista de Araujo Cynara Lígia Pinheiro de Albuquerque Pereira Najara Thayany Bezerra de Lima	Cine escola: o uso do cinema como ferramenta didático-pedagógica no ensino história.
Maicon Roberto Poli de Aguiar	O Degustar Cinematográfico: Discussões sobre Alimentação através da Sétima Arte
Márcio Santos de Santana	A problemática da consciência histórica no filme "Juventude transviada"
Marília Alcântara Bernardelli	A imagem contemporânea da mulher nos livros didáticos de História
Matheus Henrique Marques Sussai	Na sala de aula: o Cine Teatro Ouro Verde na Folha de Londrina (1977 - 1999)
Maurício dos Santos Ferreira	Os desafios para o historiador em um set de produção: consultoria para a minissérie "Sansão e Dalila"
Nathália Hermann Manoela Salvador Frederico Christian Gonçalves Vidal da Fonseca	Uso de recursos audiovisuais na mediação do conhecimento a partir de oficinas sobre Revolução Francesa realizadas por membros do PIBID
Renato dos Santos Silva	Cinema e escola: O filme de Mazaropi como possibilidade metodológica para aulas de história no ensino fundamental.
Tatielly Rosa Rocha Paulo Vinicius Pereira	Estudando a ditadura militar brasileira (1964-1985): em busca do discurso civil e militar em Diamantina

**6. Ensino de história e educação de jovens e adultos: o currículo crítico e emancipatório como possibilidade de atuação docente (Sala 4106FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Alessandra Nicodemos Oliveira Silva (UFRJ) e Paulo Gomes Coutinho (PEJA/SME-RJ)

**Resumo:** Congregar estudos, pesquisas e experiências docentes relacionadas ao ensino de história no contexto da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular, na dimensão de reconhecer os desafios atuais e as especificidades que a escolarização de adultos trabalhadores coloca para os sujeitos da escola, na perspectiva de um construto curricular crítico e emancipatório. Debater a EJA como direito, para além das demandas legais e como possibilidade (dialética) de uma escolaridade emancipatória freireana no espaço formal/oficial da escola. Reconhecendo, dessa forma, o espaço escolar, particularmente o espaço da EJA, como um espaço em disputa contra hegemônica e potencialmente construtor de práticas docentes no Ensino de História, comprometidas com o desafio de problematizar e incorporar conhecimentos e experiências populares, a partir dos sujeitos da/na educação.

AUTOR/A	TÍTULO
ElisonAntonio Paim	Fazer-se professor de história na Educação de Jovens e Adultos em Florianópolis - SC
Fabiana Rodrigues	Educação prisional e o ensino de história: uma relação a construir
Fábio Dias Balaguer	O "Marco Zero" e os sentidos da memória pioneira
Joana Vieira Borges	"Santa Afro Catarina" na Educação de Jovens e Adultos: trabalhando a presença dos africanos e afrodescendentes em Florianópolis
Karla Franciele da Fonseca Daniela Fernanda Sbravati	Relato de experiência: o reconhecimento de saberes escolares de trabalhadores da área de Turismo, Hospitalidade e Lazer
Leila Dupret NikolasBigler Luana Moreira	Samba-enredo: uma alternativa metodológica para o ensino de história da África, cultura africana e afro-brasileira
Mário Cléber Martins Lanna Júnior Lorene dos Santos	Educação Quilombola no Serro
Orlando Amendola	A Memória como um saber escolar e cotidiano histórico. Problematização: História e Memória : um diálogo é possível ?

## **7. Ensino de História e Linguagem: experiências na história ensinada(Sala 4104 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Patrícia Bastos de Azevedo (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e Maria Lenice de Andrade Rocha (Secretaria Municipal de Nova Iguaçu)

**Resumo:** A proposta de Grupo de Discussão que apresentamos busca estabelecer um diálogo entre os campos do Ensino de História e Linguagem. Discutindo com diferentes caminhos metodológicos, teóricos e espaços investigativos. Espaços estes que se constituam na interlocução ensino de História e Linguagem, tais como: a sala de aula, os jogos de enredos históricos, experiências em museus, periódicos de divulgação e outras possibilidades de diálogo. Questões a princípio triviais e cotidianas como os atos de ler o livro, escrever no caderno, responder provas, ler periódicos de História, praticar jogos com enredos históricos, visitar museus e tantas outras atividades que constituem este complexo, múltiplo, híbrido, ambivalente e polissêmico campo - a relação entre ensino de História e Linguagem - despertando muitos questionamentos e possibilidades investigativas. As práticas no ensino de História são marcadas pela linguagem em suas modalidades oral, escrita e imagética. Práticas estas que ao longo do tempo se constituíram como legítimas e válidas na difusão de conhecimentos produzidos na universidade, na escola e nos espaços de divulgação da História. Nossa proposta busca dialogar com a Educação Básica, Superior e as diversas possibilidades de formação e experiência histórica. Possibilidades estas que se caracterizam como lugar de divulgação, transmissão e consolidação de práticas do ensino de História e de letramento. O ensino de História é permeado e impactado pelas questões da Linguagem de forma singular, assemelhando-se e distinguindo-se da historiografia em seu sentido estrito. A atenção específica para os diálogos e tensões que são desenvolvidos entre ensino de História e Linguagem é um desafio que pretendemos entabular neste espaço de discussão, fomentando o exercício de olhar com mais atenção ao comum e cotidiano e ao exótico e excepcional. Trazemos uma incompletude e um inacabamento estruturante próprio deste processo de diálogo entre dois campos fecundos que apresentam muitos desafios e possibilidade a serem enfrentados.

AUTORIA	TÍTULO
Alexsandro Fernandes Silva Gabriel Marinho Oliveira Freitas	Letramento e História: perspectivas e possibilidades de ação.
Aline Martin Serra Ernesta Zamboni	Ensino e Cultura Contemporânea: O uso da internet em sala de aula
Ana Carolina Mota da Costa Batista	Oficina de História em Sala: um relato de experiência
Analice Marinho	A memória e o ensino de História: uma historicização da experiência espanhola (1939-2000).
Andrielly Karolina Duarte Braz	Ensino de História através de fotografias: experiências comparadas no Ensino Básico.
Aryane Kovacs Fernandes Thiago Machado Garcia Regina Célia Alegro	Utilização de fotografias no ensino de história: uma proposta da Oficina de Fotografia Documental (2010-2014)
Bergston Luan Santos	Juventudes, videogames e aprendizagem em História
Caio de Barros Martins Costa Jenifer Cabral Silva	O Espaço escolar, História, Memória e Ensino de História na série Harry Potter.
Camilla Oliveira Mattos	O surdo no Museu Nacional: projeto de acessibilidade e adequação da linguagem museográfica
Diego Bruno Velasco	Os sentidos de "verdade histórica" nas questões do ENEM
Edson Nascimento Campos Herbert de Oliveira Timóteo Mariano Alves Diniz Filho	Linguagem e História: o Tratamento Dialógico das Questões Socialmente Vivas
Fernando Leocino da Silva	Como se atribui sentido a História? Reflexões acerca dos registros memoriais de estudantes do Ensino Fundamental
Geovanio Carlos Bezerra Rodrigues Augusto Ridson de Araújo Miranda	Educação Histórica e Ensino de História mediado por fontes: reflexão-em-ação sobre a prática docente em história
Giane de Souza Silva Magda Madalena Tuma	Educação Histórica: a história local na aprendizagem histórica de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental
Gilcimara Bispo Souza de Almeida Polyana Jessica do Carmo de Souza	Música e cinema no ensino de história: muito mais que diversão
Jaqueline A. M. Zarbato	Ensino de história, Patrimônio cultural, memória: abordagens e reflexões nas aulas de história a partir da Educação Histórica
José Lúcio Nascimento Júnior	Ensino de História na Educação Profissional: Reflexão sobre ensino de História aplicada ao Turismo
Juliana Alves de Andrade Adriana Maria de Figueiredo Jansen Damares Jonas do Nascimento	O saber histórico escolar de crianças e adolescentes na cidade do Recife: um breve panorama sobre o ensino de história
Karoline Fin	Alguns apontamentos sobre a formação da Consciência Histórica
Luana Cíciliano Tavares	O Ensino de História versus as mídias digitais
Luciano de Azambuja	Consciência histórica, didática da história e canção popular: conceitos, categorias e empiria
Marcela da Silva Soares Caroline Pacievitch	Jogos virtuais na construção de conhecimentos históricos de estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental
Márcio André da Silva Aluize	Possibilidades pedagógicas das artes visuais e cênicas no ensino de história: metodologias e práticas.



Maria Aparecida da Silva Cabral Érika Maria de AraujoPessanha Emanoel Silva de Azevedo	Os usos das múltiplas linguagens no Ensino de História: reflexões sobre o currículo de História para o Ensino Fundamental ...
Maria Aparecida Lima dos Santos	Escrita "errada" ou produção de sentido? Análise de textos escritos por crianças e adolescentes nas aulas de História
Marta Ferreira da Silva	Itãn e a produção do conhecimento
Murilo José de Resende	A pesquisa de informações históricas na Internet
Nilton Mullet Pereira	Leitura e escrita na sala de aula de História: da prisão da palavra ao labirinto do exterior
Olavo Pereira Soares Ana Paula Rodrigues de Alencar Natália Vitta de Castro	A leitura e a escrita para a aprendizagem de conceitos históricos
Patricia Bastos de Azevedo Maria Lenice de Andrade Rocha	Tomar-se professor de História: práticas de letramento na licenciatura de História PARFOR/UFRRJ
Rafael Bastos Alves Privatti	Que História é essa? Letramento em História nos anos iniciais do Ensino Fundamental
Rafael de Jesus Souza	Programa "Geração Jovem" – Encontros de Música e História
Rosângela Gomes Pontes	Compreendendo a relação entre o currículo formal e o currículo vivido no ensino de História com base no ENEM de 2009.
Silma do Carmo Nunes	Ensino e aprendizagem de história: da tradição e da memória à construção de outras práticas pedagógicas
Suellen de Souza Lemonje	O professor de história e o uso de novas ferramentas pedagógicas: Programa Um Computador por Aluno no Colégio de Aplicação-UFSC
Valdineia Oliveira dos Santos Telma Gonçalves dos Santos	Heranças africanas e povos indígenas: novas linguagens para o ensino de história

### **8. Leitura de textos históricos escolares(Sala 3101 FaE / UFMG)**

**Coordenação:** Luísa Teixeira Andrade Pinho (Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH) e Nayara Silva de Carie (UFMG/ Escola Estadual Prof. Maria Cecília de Melo - SEEMG)

**Resumo:** As discussões e pesquisas sobre a leitura no ensino de História ainda são raras. Pouco se sabe a respeito do trabalho que os professores realizam em prol do letramento e da aprendizagem da leitura em História. Existe uma diversidade de práticas de leitura a ser conhecida, visto que os leitores - professores e alunos - são diversos e leem em condições singulares e diversas. A leitura de textos de natureza histórica requer a compreensão da especificidade da História. Isto é, de um conhecimento que envolve a compreensão do mundo social e de sua complexidade, com existência de conflitos e de atores com diferentes interesses; que se faz a partir de pontos de vista diversos e nas relações entre fatos políticos, religiosos, culturais, sociais e econômicos, estruturados pelas dimensões espaço-temporais presentes na compreensão da História. A leitura dos textos de natureza histórica depende da capacidade do leitor de "entrar" no texto, ou por intermédio dele, entrar no mundo das experiências, das ações, das causas ou motivações das quais o texto fala, e deste modo, (re)construir o "mundo histórico" retratado pelo autor. Além disso, ao entrar no mundo das experiências do texto, o leitor poderá também realizar confrontos e aproximações entre essas experiências e as suas próprias, criando-se um movimento dinâmico que enlaça temporalidades, sujeitos e contextos diferentes. Pretende-se neste GD contribuir para o conhecimento das condições em que processos de leitura são estabelecidos em aulas de História e das implicações dessas condições para que os alunos possam aprender como "ler história e "saber história", e para que sejam capazes de ler os diversos textos que circulam no cotidiano relacionados ao conhecimento histórico. Busca-se propiciar debates e interlocuções entre pesquisas e experiências em ensino de história ampliando o conhecimento sobre a leitura dos textos históricos escolares em variadas condições, espaços, propósitos e gêneros textuais.

AUTORIA	TÍTULO
Adriana Aparecida Pinto	Uma história a ser ensinada: a instrução em Mato Grosso nas páginas da imprensa de circulação geral e a história regional nos anos finais do século XIX (1880 – 1890)
Aline Choucair Vaz	O ensino de história e a "lição" da semana da pátria (1937-1945)
Carla Karinne Santana Oliveira	Análise da competência interpretativa na coleção História e Vida Integrada (2008)
Carolina CorbelliniRovaris	Ensino de história, práticas de leitura e de escrita: uma investigação acerca da relação entre Aprendizagem Histórica e Letramento
Cosma Silva de Araújo Francisco Denis Melo	Arquivo e Patrimônio na perspectiva da Educação Patrimonial.
Daniel Joni Mendes Nunes da Cunha	O "Compêndio da História do Brasil": narrativa, distância histórica e regimes de autonomia
Davison Hugo Rocha Alves	As disputas em torno do que ensinar? A História do Pará entre os historiadores, sociólogos e geógrafos.
Diego Carlos Oliveira Gonçalves	A Autonomia sobre o passado, nos Sujeitos Históricos, Letramento, Comunidade de experiências e Horizonte de Expectativas no Ensino de História
Ivete Batista da Silva Almeida José António Martin Moreno Afonso	Lá e cá. Educação e construção do Estado nas representações do Brasil em manuais escolares portugueses de 1926-1936
Lisiane Sias Manke Luisa Teixeira Andrade	Práticas de leitura escolares e não-escolares em livros didáticos de história
Maria do Céu de Melo Hugo Cardoso Helena Matinho	Lides: A literacia histórica- veredas e desafios
Nayara Silva de Carie	Os textos didáticos de História na visão de estudantes do Ensino Fundamental
Rosiane Ribeiro Bechler	Livros Didáticos de História Regional: presença em qual lugar?
Sabrina Balthazar Ramos Ferreira Wanessa Magalhães Pulit	Casa África: espaço de leitura e construção das identidades africanas e afro-brasileiras

### **9. Os docentes frente à cultura escolar: suas práticas e seus materiais (Sala 4105 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Elaine Lourenço (Universidade Federal de São Paulo- Unifesp) e Jaqueline de Almeida (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo)

**Resumo:** Este grupo de discussão tem como foco o trabalho cotidiano do professor de História e, sobretudo, as estratégias e materiais que utiliza. Frente aos novos desafios da educação contemporânea, que busca a homogeneização dos diferentes, o que se pretende debater é a metodologia dos docentes, seus projetos, suas experiências, seu trabalho com as novas tecnologias, a fim de compreender as novas realidades das salas de aula e da atuação profissional. Nesse sentido, as mudanças na cultura escolar frente ao ingresso de um novo público, outrora excluído deste universo, também fazem parte das preocupações deste GD, assim como os novos currículos propostos e seus impactos na cultura escolar e nas práticas dos professores. Em síntese, o que se quer discutir é a atuação do docente de História, do ponto de vista da cultura escolar, a partir de suas práticas, dos materiais que utiliza e de suas relações com os currículos propostos.

AUTOR/A	TÍTULO
Adriana HaruyoshiBiaison Sandra Regina Ferreira de Oliveira	Uma escola com espaço para o professor aprender
Adriana Soares Ralejo	Livro didático para quem? Perspectivas de apropriação pelos professores
Alessandra Gasparotto Daniela Oliveira Silveira	Vale nota? Algumas reflexões sobre as práticas de avaliação na escola e no ensino de História
Alisson Guilherme Gonçalves Bella	Desconstruindo a História Oficial: como lidar com o discurso de frente pioneira com alunos do Ensino Fundamental?
Almir Felix Batista de Oliveira	Patrimônio Cultural e o Livro Didático de História
Amanda da Cunha Conrado	O livro didático de História em discussão: apontamentos sobre fontes e conceitos
Ana Maria Garcia Moura Carla Karinne Santana Oliveira	A História do Tempo Presente (HTP) nos livros didáticos de história (1960-2000)
Ana Paula Squinelo	O que se ensina e o que se aprende nas aulas de História? A Guerra do Paraguai e as Coleções Didáticas do PNL D 2014
Angélica Alves Bueno Eriziane de Moura Silva Rosa	Políticas educacionais e práticas educativas disputas, permanências, mudanças e perspectivas
Carla Rejane BarzRedmerSchneid	Estratégias de ensino para a história local através dos bens patrimoniais de São Lourenço do Sul - RS
Caroline de Mattos de Moraes Jussemar Weiss Gonçalves	Novos olhares: ensino de história na perspectiva de professores iniciantes da cidade do Rio Grande (RS)
Cristina Helou Gomide	Literatura e História Sequencial: a produção de um material didático para o Ensino Básico
DismaelSagás	Projeto rádio corredor
Douglas Sales Silva Rodrigo Bernardino	Simulação e modelagem computacional de museus históricos interativos orientados ao visitante: perspectivas para o ensino e a formação
Fabio Alves Jorge	Análise da proposta de ensino de história a partir dos PCN's: as percepções discentes sobre a disciplina e como o professor trabalha
Gisela Andrade Marisa Massone	La historia de La inmigración em la Argentina em losnuevosmaterialesdigitales
Gregory Humai de Toledo Guilherme LuisPampu	A utilização de jogos para o ensino de história
Janete Rosa Dutra	O ensino de história na escola pública: uma análise do contexto escolar e suas implicações no ensino de história
João Batista Gonçalves Bueno	Saberes metodológicos de ensino de História: 6º e 7º anos do ensino básico da cidade de Guarabira- PB (2013-214)
Larissa do Livramento Pereira Valéria Gontarczyk	Experiências docentes no PIBID História: a formação do professor pesquisador e uso de materiais didáticos sobre história local
Laura Nogueira Oliveira Isabela Cristina Rosa Stela Marques Santos	A história ambiental e o ensino de temas de História do Brasil
Luciana Oliveira Correia	A categoria código disciplinar da história: reflexões sobre cultura escolar e formação docente
Márcia Maria Dias Eucídio Pimenta Arruda	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Contexto da Formação Inicial de Professores de História
Maria Gabriela Carnevale	"El asombroso mundo de Zamba": una propuesta para interrogar la cultura escolar mediante el análisis de materialesdigitales
Nayad Pereira Abonizio Magda Madalena Tuma	Os conteúdos de História nos documentos oficiais e a seleção feita por professores do 4º e 5º do Ensino Fundamental.

Pablo Luiz de Oliveira Lima	Os trabalhadores e o trabalho do Ensino de História em Belo Horizonte: formação, práticas de ensino, materiais didáticos e condições de trabalho
Paulo Hipólito João Batista Gonçalves Bueno	Um campo (santo) de possibilidades: considerações sobre o potencial pedagógico do cemitério como fonte para o ensino de história
Rafael Vicente Kunst	Ensino de História e uso de jogos para a elaboração de narrativas
Regina Célia do Couto	O ensino de história na fronteira Brasil-Uruguai: vontade de nacionalidade, pertencimentos e cultura cívica
Rosa Maria Pelegrini	A construção do saber histórico escolar na contemporaneidade: utilização de ferramentas da web 2.0 como recurso pedagógico
Sandra Regina Mendes Thais dos Santos Vinhas	Ressignificar saberes através de práticas inovadoras em estágio supervisionado: reflexões sobre a formação do professor de história
Sueli de Fatima Dias Mario de Souza Martins	Ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: atuação e formação docente
Thiago Figueira Boim	São Paulo faz Escola: proposta curricular, materiais didáticos e práticas docentes em escolas públicas estaduais em São Paulo (2008-2010)
Thiago Rodrigues Nascimento	O velho "script": formação continuada e ensino de história na rede estadual do Rio de Janeiro
Tiago Felipe Valério Raphael Tarso Silveira	Ensino de História Local e Patrimônio Cultural: experiências docentes desenvolvidas no PIBID.

## EIXO: SUJEITOS E CULTURAS

### **10. Comunidades tradicionais: Desafios para a educação(Sala 4108 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Rogério Correia da Silva (UFMG) e Roseli Correia da Silva (Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte - SMED - BH)

**Resumo:**A década de 1990 foi marcada por um contexto de lutas suscitadas por movimentos sociais e culturais em prol do respeito à diversidade. Desde então, o fortalecimento dos elos da memória coletiva entre as comunidades tradicionais, a preservação da identidade e a reivindicação do direito à História, em defesa do patrimônio cultural dos diferentes grupos sociais, foram sendo alcançados paulatinamente. Essas discussões também serviram de esteio para repensar o currículo e as práticas escolares, que encontra-se perpassadas pela diversidade e pela ética, resultando na releitura e na adoção de novas posturas, valores e representações sociais. Mas, apesar dos avanços previstos com as normatizações das leis 10.639 e 11.645, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, ainda faz-se necessária, buscar estratégias que contemplem a diversidade e a identidade como formas de desnaturalizar e dar visibilidade a grupos étnicos, como os ciganos. É imprescindível pensar em ações mais efetivas, que auxiliem as comunidades tradicionais, não só na identificação dos seus bens culturais, mas também na valorização, na salvaguarda, na revitalização e na difusão de seu patrimônio como "referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes elementos étnico-culturais formadores da nação brasileira" (Oriá, 2013:135). Sendo assim, a constituição de estratégias para inventariar o patrimônio preservado pelas comunidades tradicionais, reconhecendo-as como as grandes depositárias de um conjunto amplo de conhecimentos e práticas que constituem um bem da localidade, estão desejosas de políticas públicas que contemplem pesquisas, produções bibliográficas e audiovisuais, no afã de promover ações afirmativas em prol da sustentabilidade cultural das mesmas. De caráter interdisciplinar este grupo de discussão pretende por em evidência algumas experiências escolares envolvendo as comunidades indígenas e os ciganos que residem às margens do Córrego do Capão, em Venda Nova - Belo Horizonte

AUTOR(A)	TÍTULO
Aline Garcia Navarro	Análise das abordagens históricas: produção científica no campo da história oral.
Alisson Oliveira Soares De Santana	Lagoa Grande, minha terra quilombola: história e tradição da comunidade lagoa grande em sala de aula
Ângela Aparecida Ferreira	O estudo da história local no ensino de história da escravidão brasileira e consciência negra em sala de aula
Beatriz HellwigNeunfeld Adriana Senna	A história oral na sala de aula e o reconhecimento da identidade do povo tradicional pomerano no ensino de história local.
Claudete De Sousa Nogueira	Práticas Pedagógicas voltadas à questão da Diversidade étnico-racial em sala de aula: narrativas Docentes
Daniilo Eiji Lopes	Considerações sobre as práticas de estudos do meio em ensino de história presentes nos parâmetros curriculares nacionais
Elaine Prochnow Pires	O lugar de cada um
Ely Bergo De Carvalho	Ensino de história e educação ambiental: uma difícil aproximação
Érica Prado De Carvalho Negreiros Calixto	Avaliação formativa: o uso do portfólio no ensino de história
Eva Aparecida Dos Santos	Plantados nessa terra
Luciene De Morais Rosa Luciana AkemeSawasakiManzanoDeluci	DZOMORI: estratégia do A'uwMarãiwatsédé para revisitação do território ancestral.
Maira Pires Andrade	Arte de contar histórias: das narrativas das crianças às representações sobre a escravidão brasileira
Marcos Eduardo Da Silva Leandro	Pesquisa, Imagens e quintais: educação e candomblé
Mário Cléber Martins Lanna Júnior	Educação Quilombola no Serro
Polyana Camargos	Bullying e cyberbullying: um projeto de poder no ambiente juvenil
Rocilene Jeronimo Cidade Moraes Isaíde Bandeira da Silva	Escolas Diferenciadas Indígenas no Ceará
Sherol Dos Santos	História da África e cultura Afro-brasileira no currículo de História: propostas de trabalho.
Taiane Vanessa Da Silva Helôisa Pires Fazon	O espaço museal como ferramenta para o Ensino de História
Tathiana Santos Soares MarizeteLucini	Literatura indígena na desconstrução de estereótipos no ensino escolar e na formação de professores



## **EIXO: ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA**

### **11. História indígena no ensino regular(Sala 3106 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Antonia Terra de Calazans Fernandes (FFLCH - USP) e Patrícia Cerqueira dos Santos (EE Joiti Hirata - SSE-SP; EMEF Prof. Jorge Americano - SME-SP)

**Resumo:**A proposta é debater experiências no estudo, organização e desenvolvimento de trabalhos escolares com o tema da história indígena brasileira, no ensino regular, nas aulas de História. Para tanto, a proposição inclui a preocupação de refletir sobre a formação de futuros docentes nas universidades e os trabalhos de professores de História na educação básica, considerando currículo, recortes temáticos, conceitos, temporalidades históricas, materiais didáticos, pesquisas historiográficas, bibliografias e documentos com finalidades didáticas.

AUTOR/A	TÍTULO
AntonioSimplicio de Almeida Neto	A história indígena a ser ensinada nos currículos oficiais brasileiros
Myziara Miranda da Silva Vasconcelos	A lei 11.645/08 e a produção de materiais didáticos sobre a história local: o caso da Paraíba
Samara Elânia da Costa Célia Cristina Ribeiro da Costa	Como se discute a questão exigida na Lei 11.645/08 nas escolas de Mossoró: abordagens acerca da história e cultura indígena.
Ricardo Pinho Rose de Fátima Pinheiro de Aguiar e Silva Simone Ribeiro	Cultura indígena na sala de aula: uma experiência interdisciplinar
Larissa Canuto de Souza Dantas Talita Garcia Ferreira	Ensino de história indígena: experiências na escola municipal Henrique Veras, Florianópolis-SC (PIBID-UDESC)
Osvaldo MariottoCerezer	Estudo da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena: alguns apontamentos
Patrícia Cerqueira dos Santos Eva Aparecida dos Santos	História Indígena na escola: reflexões sobre a prática a partir do olhar das professoras supervisoras no PIBID
Caroline de Mattos de Moraes Jussemar Weiss Gonçalves	Novos olhares: ensino de história na perspectiva de professores iniciantes da cidade do Rio Grande (RS)
Dra Liane Maria NagelDra Maria Izabel Hentz Dr. ElisonAntonio Paim	O diálogo entre saberes tradicionais e saberes científicos na produção de material didático-pedagógico para escolas indígenas no contexto do Projeto PIBID/Diversidade.
Astrogildo Fernandes da Silva Júnior José Josberto Montenegro Sousa Gilson Aparecido dos Santos	O ensino de história em uma perspectiva pós-colonial: desafios e possibilidades
Helena Azevedo Paulo de Almeida	Permanência indígena: possibilidades de narrativa nos livros de leitura
Carla Cristina Bernardino Ramos	Reflexões sobre o ensino de uma história indígena a partir da educação patrimonial em Araruama
Joilson Silva de Sousa-	A iconografia indígena nos livros didáticos de história do Ensino Fundamental.
Joilson Silva de Sousa Isaíde Bandeira da Silva	A iconografia indígena nos livros didáticos de história

**12. A abordagem dos “passados dolorosos nos livros didáticos de história (Sala 3104 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Miriam Hermeto de Sá Motta (UFMG); Leonardo M Palhares (IFMG – Campus Formiga) e Raquel Neves de Faria (UFMG)

**Resumo:** Os livros didáticos são instrumentos de ensino-aprendizagem fundamentais na tradição escolar brasileira, representando mesmo o elemento central do mercado editorial nacional. Produção intelectual e cultural, são produtores e portadores de representações sociais que devem ser problematizadas em sala de aula, visando a levar os estudantes a compreenderem o seu processo de construção social. Este GD propõe uma reflexão sobre a forma de abordagem da produção cultural sobre os passados dolorosos nos livros didáticos de história, em temas frequentemente abordados nos currículos escolares - tais como a escravidão, as ditaduras, os conflitos bélicos, entre outros. Propõe-se analisar o tipo de produções culturais (tipos documentais) geralmente utilizadas para tratar dos passados dolorosos no ensino, bem como a diversidade de representações sociais que elas produzem/veiculam, a forma como são apresentadas nos livros didáticos e as possibilidades de diálogo que se apresentam nas práticas de leitura desses materiais nas salas de aula.

AUTOR/A	TÍTULO
Alexandre Brandão Luis Filipe dos Santos Jhonata Henrique	Experiências Pedagógicas e a Questão da Diversidade Cultural
Dinorah Amaral Matte	Aula – oficina e o pensamento histórico dos estudantes
Eloa de Oliveira Farrapo	“Brincando de estudar”: As diferentes abordagens e intercessões do PIBID na escola dr. João Ribeiro Ramos.
Flávia J Silva	Cantando e ouvindo na aula de História
Renan Cerqueira Dias	Diálogos entre Teoria e Metodologia de História e Ensino de História
Breno Mendes Renan Cerqueira Dias	É possível aprender com a História em um tempo presentista? Mediações entre Didática e Teoria da História a partir de JörnRüsen
Claudio dos Santos Monteiro	Entre as tramas da História e da Memória: a Ditadura Militar brasileira e produção musical através de uma experiência pedagógica
Matheus Gomes Barbieri	O jornal “Poeira” em sala de aula: oficinas sobre um movimento de oposição a ditadura em Londrina

### **13.Os museus e a formação da consciência história(Sala 3105 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Soraia Freitas Dutra (EBAP - Escola de Educação Básica - Centro Pedagógico-UFMG) e Carina Martins Costa (UERJ)

**Resumo:**O Grupo de Discussão Os museus e a formação da consciência histórica pretende reunir trabalhos de professores e/ou pesquisadores cujas reflexões se voltam para a compreensão do papel dos museus na formação da consciência histórica. Como produtores e difusores de narrativas sobre o povo, a História, o passado e os atores sociais, esses espaços de memória comunicam para o seu público suas visões e versões acerca de diferentes dilemas sociais, constituindo-se em territórios de representações e campos de tensões e combates pela memória e história de diferentes grupos sociais. Serão abordados as mutações conceituais no campo museal e o alargamento de suas fronteiras de atuações, bem como os impactos dessas mudanças para o campo do ensino da história.

AUTORA/A	TÍTULO
Almir Amilto Alves da Silva Ricardo Pacheco de Aguiar	Museu e ensino: ginásio pernambucano na 8ª primavera do Museu
Alyne Selano Benilson Sanches Carolina Barcellos Ferreira	O patrimônio e o ensino de História: museu como lugar de memória e de poder
Ana Luiza Magalhães Poyaes Livia Dinamarco de Souza	Museu da Maré: "uma" ponte metodológica para o Ensino de História
Andréia de Assis Ferreira Ana Caroline Freitas Magalhães	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação aplicadas à Educação Básica: o uso do UCA nas aulas de História do CP/UFG
Carina Martins Costa	De roteiros pedagógicos a museus imaginários: a produção de olhares polifônicos sobre o patrimônio na formação de professores
Elizabeth Aparecida Duque Seabra	Práticas de musealização e ensino de história em Diamantina: aula pública e oficinas
Geanderson Soares Jéssica Raidislaine Marcolino Nascimento João Pedro Thimotheo Batista Vinicius Pimenta Cordeiro Eucidio Pimenta Arruda	Museu Virtual: perspectivas para construção de banco de dados para acesso a visitantes
Iracema Oliveira Lima João Reis Novaes	Formação do graduando em história e as possibilidades de ensino e aprendizagem da história em espaços não escolares
Isabella Carvalho de Menezes	O almofariz: ensaio sobre signo e mediação no museu
Jezulino Lúcio Mendes Braga	Experiências docentes no uso educativo do Museu de Artes e Ofícios
Júlio César Virgínio da Costa	O ensino da pré-história brasileira/mineira na interface com museu e na dialogia com literatura de divulgação científica: quais as contribuições desses dois componentes nesta prática educativa?
Kawanni dos Santos Gonçalves Matheus Silva Dallaqua	"Os objetos museais contam histórias": sensibilização nas monitorias para o aprendizado histórico
Kelly Amaral de Freitas	O Museu dos Quilombos e favelas urbanas no movimento da democratização dos museus
Kelton Gomes	Simulação e modelagem computacional de museus históricos orientados ao visitante: perspectivas para o ensino e a formação de professores
Lana Mara de Castro SimanLoyane Cristine Cafilero Luiza Maria Nascimento Gomes Nayra Borges Teixeira	Experiências do sentido do tempo no Memorial Minas Vale
Marcos Daniel Rosa de Freitas	A utilização do museu como prática didática: contribuições dessa entidade para o processo ensino-aprendizagem.
Marta Cristina Soares	Para que serve educação em museus? O Bem Patrimonial

DileRobalinho	Museu da República e suas interlocuções educacionais
ThaynáPianeZ Rocha Silva Marcos Aurélio de Mato	O Museu como ferramenta de Ensino de História
Vânia Maria Siqueira Alves Maria Amélia Gomes Souza Reis	Os museus escolares e a formação da consciência histórica

## MINICURSOS

---

Os mini-cursos terão a duração de 4 horas em duas manhãs (8h às 10h) dos dias 19 e 20 ou duas tardes/noite (17h às 19h) dos dias 18, 19 e 20.

### **1. Arquivos online (Laboratório de Informática FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Adriana Carvalho Koyama (UNICAMP)

**Resumo:** Arquivos e ensino de História Serão analisadas algumas sequências didáticas propostas por arquivos online, suas relações com o ensino de competências e com diretrizes curriculares nacionais, sua periodização e representações da história nacional. Investigaremos algumas potencialidades e desafios dessas práticas, em sua historicidade, a partir das propostas de ensino de História com documentos, sobretudo, na década de 1980, que buscavam o fortalecimento da autonomia de estudantes e professores, com a eleição de temas de estudo significativos para a comunidade de aprendizagem. A partir da produção de pesquisadores de ensino de História, as tendências prevaletentes de ensino de História publicadas online pelos arquivos serão observadas, tal com vêm se colocando internacionalmente, em seus movimentos e ambiguidades.

Arquivos e educação patrimonial. Os arquivos serão observados em suas relações com as culturas da memória, ampliadas a partir das crescentes possibilidades de acesso online a documentos digitalizados, cujos movimentos vêm aproximando os arquivos da circulação de memórias midiáticas. As principais tendências na educação patrimonial em arquivos online serão observadas em seus movimentos contraditórios em relação às imagens de documento, memória e patrimônio, bem como em relação ao desafio do conhecimento arquivístico requerido para a autonomia da pesquisa com documentos de arquivo.

Arquivos e educação das sensibilidades. Os percursos de leitura dos sites serão examinados como produção midiática e, de forma mais ampla, como experiências de educação das sensibilidades, em suas correspondências com as mídias da alta modernidade. Por fim, serão investigadas outras possibilidades de produção de conhecimento histórico educacional e de educação das sensibilidades, a contrapelo das visões prevaletentes, nas quais as TICs possam estimular leituras plurais e significativas sobre o passado, na conexão com o presente e com os sujeitos da experiência.



## **2. As exposições de arte e a educação da sensibilidade (Sala 4101 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Aroldo Dias Lacerda (FUMEC/ PÓLEN EscolaWaldorf)

**Resumo:** Apesar da expansão da oferta de espaços museais ocorrida nas duas últimas décadas no Brasil, ainda é pequena a frequência dos professores às suas exposições (Arte, Ciência, História etc). Isso se deve a várias causas, dentre elas estão as condições de trabalho, a formação inicial e a ausência do hábito cultural. A construção de uma proposta de educação da sensibilidade terá que lidar com tais causas e apontar saídas.

Neste minicurso será discutido o potencial apresentado pelas exposições de arte nos variados espaços museais para a educação da sensibilidade, dando a ver as possibilidades de trabalho interdisciplinar envolvendo o ensino de História e de História da Arte. Haverá uma atividade prática do desenho, com o objetivo de discutir as habilidades latentes dos participantes, conectando a teoria com a vida.

## **3. Ensino de História, História Oral e história local: desafios e potencialidades para implementação da Lei 10.639/03 (Sala 4104 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Vanda Lucia Praxedes (FAE/UEMG)

**Resumo:** O minicurso tem como objetivo geral refletir sobre o papel da História Oral e História Local no ensino de História na Educação Básica. Refletir sobre os desafios, possibilidades e potencialidades do uso da História Oral e História Local no ensino de História pelos professores/as, de modo a aproximar e incentivar um maior diálogo da Escola e seus sujeitos com a comunidade onde está inserida; Debater, estimular a reflexão em torno da implementação da Lei 10.639/03 na Educação Básica; Discutir e fornecer subsídios para que os professores/ as da Educação Básica possam construir projetos que visem a implementação da Lei 10.639/03 nas escolas; fazer com que os estudantes se percebam como sujeitos ativos da história e possam conhecer a história do seu bairro e luta do povo negro no Brasil a partir da própria comunidade onde vivem; Proporcionar aos estudantes as condições necessárias para produção de conhecimento a partir de sua realidade; Analisar com os cursistas/professores/as aspectos, possibilidades de seleção de temas e conceitos a serem explorados, ainda que de forma introdutória, utilizando também narrativas e estudos de caso elegidos a partir do acervo de depoimentos depositado em Núcleos de Pesquisa e de História.

Para tanto, ao optarmos pelo uso da História Oral – enquanto fonte, método e técnica e os conhecimentos produzidos sobre História Local e Regional, procuramos promover o encontro da oralidade com a escrita, valorizando a memória, a tradição, a família e o conhecimento coletivo “entrelaçado” na escola, no bairro, na cidade, no país e no mundo. Cientes das possibilidades transdisciplinares dessa proposta, é que estamos propondo esse minicurso, com indicações e sugestões que possam favorecer a construção de projetos de ensino integrado a outras áreas e campo de

saberes que compõem as diretrizes curriculares nacionais e que devem fazer parte de um Projeto Político Pedagógico da Escola.

#### **4. História Pública, Cinema e Educação (Sala 4101 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Rodrigo de Almeida Ferreira (UNILASALLE/RJ.)

**Resumo:** O minicurso História Pública, Cinema e Educação propõe refletir sobre o uso do filme como mediador para a circularidade do conhecimento histórico. Considera-se o conceito de História Pública, cujas dimensões contemplam tanto a ampliação dos públicos para a histórica, quanto a produção compartilhada do saber histórico. Para analisar a relação entre o filme e a educação em História, ressalta-se a dimensão educativa do cinema tanto em espaços escolares quanto não-escolares. O minicurso, portanto, procurará compreender as razões pelas quais o filme com temática histórica pode ser considerado como prática de História Pública. Em prosseguimento, serão desenvolvidas problematizações sobre o uso do filme para o entendimento da História em ações desenvolvidas tanto em sala de aula quanto fora do ambiente escolar, considerando possibilidades metodológicas pautadas em estudos de caso por meio de análise fílmica selecionada, contemplando produções ficcionais e documentárias entre as relações existentes entre os quadrinhos, com sua linguagem própria, sua narrativa, e o ensino da História.

#### **5. Histórias em Quadrinhos e Ensino de História: Questões socialmente vivas nas narrativas gráficas (Sala 4104 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Márcio dos Santos Rodrigues (FaE/UFMG) e Natania Aparecida da Silva Nogueira (RME de Leopoldina) e Lucas Lins Muniz Pimenta (REE da Bahia)

**Resumo:** O minicurso tem como objetivo refletir acerca dos pressupostos teórico-metodológicos para a utilização dos quadrinhos como fonte, no sentido de ampliar o universo da pesquisa e da construção do conhecimento histórico nos Ensino fundamental e médio. Propomo-nos a oferecer instrumental para que professores de História, pesquisadores e demais interessados possam analisar aspectos da linguagem dos quadrinhos e particularidades de algumas produções “sobretudo, aquelas indicadas pelo governo para compor o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), desde 2006. Para tanto, analisamos os quadrinhos não somente como suporte de ideias e valores, mas como prática cultural e/ou resultado de um terreno de disputa e negociação em torno de questões socialmente vivas, pertencentes a determinados contextos socioculturais. Espera-se, deste modo, compreender as relações existentes entre os quadrinhos, com sua linguagem própria, sua narrativa, e o ensino da História.

**6. Negociando a distância entre os alunos e a história: como a argumentação pode auxiliar no desafio de tornar o ensino de história significativo (Sala 4105 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Fernando de Araujo Penna (UFF)

**Resumo:** Este minicurso tem como objetivo problematizar o que é uma aprendizagem significativa em história e pensar como a teoria da argumentação pode nos ajudar a enfrentar este desafio cotidiano da sala de aula. As principais técnicas argumentativas serão apresentadas e discutidas através da articulação entre a definição dos diferentes tipos de argumentos (analogia, comparação, exemplo, ilustração, metáfora, causalidade, etc.) e a análise do áudio de aulas de história gravadas. O conhecimento desta classificação dos argumentos pode constituir uma importante caixa de ferramentas para os professores em sala de aula. Trabalharemos com a ideia de que a argumentação é uma dimensão central da retórica, pensada como a negociação das distâncias entre os sujeitos acerca de uma questão ou tema. Neste sentido, refletiremos sobre as diferentes distâncias a serem negociadas pelos professores com seus alunos “entre os alunos e a história; entre o professor e os alunos; entre o familiar e o estranho; entre o passado, o presente e o futuro; dentre outras” e sobre como a argumentação pode auxiliar neste desafio.

**7. O ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena via Literatura de matriz africana e dos artefatos culturais indígenas.(Sala 4106 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Júlio César Virgínio da Costa (Rede Municipal de Contagem e rede privada em Belo Horizonte)

**Resumo:** Este mini-curso se propõe apresentar, analisar e refletir as potencialidades do estudo da História na Educação Básica, via literatura, em especial a de matriz africana despertando possibilidades de leituras e reflexões sobre a África e o Brasil na implementação da Lei 10.639/2003 e outras fontes dessa matriz/raiz literária. A Lei 11.645/2008 será também discutida via artefatos culturais indígenas e serão problematizadas questões relacionadas à dinamicidade do patrimônio indígena, informadas pela compreensão da dinamicidade das culturas desses povos. Para concretizar essa proposição, utilizamos como aportes teóricos as concepções de História Cultural e de Literatura Empenhada, que, segundo Antônio Cândido (2004), é uma abordagem da literatura que parte de posições éticas e políticas e, também, do referencial freireano de leitura de mundo e de pedagogia libertadora. Orientados ainda, por influências de leituras relacionadas às referências culturais e sua relação com o campo do patrimônio no Brasil, principalmente, pelos apontamentos feitos por Gallois (2008), somos tributários da noção de dinamicidade do patrimônio de matriz africana e indígena.

O método adotado será o da análise comparativa dos poemas/textos e outros, buscando interconectar os elementos que formulam a narrativa poética com as lutas de libertação dos povos africanos, da cultura, de sua história na conexão com a cultura afro-brasileira e indígena. Esses elementos também poderão ser pontos de despertamento de uma curiosidade – que não é ingênua – sobre o continente africano e nossa ligação com o mesmo. Finalizaremos, discutindo o quanto é possível identificar e vislumbrar que a literatura descortina uma gama de alternativas juntamente com a História para outra leitura do mundo e como a literatura poética de resistência poderá proporcionar também o trabalho com outros documentos, como por exemplo, os ditos oficiais. Já no que se refere à temática indígena buscamos suscitar indagações sobre a noção de “resgate cultural” justificando que essa ideia funciona na prática como uma espécie de proposição de anulação da história; como se fosse possível devolver às sociedades indígenas a sua essência perdida e, no limite, fazê-las retornar ou reviver o seu estado original de encantamento e de verdadeira diversidade.

#### **8. Papai, para que serve a História? (Sala 4105 FAE/UFMG)**

**Coordenação:** Margarida Dias (UFRN) e Itamar Freitas (UFS)

**Resumo:** Este Minicurso tem como objetivo principal discutir a singularidade da aprendizagem histórica durante a infância e a adolescência, período equivalente no Brasil à educação básica. A peculiaridade a que nos referimos está assentada no fato de que a teoria da História (compreendida aqui como método + função social da História) é o fundamento do ensino- aprendizagem de História, embora não a ela restrito. Pretendemos a partir deste princípio abordar temas como a especificidade de cada nível de ensino e suas necessidades como a alfabetização histórica, a complexização dos conteúdos, a aprendizagem significativa e os desafios para o ensino de História. Além disso, tratar “mesmo que introdutoriamente” questões relativas ao papel da História local e da interdisciplinaridade e a transversalidade da memória e das políticas de patrimonialização.

**9. Projetos educativos de museus históricos: desafios e potencialidades (Sala 4106 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Carina Martins Costa(UFRJ) e Soraia Freitas Dutra(CP/UFMG)

**Resumo:** O mini-curso pretende abordar os projetos educativos desenvolvidos por museus históricos brasileiros, percebendo suas especificidades, desafios e potencialidades. A discussão se concentrará na compreensão dos processos de ensino-aprendizagem mediados pela narrativa tridimensional e nas funções sociais dos museus. A leitura dos objetos, das exposições e dos materiais pedagógicos produzidos é importante para construir um repertório de alfabetização museológica e fomentar as apropriações dos(as) professores(as) frente à instituição. Os museus históricos constroem narrativas sobre o povo, a História, o passado e os atores sociais e, portanto, ênfase será dada à historicização de representações e auto-representações das questões raciais, em debate que mobiliza a educação, a sociomuseologia e as teorias pós-coloniais. Ainda em torno das questões socialmente relevantes, serão exploradas as experiências relacionadas aos museus comunitários, sociomuseus e/ou de consciência, bem como àqueles relacionados às memórias traumáticas.

**10. Uma Proposta de atividade integrada: literatura infantil e conhecimento histórico em sala de aula. (Sala 4108 FAE/UFMG)**

**Coordenação:**Wander Augusto Silva (FaE/UEMG); Patrícia Gonçalves Nery (FaE/UEMG) e Lucas Lins Muniz Pimenta

**Resumo:** O minicurso será desenvolvido em três etapas, sendo a primeira, uma introdução teórica ao tema, com uma exposição dialogada sobre a abordagem interdisciplinar entre Literatura Infantil e História; na segunda etapa, um relato de experiências, no âmbito da formação inicial de Pedagogos, envolvendo as disciplinas de História e Literatura Infanto-Juvenil, e na última etapa, o desenvolvimento de uma prática de sala de aula para os anos iniciais do fundamental, envolvendo estudos de conteúdos da História e narrativas literárias infantis.

Com duração de 2 horas, as oficinas ocorrerão em uma manhã (8h às 10h) ou uma tarde/noite (17h às 19h) nos dias 19 ou 20.

### **1. Dimensões educativas do Patrimônio Cultural:**

**Coordenação:** Soraia Freitas Dutra (CP/UFMG) e Isabela Tavares Guerra (UFV)

**Resumo:** A oficina objetiva criar situações desafiadoras que permitam a reflexão sobre a educação e o patrimônio cultural no contexto da educação escolar. Pretende ainda analisar as relações entre a educação não formal e formal por meio de atividades práticas de apropriação do patrimônio cultural nos espaços da cidade, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência para a importância da sua preservação e do seu usufruto.

### **2. Do riso ao siso: a leitura de cartons e cartazes políticos**

**Coordenação:** Maria do Céu de Melo (Instituto de Educação/Uminho)

**Resumo:** Esta oficina proporcionará aos participantes atividades que permitam a construção de um quadro de leitura e interpretação de fontes históricas como os cartons e os cartazes políticos. Discutir-se-á o conceito de literacia visual histórica, olhada como um processo de crescente sofisticação da percepção, leitura e interpretação, mobilizando a resolução de problemas e o pensamento crítico, e em alguns casos, promover a compreensão da intencionalidade, manipulação e perspectiva das estratégias e narrativas que as imagens apresentam e ou despoletam na construção (da consciência) do Eu e do Outro.

Esta oficina justifica-se dada a constatação do crescimento exponencial das imagens no cotidiano dos nossos alunos, banalizando os seus processos de leitura que se manifestam por um discurso fragmentado e pleno de ideias tácitas, conhecimento que devemos confrontar com o conhecimento histórico que se espera que eles adquiram. Os cartons e os cartazes serão explorados de acordo com os contextos históricos da sua produção, e os modos como tecemos esses sentidos com as nossas emoções, valores e crenças. Serão abordadas especificamente as estratégias verbais e gráficas artísticas que os artistas mobilizam na construção que determinam as suas intenções expressos no seu conteúdo substantivo e processos de divulgação.

### **3. Laboratórios de ensino de História: trajetórias e aproximações entre Universidades e Escolas**

**Coordenação:** Carla Beatriz Meinerz (UFRGS) e Katani Maria Nascimento Monteiro (UCS)

**Resumo:** A oficina tem por objetivo narrar as trajetórias de dois Laboratórios de Ensino de História: o LHISTE/UFRGS (Laboratório de ensino de História e Educação) e o NAEH/UCS (Núcleo de Apoio ao Ensino de História (NAEH),

tematizando as aproximações entre Universidades e Escolas construídas nesses processos. Apresentaremos modos de experimentar e conceber a aula de História, através de ações que articulam extensão, pesquisa e ensino, em aproximações de mútua aprendizagem entre estudantes e professores da Educação Superior e da Educação Básica. A oficina destaca o papel dos laboratórios no processo de formação inicial do profissional, enfatizando, também, as contribuições desses espaços para efetivar a chamada Prática como Componente Curricular que integra os currículos das licenciaturas. A proposta dessa oficina destaca o compromisso da licenciatura em História com a formação de um profissional investigativo e reflexivo, capaz de criar planejamentos consistentes e articuladores de teorias, metodologias e ensino, em interlocução com os dilemas da Educação Básica.

#### **4. O olhar sobre o Parque Municipal de Belo Horizonte: experiências interdisciplinares entre História, Geografia e Ciências Naturais**

**Coordenação:**Aline Choucair Vaz (Pedagogia / UEMG) e Nanci Graciele de Paula Amaral Vaz (Pedagogia / UEMG)

**Resumo:** Esta oficina tem como proposta a construção de projetos interdisciplinares no Parque Municipal de Belo Horizonte, referenciando-se em relatos e outros trabalhos já desenvolvidos no Parque pelos/as alunos/as do Curso de Pedagogia da UEMG, por meio das disciplinas de “Geo-História” e “Ciências Naturais”. O foco estará no uso das imagens do Parque e das possibilidades de ensino interdisciplinar, que envolve os/as alunos/as das séries iniciais. Muitos destes/as alunos/as da Graduação em Pedagogia já são professores/as da Escola Básica e levam estas experiências para os/as seus/as alunos/as. Este trabalho é de suma importância, pois leva o professor a refletir sobre os campos interdisciplinares, contribuindo para a sua formação e seus desafios de uma formação ampliada nas séries iniciais. Também a discussão do Parque Municipal como local de memória e construção de conhecimento contribui para a discussão dos espaços sociais e a cidade na dimensão histórica.

#### **5. A Olimpíada Nacional em História do Brasil**

**Coordenação:**Alessandra Pedro (UNICAMP – UNIFEQB) e Raquel Gryszczenko Alves Gomes (UNICAMP)

**Resumo:**Tendo como foco a divulgação de nossa forma de trabalho e original avaliação, a um público alvo formado professores de ensino básico e universitário, esta oficina propõe-se a apresentar o programa, fazer um balanço das principais conquistas, dificuldades, críticas e contribuições da ONHB no cenário nacional de ensino de História, assim como discutir a importância da atuação da universidade para além de seus muros. Além disso, propomos realizar em conjunto com os inscritos a resolução de pelo menos duas questões e uma tarefa que tiveram bastante impacto nas edições passadas.

## **6. PHOTOSCAPE**

**Coordenação:** Kelly Amaral de Freitas (UEMG) e Fred Amorin (REE Minas Gerais)

**Resumo:** A oficina pretende apresentar recursos gráficos possibilitados pelo software photoscape, para posterior inserção em blog. O photoscape é um software livre, voltado para edição rápida de imagens e fotografias com resolução para web. Apresenta diferentes opções de edição para imagens e fotografias, tais como montagens, impressão, efeitos de cor, molduras, criação de animações GIF. A interface gráfica é descomplicada e prática, não exige conhecimentos complexos.



## **TEXTOS NORTEADORES DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO (GDs)**

Os Grupos de Discussão ocorrerão em dois dias – dias 19 e 20 de abril - com duas horas de duração (10h30 às 12h30). Além da leitura, análise e aceite dos trabalhos inscritos a coordenação do GD teve sob sua responsabilidade a elaboração de um texto delineando o perfil e problematizando as questões centrais dos trabalhos inscritos. Esse texto será o norteador das reflexões e discussões do GD, substituindo a mera apresentação individual dos trabalhos.

### **1. GD “As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História”**

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Lorene dos Santos (PUC Minas)

Mariano Alves Diniz (RME BH)

O Grupo de Discussão (GD) “As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História” foi criado com intuito de constituir-se como um espaço de debates, trocas de experiências e produção de conhecimentos, propondo-se a acolher relatos de experiência e pesquisas envolvendo as atuais políticas públicas de formação docente e os seus desdobramentos no ensino de história, com ênfase para a abordagem das “Questões Socialmente Vivas”. O Grupo pretende potencializar os diálogos entre sujeitos que transitam por diferentes espaços institucionais – universidades, escolas de educação básica, outros espaços de educação não escolar etc -, evidenciar saberes e práticas que tem sido mobilizados e construídos nestes espaços, favorecer a publicização de alternativas didático-pedagógicas e contribuir para a produção de novos saberes no campo do ensino de História e da formação docente. Pretende abrigar, assim, a pluralidade de olhares e de práticas produzidas a partir de programas diversos de formação docente, tais como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid, o Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica – Parfor, e o Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência, entre outros.

O GD recebeu quarenta e seis inscrições de trabalhos, dos quais vinte e três foram aprovados. Entre os aprovados, dezesseis tratam de experiências e projetos desenvolvidos no âmbito do Pibid, confirmando a ideia de que este programa tem se apresentado como uma das mais expressivas políticas de formação docente da atualidade, abrangendo elevado número de participantes e apresentando significativa capilaridade no território brasileiro. Dois dos trabalhos aprovados abordam o Parfor; outros três apresentam experiências de formação docente por meio da oferta de cursos diversos, com enfoque para o uso de tecnologias e a EAD; um trabalho abordou o Prodocência e outro trabalho apresentou uma discussão teórica sobre a categoria gênero e sua contribuição para a aprendizagem histórica.

As questões tratadas nos textos dizem respeito aos processos de aprendizagem e cognição em história; a métodos e estratégias pedagógicas de ensino da disciplina; ao uso de fontes e de materiais didáticos diversificados; às relações entre ensino de história e historiografia e à práticas de memória e patrimônio cultural local, entre outros.

Pode-se dizer que o pressuposto de que o Pibid e outras políticas públicas de formação docente têm favorecido o comparecimento mais sistemático de temas atuais e suas possibilidades de compreensão no universo da sala de aula foi confirmado por meio dos textos apresentados ao GD.

A abordagem das Questões Socialmente Vivas – QSV, reconhecidas como questões controversas que estão presentes na sociedade e são assumidas pela mídia, comparecem na escola e na academia, se faz presente em diversos textos. A questão da diversidade é abordada sob diferentes enfoques: a temática afro-brasileira e a perspectiva de reeducação das relações étnico-raciais é a centralidade dos textos “O Pibid História e o tema da diversidade”, “Visita às Comunidades Quilombolas do Baú e Ausente” e “Formação de professores para o trabalho com a diversidade e a reeducação das relações étnico-raciais”, mas também pode ser observada em outros textos, em meio ao tratamento de diferentes questões e problemas. A diversidade também é abordada pela discussão das questões de gênero, central no texto “Sem “caô” e sem pudor: gênero como categoria de análise no ensino de história”, ou pela ênfase na questão da inclusão, contemplada no texto “Educação inclusiva na Escola Carmosina Ferreira Gomes: desenvolvimento de metodologias para a inserção social através do ensino de História”.

As QSV comparecem, ainda, sob diferentes perspectivas, como no texto “Pibid, ensino de História e participação política”, em que o autores se propõem a pensar as QSV a partir de uma discussão teórica que problematiza o raciocínio e formas de ação política em duas perspectivas: universalista e particularista, e ressaltam: “Na perspectiva em que temos pensado o ensino de História, uma pretensa “neutralidade”, não é epistemologicamente viável. Isso significa dizer que as práticas de ensino dessa disciplina são necessariamente politizadas e politizadoras.” Assim como em outros trabalhos, as experiências descritas neste texto contemplam discussões de temas diversos no campo da política, como o tema das eleições, e o investimento em ações voltada ao incremento da participação política, como o “incentivo, discussão e instrumentalização da criação do Grêmio Estudantil da escola.”

A discussão das QSV também pode ser identificado em trabalhos que trouxeram o enfoque na memória e Educação Patrimonial, explicitamente abordado no texto “Ensino de História e Iniciação à Docência: Percursos formativos por meio do PIBID” e no texto “Interpretações Sobre a História Local da Cidade de Londrina – Uma Experiência do PIBID no Colégio Estadual Professor José Aragão”, que discute a história local a partir da problematização de memórias instituídas e dos

silêncios sobre diferentes sujeitos históricos, como negros e mulheres, na cidade de Londrina. Também o texto “Ensino de História e Iniciação à Docência: Percursos formativos por meio do PIBID” apresenta uma experiência de estudo de história local e educação patrimonial, esclarecendo que “A Investigação histórica realizada pelos bolsistas de iniciação à docência e supervisores acerca de temas associados ao patrimônio cultural, foi a estratégia metodológica central do projeto. [...] Essa produção resulta na construção da Caixa de História “Educação Patrimonial e História Local” que congrega um conjunto diversificado de documentos históricos e textos didáticos, que compreendem a importância da incorporação da compreensão do ofício do historiador e do processo de construção do conhecimento histórico como um dos objetos da História escolar.” As autoras enfatizam a relevância de “diferentes atividades que estimulam os alunos e as alunas do Ensino Fundamental a investigar o local em que vivem a partir de temas pertinentes ao campo do patrimônio.”

Outro tema abordado nos trabalhos apresentados diz respeito à relação com as tecnologias, central no texto “Ensino de História e Educação a Distância: a vivacidade dos processos interativos”, que apresenta e discute a experiência em EAD de “um curso em nível de especialização com foco em conhecimentos regionais e destinado, prioritariamente, aos professores em exercício no ensino básico”. As autoras enfatizam a “vivacidade dos processos interativos” vivenciados pelos participantes, mas também reconhecem as dificuldades tanto de alunos quanto de professores da Educação Básica com o uso de ferramentas digitais, e concluem que “O uso da plataforma Moodle, no caso em estudo, não faz parte do cotidiano daqueles que não frequentam com regularidade as formas midiáticas de educação. Essa ferramenta ainda é pouco utilizada nos diferentes níveis de ensino. Alguns alunos desistiram do curso por não adaptarem-se à forma de acessar a informação que seria disponibilizada.” A relação com as tecnologias e a EAD também é problematizada no texto “Tecnologias digitais no contexto da formação de professores na UFMG: educação presencial e a distância”, que apresenta o relato de uma pesquisa que tem como objetivo geral “analisar os processos e as condições em que ocorrem as práticas e as relações de trabalho do professor universitário dos cursos de licenciatura presencial e a distância da UFMG com as TDIC, a partir da interface entre a sua formação em nível de pós-graduação e as políticas públicas brasileiras de incentivo à incorporação de tecnologias na prática pedagógica do professor da educação básica.” Mesmo quando não se trata de tema central abordado, o uso de tecnologias digitais como ferramentas de aprendizagem emerge em outros textos, como é o caso de “Curso “jogos e ensino de história”: entre o jogar, o ensino a distância e as políticas públicas para educação.”, que relata a experiência de um curso na modalidade EAD. Há também notícias de projetos desenvolvidos no âmbito do Pibid que evidenciam investimento na relação com as

tecnologias, como é o caso do projeto “Educação e Letramento Digital”, citado no texto “Pibid, ensino de História e participação política”.

Outro tema problematizado em trabalhos apresentados diz respeito às relações entre ensino de história e práticas de leitura e letramento. O tema é abordado, por exemplo, no texto “A bagagem cultural e a experiência da reescrita no Ensino de História”, que defende: “Uma boa leitura e escrita representam uma bagagem instrumental para se aprender História.”

Muitos dos textos aprovados para o GD apresentam uma rica discussão conceitual, transitando pelo campo historiográfico, pelo campo da Educação e por outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, muitos deles discutindo teoricamente o ensino de História a partir de diferentes aportes teórico-conceituais, que se evidenciam pelo uso de expressões variadas, como “saberes históricos escolares”, “Didática da História”, “aprendizado histórico” e “educação histórica”, entre outros. Este último conceito comparece, por exemplo, no texto “Pibid: novos olhares no ensino de história”, que nos diz: “A Educação Histórica investiga como se desenvolve o pensamento histórico dos estudantes, considerando que o conhecimento se constrói a partir do acesso a fontes e documentos e não só a manuais didáticos. Com isso, Barca estabelece que para ser competente em História, é preciso: Saber ler fontes diversas, confrontar suas intenções, procurando entender o “Nós” os “outros”, levantando questões que promovam a progressão do conhecimento. (BARCA: 2011 p.39). O texto “Tornar-se professor de história: a experiência como bolsista PIBID” também discute teoricamente os significados do aprendizado em História, ao postular: “Entendemos que aprender história não é somente acumular uma sequência de fatos e processos passados. Desse modo, o aprendizado histórico envolve apropriar-se de aspectos da epistemologia do fazer histórico entre os quais a compreensão de conceitos do tempo, a identificação das evidências e de que estas são incompletas e limitadas, como são limitadas e provisórias as explicações históricas. A partir desta perspectiva, ensinar história não se restringe a ensinar narrativas históricas elaboradas pelos historiadores e organizadas em uma lista de conteúdos previamente definidos. Ensinar história é algo mais complexo, é ensinar a capacidade de pensar historicamente, é desenvolver o que Peter Lee (2006) chama de literacia histórica.” O conceito de “Didática da História”, enquanto demarcação das especificidades do conhecimento histórico escolar comparece no texto “O Pibid de História na UEFS: percursos, tensões e desdobramentos na formação de docentes”, em que o autor nos diz: “Nos limites do que é aqui posto, colocamos em relevo aquilo que Klaus Bergman define como tarefa normativa da Didática da História (BERGMAN, 1989/1990), tratando de pensar ou refletir sobre o ensino/aprendizagem de uma disciplina, conhecer suas operações junto aos escolares e as utilidades da história enquanto matéria a ser ensinada, demarcando aproximações, diferenças e parâmetros de afastamento entre a História Ciência e a História disciplina escolar, o que significa estabelecer uma zona ou solo de reflexão

que se afasta da matriz disciplinar em pontos fundamentais. Isso significa postular que o quadro de referências que orienta a operação historiográfica (CERTEAU, 2002), guardam relativa distância dos jogos de saber e fazer que tratam do aprendizado histórico, das práticas de ensino, das imposições da cultura escolar, da produção e usos de artefatos didáticos, dos impactos das linguagens, da seleção, etc.”

O conceito de “Consciência Histórica” também comparece em alguns trabalhos, sendo amplamente discutido no texto “Sem “caô” e sem pudor: gênero como categoria de análise no ensino de história.”, que nos diz: “O conceito utilizado para pensar essa realidade e puxa-la pra dentro da sala de aula, é o de consciência histórica, que pode ser entendido como a capacidade de se entender no mundo e interpretar as experiências no tempo para direcionar o agir, por meio dela “os sujeitos tomam os acontecimentos do passado com objetivo de construir suas identidades, a partir de suas experiências individuais e coletivas, dando inteligibilidade ao presente, conferindo uma expectativa futura a essa atividade atual.” (AUXILIADORA, 2005, p.300)”

No campo da Educação, destaca-se a ênfase na categoria dos “saberes” e “saberes docentes”, recorrendo-se a autores como Maurice Tardif, como se verifica no texto “O Pibid e a aliança entre teoria e prática em aulas de história”, em que as autoras partem da questão: “do ponto de vista dos discentes que fazem parte do PIBID quais saberes, pertencentes à profissão professor de história, estão/ou deveriam estar mobilizados nessa sua prática?”. Enfatizando a importância de “dar voz aos discentes participantes do programa”, as autoras postulam que “nesta inserção podemos dizer que começa a se estruturar o que Tardif (2002) chama de saberes experienciais ou práticos, ou seja, os saberes provenientes da própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola. Segundo o autor a experiência torna-se como um filtro, capaz de selecionar, julgar e avaliar os outros saberes. Em síntese, o saber formado de diversos saberes provenientes da instituição de formação, dos currículos, etc., que inicialmente apresentam-se como exteriores, pela prática se tornarão interiores.” A categoria dos saberes, na acepção de Maurice Tardif, também é abordada no texto “Ensino de História e Iniciação à Docência: Percursos formativos por meio do PIBID”, em que as autoras concluem: “Compreende-se que os estudantes mobilizaram o conjunto de saberes que estão construindo ao longo da licenciatura - saberes disciplinares pertinentes ao conhecimento histórico, os saberes da formação profissional que dizem respeito ao ofício do professor e os saberes curriculares associados aos conhecimentos sobre as instituições escolares – no contato com o saber experiencial dos professores da educação básica e do ensino superior. Enquanto nós – professores da universidade e das escolas – tivemos oportunidade de desenvolver ações em conjunto, que colaboraram no nosso processo de formação continuada.” O mesmo texto também apresenta uma discussão teórica no campo da Educação Patrimonial, dialogando com diferentes

autores, entre os quais Ivo Mattozzi: “Compartilhamos, assim, a concepção de Ivo Mattozzi (2008) que a “educação para o patrimônio” deve, a partir da ligação entre a história e os bens culturais, incluir no currículo estratégias de pesquisa que façam uso dos bens culturais, com o objetivo de orientar os alunos para a produção de conhecimentos que dizem respeito ao território e a escala local, possibilitando aos alunos melhor compreender o cenário da sua vida.”

Outro conjunto de textos apresentados ao GD tratam de programas como o Parfor e o Prodocência. O texto “Ressignificando saberes e práticas no ensino de história: experiências de formação de professores alunos de pedagogia do PARFOR em Inhambupe-BA” se propõe a “contribuir para as atuais discussões relacionadas à formação do pedagogo para o ensino de história, bem como as práticas no ensino de história desenvolvidas na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.” Sobre o mesmo programa, o texto “O PARFOR/UFPA e o Ensino de História: as representações dos estudantes sobre a formação e sua prática docente” apresenta o relato de uma pesquisa de doutoramento que tem como “objeto de estudo representações dos professores em formação pelo PARFOR”. O GD contou com um único trabalho sobre o Prodocência, intitulado “(Re) inventando a docência: novos métodos, novas práticas e nova formação no curso de licenciatura em história da UFT a partir do PRODOCÊNCIA”, que apresenta o relato de uma experiência de Prodocência no Curso de Licenciatura em História da UFT, centrado na perspectiva de “implementar a experiência do trabalho por projetos, segundo proposto por Hernández e Ventura (2000)”.

Outro aspecto a ser ressaltado nos trabalhos aprovados neste GD diz respeito à prática da autoria compartilhada. Quase todos os textos apresentam mais de um autor, sendo comum, em textos que tratam do Pibid, a autoria compartilhada entre bolsistas de iniciação à docência, entre estes bolsistas e professores supervisores, entre professores supervisores e coordenadores de área etc. Enfim, este aspecto parece confirmar a aposta em um programa capaz de fomentar os diálogos entre a universidade e as escolas de educação básica, em inserir os professores da educação básica como cofomadores dos licenciandos e em favorecer a formação continuada destes professores, possibilitando uma aproximação com a academia. A autoria compartilhada nos parece mais uma evidência de que parceria e cooperação têm se constituído como práticas cotidianas no âmbito do Pibid.

Por fim, podemos dizer que os trabalhos aprovados no GD “As atuais políticas públicas de formação docente e a construção de novos saberes e práticas no ensino de História” confirmam a potencialidade deste fórum de debates para mapear avanços e desafios, assim como instigar novas pesquisas sobre o ensino de História, seu compromisso com as questões socialmente vivas e com questões diversas, contribuindo para a formação dos sujeitos participantes e para seu engajamento na produção de novos saberes e de práticas escolares inovadoras.

## **2.GD Cartografia (s) da (s) Memória (s) Sensíveis na/da Cidade (s): dialogando com os trabalhos apresentados**

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Lana Mara de Castro Siman (UEMG)

Lívia Torres Cabral (UEMG)

João Carlos Andrade (RME Belo Horizonte e Betim)

Conforme explicitamos na justificativa de nosso GD, envidaríamos esforços no sentido de dialogar com os campos do ensino de história, da geografia cultural entre outros, visando buscar apreender e entender dimensões das memórias sensíveis, Questões Socialmente Vivas – QSV – que emergem dos lugares na/da cidade. Ainda que tenuamente, Clarice Lispector, em sua obra, “A Cidade Sitiada”, oportuniza-nos apreender e compreender variadas dimensões das Questões Socialmente Relevantes que podem, potencialmente, estar implicadas em aspectos das arquiteturas, passeios, ruas, casas, e nas festas, que se experienciam no cotidiano das cidades. A urbe é muito mais do que uma obra em constante movimento, constitui-se e é constituída por lugares. Lugares como aqueles, a partir dos quais, os trabalhos inscritos neste GD realizaram suas variadas experiências, de naturezas diversas: a rua, os bondes, as praças, museus, Shoppings Centers, calçadas, uma roda de conversa com estudantes no meio da rua e também na escola.

São diversos os sujeitos históricos e instituições que inscreveram-se neste GD. Desde a Escola da educação básica à Universidade, como é o propósito do “Perspectivas do Ensino de História”. Os lugares de onde vem: Preto/MG, Juiz de Fora/MG, Campinas/SP, Vitória da Conquista/BA, Brasília/DF, Belo Horizonte/MG e Rio de Janeiro/RJ.

Nosso objetivo com este texto é, oportunizar um breve panorama acerca dos trabalhos inscritos e sugerir alguns diálogos, questões acerca dos mesmos. Tudo isto visa, desde já, a construção de uma rede de sentido, de partilha de saberes, epistemologias e sensibilidades.

### **Auscultando os relatos de experiências**

Entre os relatos de experiência do Pibid, quatro deles buscam aproximar os educandos, do ensino fundamental, às dimensões de experiências sensíveis com lugares da cidade, bairro, ruas, calçadas, casas. Visam realizar um ensino de história a partir de uma densa relação com experiências vivas, sensíveis na/da cidade. Este movimento de apalpar e auscultar os lugares da urbe pode mobilizar cognitivamente os estudantes a “matutarem” acerca de aspectos das memórias sensíveis que, potencialmente, emergem a partir de mediações construídas com os licenciandos. Outro trabalho realizado pelos licenciandos docentes, usou as potencialidades das TICE’s, visando apreender e compreender dimensões das memórias sensíveis que emergem das manifestações da cultura afrodescendente em diferentes lugares da cidade de Belo Horizonte.

No que tange a estes relatos de experiência podemos evocar aqui as potencialidades das lembranças, de dimensões talvez “perdidas no tempo” que podem ser oportunizadas pela mediação com os lugares, por vezes esquecidos da cidade. Em certa medida, estes trabalhos buscam compreender a urbe a partir dos sinais, indícios de variadas sensibilidades humanas (PESAVENTO, 1995; SIMAN, 2008), contribuindo, em grande medida, para movimentos de busca de experiências e “sabores” de outros tempos a partir de questões controversas de uma “História do presente”.

Uma primeira questão, para iniciarmos nosso diálogo: seria possível afirmar que há fazeres mais específicos que potencializam a relação dos estudantes com as memórias sensíveis que emergem dos lugares da urbe? Levando-se em conta as experiências realizadas poderíamos socializar alguns destes fazeres?

Tivemos, também, relatos de experiências realizados por docentes que estão em sala de aula, outros discutindo processos de formação inicial, continuada, e ainda construção de sequências didáticas.

Nos trabalhos realizados pelos professores, foi possível apreendermos indícios da necessidade de discutirmos dimensões das QSV visando aproximar o ensino de história das dimensões teóricas que as constituem. Isto pode ser apreendido nos dois trabalhos nos quais estudantes e professores interagem buscando entender experiências sensíveis que podem emergir das ruas, praças e avenidas das cidades.

Os trabalhos relacionados aos processos de formação docente buscaram, a partir de lugares da cidade, apreender questões socialmente relevantes, aspectos das memórias sensíveis, as quais, potencialmente instigaram licenciandos e docentes da educação infantil, a olhar e auscultar as “flores” que emergem dos meandros da urbe. Um último trabalho deste agrupamento, sugere as potencialidades de organizar sequências didáticas, apresentando aspectos de questões controversas, relacionadas às questões gênero, para o currículo de história do Distrito federal/Brasília.

Considerando este grupo de trabalho, indagamos: em que medida as questões sensíveis podem oportunizar o aprofundamento e debate de dimensões sociais, políticas e culturais na sala de aula e na experiência da construção curricular?

#### **Auscultando os projetos de pesquisas**

Estes, visam debater e compreender questões controversas relacionadas às dimensões de “transformação do conceito de patrimônio”, “controvérsias existentes nas narrativas acerca do processo de emancipação da cidade de Queimados” e outro propondo discutir algumas “datas e comemorações de origem histórica”. Todos partem de aspectos experienciais, sensíveis do urbano, buscando apreender e entender problemáticas da “história do tempo presente”. O lugar emerge nestes trabalhos como espaço humano, implicado em múltiplas experiências, travessias e veredas com suas existências, contradições permeadas pelas nervuras, veias pulsantes das experiências sensíveis que emergem dos lugares da cidade. Pensando



nas potencialidades destes trabalhos, sugerimos a seguinte questão-problema: em que medida os lugares da cidade demandam problematizações interdisciplinares? Dois trabalhos, visam apresentar as possibilidades de apreender as memórias sensíveis emergindo de lugares outros da cidade. Assim, colóquios realizados nas Universidades, e a utilização de espaços públicos por coletivos de juventudes intervindo, através fazeres artísticos – ainda que se tratem de lugares de naturezas diferentes – podem contribuir para a imersão ou levantamento de QSV, no caso, problematizações de dimensões das memórias do poder. Em certo, sentido, emerge possibilidades de se experienciar, por analogia com Chagas (2005), o “poder da memória”, um deles podendo ser, o de potencializar a fruição e experiências de dimensões do sensível na sociedade epidérmica.

Outra indagação: ainda auscultamos os lugares da cidade a partir de epistemologias e experiências canônicas?

#### **As potenciais travessias e veredas suscitadas pelas pesquisas em andamento**

Entre as sete pesquisas acadêmicas, em andamento, com diferentes configurações teórico-metodológicas inscritas em nosso GD, cinco se dedicam a analisar, mais densamente, experiências sensíveis que “pululam” de processos de patrimonialização visando a educação patrimonial; apreensão da rua, para além de seu aspecto “pedregulho” e as possibilidades de dimensões da memória e literatura visando apreender as “flores” que emergem e oportunizam a construção de experiências que “brotam” das memórias sensíveis deste lugar; potencialidades do museu para apreender dimensões mais porosas da cidade, escavar outras camadas de temporalidades, imagens e experiências outras, muitas vezes escondidas em lugares mais íntimos, por vezes, adormecidos e pouco visitados na urbe moderna. E, ainda, a possibilidade de buscar e entender como lugares, supostamente, canônicos da urbe podem significar dimensões outras para sujeitos estudantes jovens do meio urbano. Por último, a compreensão do processo histórico de democratização dos museus, compreendida a partir das sensíveis experiências de um museu em aglomerado urbano.

Outras duas pesquisas estão em andamento. Uma busca apreender e entender aspectos relacionados a dimensões das cidades educadoras, notadamente apresentando uma parte de produção acerca da cidade como espaço educativo. Entre outros aspectos, chama atenção para os múltiplos processos de aprendizagem que consciente ou inconscientemente os sujeitos podem construir em sua relação com as experiências sensíveis suscitados pelos lugares do urbano. A outra pesquisa envereda pelo esforço teórico-metodológico de buscar entender como as memórias públicas, suscitadas pelas experiências sensíveis que emergem da relação com os diversos lugares da cidade, relacionam-se com a história oficial, tratadas pela historiografia regional e no espaço escolar.

Destas pesquisas, em andamento, de diferentes naturezas e objetos, podemos apreender o esforço teórico-metodológico que visa auscultar diferentes experiências

sensíveis de lugares da urbe, aspectos das memórias que ainda são pouco “vasculhadas” pelas epistemologias da modernidade. Assim aqueles humanos espaços da urbe, ao serem apalpadados pela curiosidade teórico-metodológica destes pesquisadores, podem contribuir para o esclarecimento ou desvelamento das minudências urbanas.

No que tange às pesquisas em andamento, sugerimos as seguintes questões: em que medida os lugares da cidade tem sido problematizados a partir de dimensões epistemológicas da história das sensibilidades? A apreensão do sensível e das sensibilidades nos e dos lugares da cidade não demandaria também uma abordagem, predominantemente, interdisciplinar das pesquisas?

#### **Uma prosa nem tão final assim...**

Tentando suspender, temporariamente, nossa prosa escritural, retomamos novamente a Clarice Lispector em sua obra “A cidade Sitiada”. Nela a escritora oportuniza-nos apreender a cidade, também, pelas dimensões do sensível, expressas e manifestas em suas arquiteturas, ruas, calçadas e nas casas. Em grande medida, os trabalhos apresentados buscam andarilhar por aquelas dimensões dos lugares do humano-urbano. Esta é também nossa perspectiva ao propormos uma discussão acerca da(s) cartografia(s) das memórias sensíveis na/da cidade(s). Em diálogo com aspectos dos campos da história cultural e social, da geografia cultural, ensino de história da cidade, da literatura, sobretudo francófona, acerca das Questões Socialmente Vivas, entre outros, é que realizamos um esforço teórico-metodológico de nos aproximar, singelamente, de dimensões desta discussão, pois se trata de uma seara ainda pouco explorada, demandando assim aproximações gradativas, assim como abertura epistemológica e mais indagações do que respostas, como é próprio dos humanos saberes e fazeres.

De uma maneira geral, tivemos então variados relatos de experiências, realizados por licenciandos, docentes e pesquisadores. Em número menor foram apresentados alguns projetos de pesquisas e enfim, sete projetos de pesquisas, com diferentes configurações tanto no campo epistemológico quanto aos objetos de estudo.

Dialogando densamente com os diferentes trabalhos inscritos, buscamos auscultar algumas das questões quer dos relatos, dos projetos de pesquisa e das pesquisas em andamento. São variadas as questões que poderiam ser levantadas, não obstante, nesta escritura realizamos apenas algumas, para um início de “com-versa”.

Ao fim e ao cabo, durante nossas conversas e trocas de saberes e fazeres acerca dos trabalhos, nas reuniões de nosso Grupo de discussão, teremos a possibilidade de elaborar outras e novas questões geradoras, visando discutir aspectos outros das Cartografia(s) da(s) Memória(s) Sensíveis na/da Cidade(s) que demandam novas travessias e veredas.

#### **Referências bibliográficas**

CHAGAS, M. Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de sociomuseologia. Lisboa. v.19. n.19. 2002, p. 43-81.

LISPECTOR, C. A Cidade Sitiada. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1946.  
SIMAN, Lana Mara de C. A cidade na memória: leitura indiciária e ensino de história. In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, ERNANI João. (Orgs.). História Memória, educação. Fortaleza. Imprensa Universitária da UFC/ Programa de Pós-Graduação em História Oral, 2008, v. p. 361-384.  
PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.  
PESAVENTO, Sandra J. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Enligne], Colloques, mis enlignele 04 février 2005, consultado em 07 abril 2015. URL : <http://nuevomundo.revues.org/229> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.229

### **3.GD Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do Ensino de História**

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>Helenice Ciampi (PUC/SP)

Prof.Ms. Elvis Roberto Lima da Silva (PMSP)

O grupo de discussão “*Diálogo entre diferentes saberes e práticas no jogo da vida e do Ensino de História*” propõe-se debater saberes e práticas dos sujeitos escolares articulando memórias, histórias e experiências cotidianas, possibilitando um encontro com professores, estudiosos e pesquisadores compreendidos como sujeitos mobilizadores de saberes e práticas.

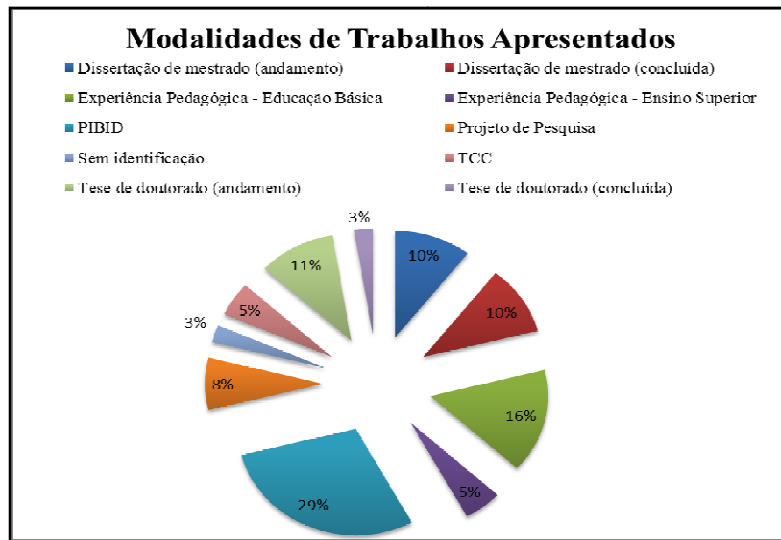
O objetivo principal do GD é analisar de que modo, a complexidade das relações, tensões e conflitos resultantes dos choques entre identidades plurais na sociedade contemporânea, estão sintonizadas com os desafios enfrentados pelos professores de História em diversos níveis de ensino.

Neste sentido, somos convidados a (re)pensar o significado do saber histórico, em diferentes contextos sociais, culturais e escolares, questionando: A prática pedagógica tem favorecido a participação de todos os segmentos sociais na escola? Como a instituição escolar tem se organizado para discutir a diversidade social, cultural e étnico-racial de seus sujeitos?

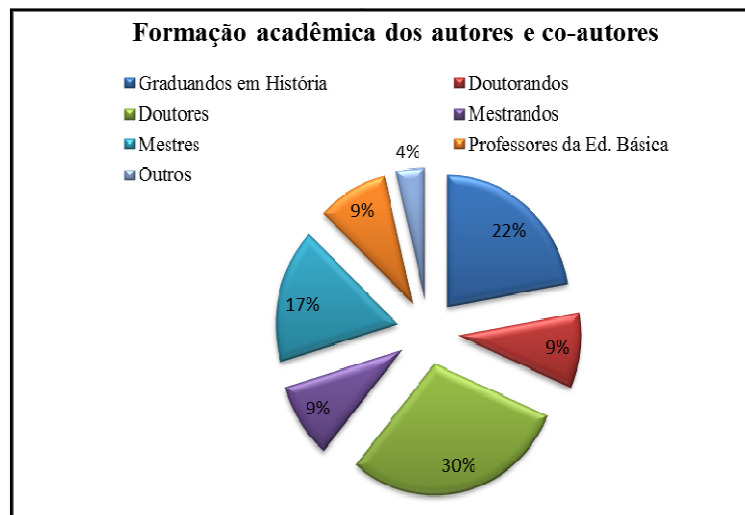
#### **Perfil dos inscritos**

O GD recebeu cinquenta e cinco (55) trabalhos inscritos, e aprovou trinta e oito (38). Os integrantes são professores da educação básica das disciplinas de História, Geografia, de todas as séries Ensino Fundamental e do Ensino Médio; pesquisadores do ensino de História, participantes de grupos de pesquisa; estudantes de pós-graduação (Mestrado Acadêmico e Profissional, Doutorado); estudantes de graduação e professores supervisores vinculados ao PIBID. São profissionais provenientes de diversas regiões e instituições educacionais do país, embora a maior parte seja oriunda das regiões Sudeste e Sul (49% e 30% respectivamente), 14% dos pesquisadores são da região Nordeste, 5% do Centro-Oeste e 3% da Região Norte.

Do total de trinta e oito (38) trabalhos, onze (11) são ligados ao PIBID; outros seis (6) trabalhos constituem experiências pedagógicas desenvolvidas na Educação Básica; oito (8) representam dissertações de mestrado, quatro (4) em andamento e quatro (4) concluídas; cinco (5) teses de doutorado, quatro (4) em fase de elaboração e uma (1) finalizada; dois (2) TCC's, dois (2) relatos de experiência de Ensino Superior, três (3) Projetos de Grupos de Pesquisa e um (1) trabalho sem identificação, como explicita o gráfico abaixo:



Grande parte dos trabalhos apresentados são vinculados às instituições públicas de ensino, sendo que somente três (3) pertencem a instituições de ensino privado. A formação acadêmica dos inscritos, autores e co-autores verifica-se no gráfico abaixo:



## Questões centrais dos trabalhos inscritos

Tendo em vista o convite dos organizadores do IX Encontro Nacional de Perspectivas do Ensino de História e IV Encontro Internacional do Ensino de História aos profissionais interessados "*em debaterem suas experiências e produções, assim como para aprofundarem seus conhecimentos sobre Questões Socialmente Vivas*", o GD, propõe abordar questões que interpelem as práticas sociais dos sujeitos/atores escolares, dentro e fora da escola, remetendo-os às suas representações sociais e aos seus sistemas de valores.

Com base na análise dos resumos e textos, identificamos algumas temáticas mais recorrentes como: Memórias, Educação Patrimonial, Formação de Professores (selecionados para o dia 19/04) e Ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. É significativo o número de relatos das experiências pedagógicas dos docentes da educação básica e trabalhos vinculados ao PIBID. Estes enfatizam a formação inicial em intercâmbio com a realidade escolar e propiciam, ação-reflexão-ação do fazer docente, durante o seu percurso acadêmico (selecionados para 20/04).

Merece destaque a variedade de fontes trabalhadas nestas experiências tais como: documentos escritos, objetos materiais, mapas, filmes, imagens em livros didáticos, obras literárias, blogs e outros. Tal fato expressa uma preocupação com o conhecimento histórico produzido na academia, na escola e nas salas de aulas. Há também uma inquietação com o entendimento das representações expressas pelos autores e sua percepção pelo aluno/leitor. É evidente o interesse com uma formação profissional em diversos cursos: História, Pedagogia (a distância) e Ensino Técnico.

Nesses trabalhos selecionados se destaca o tema da Memória, seja de períodos da história brasileira (Ditadura Militar), seja para com os docentes aposentados, como para o ensino de História regional, local e comunidade escolar. Identificamos também a centralidade do sentimento de valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural brasileiro.

Esperamos que o GD ao debater e socializar a produção apresentada seja um canal aberto aos professores e pesquisadores do Ensino de História, para trazerem suas experiências acadêmicas e educacionais neste e em outros encontros sobre o ensino de História.

Neste sentido acreditamos que os participantes contribuem para que o conhecimento histórico escolar ultrapasse os muros da escola e da universidade, fomentando um diálogo entre diferentes saberes, culturas escolares e práticas no jogo da vida, aprofundando seus conhecimentos sobre as *Questões Socialmente Vivas*.

#### **4. GD Diversidade étnico-racial e ensino de história: história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula**

Profa. Dra. Maria Telvira da Conceição(Universidade Regional do Cariri/URCA)

Profa. Ms. Priscila Dias Carlos(RME São Paulo/SP)

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas(UEPB/Campus Guarabira)

A Lei 10.639/003 ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 transformou a gestão da educação, visto que o sistema nacional de educação passou a dar conta de uma série de atribuições para então fazer valer o que se propõe essa lei. A primeira vista a obrigatoriedade de as escolas da educação ensinarem história e cultura afro-brasileira e africana soa como um contrassenso, haja vista os povos africanos ser uma das matrizes constitutivas do Brasil e a cultura afro-brasileira fazer parte do universo cultural brasileiro.

Nesse sentido, ensinar e aprender sobre história e cultura afro-brasileira e africana na escola da educação básica deveriam ser um fato natural, sobretudo, porque se trata de uma história e cultura que está na constituição física e cultural do Brasil e dos/as brasileiros/as, navida cotidiana, e no fazer dessa gente. Mas desde outrora distante das salas de aulas.

No entanto, a obrigatoriedade estabelecida pela Lei 10.639/003 de que os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana sejam incluídos no currículo escolar não garante que estes estão, e que a lei está sendo cumprida a contento. Os trabalhos apresentados nesse GD trazem para o debate questões passíveis de discussões, haja vista, revelarem a problemática do fazer que a Lei 10.639/003 provocou no sistema educacional brasileiro, sobretudo, na prática de quem está na ponta final desse sistema, o/a professor/a e seu fazer em sala de aula.

Os trabalhos que compõem esse GD são reveladores de que a discussão em torno da diversidade étnico-racial e mais especificamente da implementação da história e cultura afro-brasileira e africana na escola da educação básica está na ordem do dia da educação brasileira, seja para afirmá-la no currículo escolar, conforme determina a lei, ou para negar. O importante é que professores/as e gestores/as da educação estão inquietos/as, incomodados/as e repensando, refazendo ou não suas práticas em salas de aula e o conjunto dos que compõem as escolas estão refazendo os currículos escolares.

Desde 2003, ou antes, as discussões também passaram a fazer parte do cotidiano de professores/as nas universidades, visto serem estas instituições as responsáveis pela formação dos/as profissionais que atuam na educação básica.

No geral o ponto de partida das discussões que os trabalhos trazem é a lei 10.639/003 sua implementação na rede de ensino, e os desdobramentos desse processo. A partir de então apontam algumas questões dignas de discussões e assim

fomentam o debate em torno das contribuições que a efetivação dessa lei proporcionará a educação brasileira e a formação dos sujeitos/cidadãos. Portanto, são dignas de notas as seguintes questões:

a) A implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Apesar de a Lei 10.639/003 o determinar, portanto, este fazer parte de uma política pública voltada para as populações negras, denominada de ações afirmativas. (I) No entanto, o fazer de professores/as com esse conteúdo na escola nem sempre é encarado como parte de uma política pública, e que, portanto, tem uma resolução do CNE, e as diretrizes curriculares que o orienta. No geral, o fazer na ponta final é apontado como fruto da vontade um/a professor/a ou grupo de professor/a numa determinada escola. (II) Ainda com relação a essa questão são pertinentes a não formação continuada de professor/a para lidar com história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula. A não formação é apontada como a responsável pela não efetivação desse conteúdo no currículo escolar. (III) Por outro lado quando o professor/a passou por uma formação específica não há garantia de que mude sua prática na perspectiva de implementação da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar. (IV) As práticas existem, no entanto, são pontuais, não tem continuidade. (V) O material didático é outro aspecto responsável pela não efetivação do que obriga a lei 10.639/003. Esse existe, mas nem sempre professores/as tem acesso ou o utiliza em sala de aula, sobretudo, quando está descolado do livro didático que utiliza. (VI) Nesse sentido outra questão apontada nos trabalhos é o deslocamento dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana do currículo escolar. Esses são pensados como estando fora da escola, por isso, não são incluídos no currículo, mas trabalhados no currículo oculto, o que faz com que seja uma ação isolada, esporádica e pontual. (VII) Mas há uma luz no fim do túnel, algumas experiências de implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana a partir da construção de um novo currículo, menos eurocêntrico, mas atento as diversidades existentes na sociedade, na comunidade onde a escola está inserida e na sala de aula.

b) A relação entre ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a construção da identidade étnico-racial. Essa questão talvez seja a mais desafiadora para professores/as em sala de aula, porque diz respeito a quebrar com mito da democracia racial latente no imaginário coletivo dos/as brasileiros/as, e como parte desse povo, o/a professor/a resiste em enxergar as diferenças étnicas e afirmação identitária como algo positivo. É como se afirmar negro/a colocasse em risco a identidade nacional brasileira. (I) Nessa questão, alguns aspectos são elencados como construtores/as colaboradores da identidade étnico-racial e compreensão dessa história e cultura, o papel das mídias. Essas são utilizadas em salas de aula por professores/as para discutir sobre história e cultura afro-brasileira e africana. (II) Ainda com relação à questão do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e a identidade étnico-racial são pertinentes os seguintes aspectos: o ensino desse



conteúdo em escolas localizadas nas periferias das cidades urbanas e rurais. (III) A prática de professores e as abordagens dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana na sala de aula. Pensar a África nas suas especificidades e diversidades ainda é um desafio para professores/as em sala de aula. Que África está em nós e que África se ensina em sala de aula? No geral esses conteúdos são abordados a partir dos diversos temas: religiões afro-brasileiras, escravidão, abolição da escravidão, história da África, relações raciais e de gênero, e racismo.

c) Formação de Professores. A lei 10.639/003 também incidiu sobre as universidades; espaços por excelência de formação de professores/as para a educação. Logo, pensar sobre a formação de professores/as e a relação com a história e cultura afro-brasileira e africana nesse espaço tem sido tema de discussão. No entanto, as discussões têm sido limitadas a formação de professores/as de História. Poucas pesquisas se dedicam a pensar outras áreas das licenciaturas, a exemplo de pedagogia, geografia, artes, matemática, química, biologia, literatura e línguas.

d) Material Didático. Questão pertinente com a história e cultura afro-brasileira e africana. Pois tem sido analisado a partir dos seguintes aspectos. (I) Produção, o que se tornou mais frequente a partir de 2003, quando editoras e professores/as envolvidos na escrita didática passaram a dedicar maior atenção na perspectiva de atender a uma demanda estabelecida pela lei 10.639/003. (II) O material didático como fonte de pesquisa, uma vez que passou a pesquisas ser objeto de análise de pesquisadores/as com o objetivo de perceber se este atende ou não os requisitos dessa lei como abordam os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana, que imagens são reproduzidas acerca da África, dos africanos e das pessoas negras no Brasil?

e) As Fontes e as Metodologias utilizadas no ensino de história e cultura afro-brasileira e africana são diversas. Em meio ao desafio colocado aos/as professores/as práticas em sala de aula são permeadas por diferentes métodos, estratégias e recursos; comumente os que estão a alcance de cada professor/a e nesse fazer, constroem seu próprio material didático e método. Não há um único caminho a ser seguido, mas possibilidades são construídas. Assim é comum o uso de filmes, músicas, obras literárias, poesias, e jogos.

Os trabalhos que compõem esse GD apontam outras grandes questões: o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana ocorre de modo fragmentado; são dissociados das políticas de ações afirmativas para negros/as, embora na sua maioria reconheça os movimentos sociais negros como protagonistas das transformações que tem ocorrido na educação, sobretudo, no que diz respeito à lei 10.639/003. No entanto, efetivá-la não é tarefa desses movimentos, mas da sociedade como um todo. Outra grande questão é a manutenção do mito da democracia racial; superá-lo não depende unicamente da prática de professores/as em sala de aula, mas da ação do

conjunto de instituições sociais, a exemplo das famílias, dos meios de comunicações, das igrejas e do Estado. Tais instituições são produtoras e disseminadoras de ideologias e nem sempre acompanham o que se faz na escola, mas caminha na contra mão desta. Eis porque o fazer do /a professor é desafiador, ele destoa do que as demais instituições pensam e agem com relação a história e cultura afro-brasileira e africana, basta que fiquemos para as representações, os discursos e as práticas destas instituições. De modo pontual, os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana estão sendo implementados nas escolas públicas, particulares, urbanas e rurais. No entanto, esse fazer nem sempre efetiva ou aponta para a educação das relações étnico-raciais, conforme aponta a resolução CNE, nº 01/2004 e as Diretrizes Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Ao propormos o Grupo de Discussão Ensino de História, Cinema e Literatura intencionávamos discutir e refletir sobre a produção de saberes históricos ou memórias, possibilitados pelos usos de suportes didáticos como cinema, novelas históricas, literatura, cordel, contos, história em quadrinhos, poesias, biografias e documentários, com alunos do Ensino Fundamental, Médio, Superior ou outros grupos em formação, nas diferentes modalidades de ensino, em espaços escolares e não escolares.

O Grupo recebeu trinta e sete (37) e aprovou vinte e seis (26) propostas. Foram aceitos trabalhos que discutem aspectos da narrativa histórica e da narrativa de ficção como gêneros que comunicam experiências temporais, compreendendo os suportes didáticos para além das características documentais. Mais que documento, concebemos o cinema, a literatura, o cordel, os contos, a história em quadrinhos, as poesias, as biografias e os documentários como experiências humanas que podem ser reinterpretadas, permitindo aos leitores/ouvintes, telespectadores e espectadores estabelecerem relações de pertencimento e de identificação com os textos acessados, bem como permitem aos sujeitos do presente, habitar o passado e transformá-lo em memória. Memória que também o constitui como sujeito histórico no presente. Sujeito que ao reinterpretar produz memória e saberes sobre a história.

As ações humanas no tempo constituem o objeto do Ensino de História. Contudo, a narração dessas ações pode ser viabilizada por diferentes suportes como filmes, novelas de época, história em quadrinhos, literatura de cordel, imagens, poesias, documentários, etc. Esse grupo de discussão discutirá o ensino e a aprendizagem da história, a partir do uso dos referidos suportes. Entendemos que para além do livro didático, múltiplas possibilidades de conhecimento podem e devem ser utilizadas ao se ensinar história. A discussão que entendemos como pertinente, tem como base teórica a filosofia de Paul Ricoeur, para quem as histórias humanas merecem ser narradas. Na reflexão que esse autor realiza sobre texto e leitor, há um encontro do leitor com o texto que se processa em um triplo movimento. Assim, ao oferecermos um texto, seja ele filme, imagem, história em quadrinhos, novela de época, literatura de cordel, etc., possibilitamos o encontro de um tempo configurado pela narrativa com as configurações de mundo do leitor. Ao acessar a narrativa, esse leitor encontra uma configuração de mundo que é refigurada no encontro entre texto e leitor. É nesse triplice movimento narrativo que situamos as possibilidades de aprendizagem dos sujeitos que acessam as narrativas que podem ser oferecidas pelo Ensino de História. Portanto, a discussão proposta nesse Grupo de Discussão, objetiva que diferentes experiências realizadas por professores na Educação Básica sejam

compartilhadas e possibilitem reflexões que ampliem o campo metodológico de trabalho com o Ensino de História na contemporaneidade. A emergência das novas tecnologias é um dos meios que também precisa ser considerado na preparação e desenvolvimento de aulas de história que colaborem na produção de saberes históricos que são produzidos na relação entre texto e leitor.

Os textos que serão contemplados no Grupo de Discussão referem-se em sua maioria aos usos de filmes nas aulas de história. Dos 26 trabalhos aceitos, 15 versam sobre cinema e os demais sobre literatura ou outras produções como cordel e mangás.

Nos textos apresentados, observa-se que estão presentes discussões que se referem aos usos da história apresentados nos filmes e ou outros suportes utilizados no Ensino, bem como em relação à produção de curtas. Também estão presentes as questões que se referem à literatura. Poucas reflexões discutem as interpretações possibilitadas pelas narrativas acessadas, demonstrando que esse é um campo que pode ser ampliado nas investigações em desenvolvimento. Ou seja, quais as significações possibilitadas pelos usos do cinema e da literatura as histórias que se contam na escola. Temáticas como a questão de gênero também aparecem como um campo a ser problematizado nos suportes didáticos utilizados. A história e cultura afro-brasileira e indígena presentes em filmes e na literatura são outros temas abordados, possibilitando-nos pensar a história em relação a outras sensibilidades, mais significativas aos sujeitos, porque nos fala de nossa historicidade, daquilo que vivenciamos cotidianamente na escola e fora dela.

Assim, como indicado por um dos trabalhos aceitos, o uso do cinema e da literatura no ensino nos possibilita “refletir não apenas sobre o uso de filmes na aula de história, mas, mais especificamente, pensar sobre as potencialidades do uso de filmes de animação como recurso didático” (COSTA, 2015, p. 1).

A afirmação nos leva a pensar se as potencialidades do uso de filmes e literatura podem restringir-se a um recurso didático. Quais as potencialidades que os filmes, os romances, as histórias em quadrinho, os cordéis, os mangás, as minisséries televisivas contém.

A possibilidade que emerge não estaria em refletirmos sobre os usos da História Pública na atualidade e suas convergências e divergências com a História ensinada em sala de aula?

Há uma História presente nas ruas, nos nomes de praças, nos monumentos, no nome das escolas, nas telenovelas, nos filmes, na propaganda e até em lojas que se dedicam a vender objetos antigos para decoração ou mesmo para outros usos. Isso nos remete a pensar sobre o que fazemos e o que podemos fazer em relação ao passado vivido no presente. Passado que é presente, mas que se transforma em memória produzida para o presente. Que memória é essa e como ela nos chega? Quem a produz? Que relações estabelecemos entre essa memória produzida e o ensino de história?

Muitas das reflexões realizadas nos trabalhos nos permitem conhecer experiências desenvolvidas em sala de aula por professores ou por bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência, permitindo que realizemos reflexões sobre a prática docente, no sentido de compreender a relação entre a a formação do professor e sua atuação na constituição dos saberes e das práticas do ensino de História com o uso do cinema e de outros suportes didáticos.

Também são expressas as dificuldades vivenciadas no trabalho em sala de aula e a necessidade de repensarmos as práticas docentes a luz das novas tecnologias, como uma das possibilidades de despertar nos alunos o interesse pela História.

Compete-nos questionar como o professor de História pode movimentar-se mediante as novas tecnologias e seus usos para o Ensino de História. Para tanto, talvez seja necessário pensar na relação dos jovens com a História. Relação que implica em olhar para o jovem considerando esse universo globalizado que está presente em seu cotidiano através das tecnologias disponíveis. Tecnologias que possibilitam conhecer a História Pública que está disponível em rede à todos que a ela tiverem acesso.

Ao mesmo tempo em que essas novas tecnologias estão disponíveis à todos, convém pensarmos em qual História está sendo disponibilizada e como esses jovens significam as histórias que acessam. Que ferramentas eles possuem para discernir o que de fato é História? Qual é o papel do professor de História mediante as Histórias disponibilizadas na rede mundial de computadores?

Parece-nos que muitas questões emergem dos trabalhos apresentados e podem contribuir de maneira significativa para pensarmos outras formas de contar histórias. E é esse o convite que permanece: conversar sobre as histórias que contamos e que nos contam sobre nós mesmos (Paul Ricoeur).

## **6.GD Ensino de história e educação de jovens e adultos: o currículo crítico e emancipatório como possibilidade de atuação docente**

Alessandra Nicodemos (UFRJ)  
Paulo Gomes Coutinho (SME-RJ/PEJA)

Esse texto pretende fazer uma síntese do Grupo de Discussão (GD) Ensino de história e educação de jovens e adultos: o currículo crítico e emancipatório como possibilidade de atuação docente, que teve como intenção congregar estudos, pesquisas e experiências docentes relacionadas ao ensino de história no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da Educação Popular, na dimensão de reconhecer os desafios atuais e as especificidades que a escolarização de adultos trabalhadores colocam para os sujeitos da escola, na perspectiva de um construto curricular crítico e emancipatório. Debater, assim, a EJA como direito, para além das demandas legais e como possibilidade (dialética) de uma escolaridade emancipatória freireana no espaço formal/oficial da escola. Reconhecendo, dessa forma, o espaço escolar, particularmente o espaço da EJA, como um espaço em disputa contra hegemônica e potencialmente indutor de práticas docentes no Ensino de História, comprometidas com o desafio de problematizar e incorporar conhecimentos e experiências populares, a partir dos sujeitos da/na educação.

Como primeiro exercício de síntese consideramos importante, na discussão em torno das especificidades político-pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos, o resgate do Parecer 11/2000 . Documento-chave da EJA, onde encontramos não apenas o ideário, mas o eixo político da modalidade. As três funções características da modalidade (a reparadora, ligada ao princípio de educação como direito; a equalizadora, que pressupõe igualdade de oportunidades e universalização acesso e a qualificadora, relacionada à educação permanente e à permanência na escola) ali expressas nos dão o oriente da ação para uma educação que se propõe crítica e emancipatória. Não entender a importância e a atualidade dessas funções numa perspectiva freireana, é estar insensível às questões socialmente vivas que envolvem, historicamente, a sociedade brasileira aos desafios que se impõem à educação, e particularmente à população jovem e adulta trabalhadora envolvidas neste contexto.

Assim, a conjunção que agrega, o resgate dos princípios políticos do Parecer 11/2000, a radicalização na ação freireana e o reconhecimento da atualidade da Educação Popular, torna-se o caminho para a (re)leitura dos saberes e das práticas do Ensino de História na EJA. Paulo Freire (1979) escreveu: 'Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Reconhecer o valor e a necessidade da intervenção crítica proposta por Freire, nos fez perceber que o currículo crítico e emancipatório é uma possibilidade de atuação docente. Uma opção política de leitura do mundo e da realidade escolar que contem e está

contido nela. Saber, ler, conhecer e reconhecer o cotidiano escolar torna-se assim, uma tarefa fundamental, imprescindível. Problematizar esta prática, nessa dimensão, está no horizonte deste Grupo de Discussão.

Diante do desafio de abordar saberes e práticas do Ensino de História e da opção pelo currículo crítico emancipatório, nos deparamos com experiências interessantes. O trabalho de ALMEIDA, Jayza Monteiro (2015), que relata o uso “do cinema como documento histórico” em uma escola do sistema socioeducativo, no Espírito Santo. Almeida esclarece: “partimos da discussão do cinema como documento histórico, levantando questões teórico-metodológicas, que põe em discussão as relações entre a sétima arte e a sociedade”.

Em outro trabalho, SILVA, Claudia M. Araújo (2015), aborda o uso das novas tecnologias defendendo que “é importante aliar todos os recursos disponíveis a esses alunos para que possa usá-lo a favor do esclarecimento histórico”. Silva ainda se referencia na “renovação promovida pela Escola dos Annales no campo historiográfico” ao alargar o conceito de fontes históricas.

O samba-enredo aparece como “alternativa metodológica para o ensino de história da África, cultura africana e afro-brasileira” no trabalho assinado por DUPRET, Leila, BIGLER, Nikolas e MOREIRA, Luana (2015). Ali, além do atendimento à questão da legislação (lei 10.639/03), questões escolares (pedagógicas, didáticas e curriculares) e cotidianas (especialmente do mundo do trabalho) fazem-se presente. No dizer das autoras e do autor, “É exatamente a convergência destes dois caminhos que visualizamos o emergir da dinâmica do processo de aprender conjunto voltado para o ‘saber-fazer’ na educação, abrangendo professores e alunos”.

A incorporação de documentos históricos e da oralidade como recursos para ensino e compreensão da história, são as bases do trabalho apresentado por BALAGUER, Fábio Dias (2015). O autor problematiza temas como memória coletiva, monumentos e relações de poder em sala de aula, a partir de um monumento da cidade. “A inauguração do ‘Marco Zero’ (...) é um exemplo oportuno para aprofundar a reflexão do monumento como instrumento de poder”, argumenta o autor. Mais a diante, Balaguer realça: “A eficácia simbólica” do monumento ao mesmo tempo em que naturaliza o passado, reforça um “discurso ideológico” que age silenciando a “memória de violência ligada ao processo de ocupação da terra na região”.

No escopo do debate sobre memória e ensino de História na EJA, temos o trabalho de SANTOS, Lorene & LANNA JÚNIOR, Mário Cléber (2015), que indica o lugar central da memória na construção da educação escolar quilombola e que a mesma possibilita “estabelecer as conexões necessárias entre passado, presente e futuro” e ainda que, “a aproximação da historiografia com a memória consolida um tipo de interdisciplinaridade, que leva em consideração, além do conhecimento produzido, o diálogo entre os objetos e métodos”, reafirma-se uma perspectiva de

horizontalidade entre o saberes, sejam aqueles de origem científica/acadêmica, sejam aqueles oriundos dos saberes populares e das memórias de seus sujeitos. E ainda, a contribuição de AMENDOLA, Orlando (2015), que entende a memória como “condição que pode permitir que o aluno se perceba como um sujeito que tem o seu lugar na/para a História” e dessa forma “fazer uso da memória, para uma abordagem múltipla para o ensino da disciplina”. Essa possibilidade didática, no contexto da EJA, pode ser relevante para a construção de um novo "saber" histórico, pois possibilita trazer um outro olhar sobre memórias de certa forma cristalizadas e que funcionam como sustentáculos dos grupos dominantes, fazendo assim, emergir as “memórias subterrâneas” (POLLACK, 1989).

Na perspectiva também, de dar voz ao universo experiencial dos alunos, destaca-se o trabalho de FONSECA, Karla & SBRAVATI, Daniela (2015) que no desenvolvimento de oficinas de História com alunos trabalhadores do setor de hotelaria e que tinha como alvo fazer o reconhecimento de saberes escolares de sujeitos em processo de escolarização, mas que não possuíam certificação de fluxo escolar, indica: “objetivou-se estabelecer relações entre a história de vida do sujeito e a sociedade na qual está inserido, compreender semelhanças e diferenças, mudanças e permanências no espaço em que vive, reconhecer que os conhecimentos históricos estão presentes nas suas atividades profissionais” e “por considerar que a construção e a transmissão do conhecimento não é prerrogativa exclusiva da educação formal”. A sensibilidade pedagógica desse resgate, proposto pelas autoras, inverte uma lógica de reconhecimento/certificação de conhecimentos e saberes extraídos exclusivamente da cultura escolar e curricular e aproxima consideravelmente escola e aluno, transmutando-a não como um lugar de transmissão verticalizada de saberes, mas, anunciando uma escola viva, onde sujeitos dialogam nas dimensões de reciprocidade e horizontalidade.

Na direção de finalização dessa reflexão, destacamos, ainda, outro elemento central na construção de um currículo de História crítico na Educação de Jovens e Adultos, a saber: o impacto das formações inicial e continuada de professores atuantes na modalidade nessa construção curricular. Deve-se ampliar as reflexões teórico-práticas e novas possibilidades formativas para este docente, no sentido de fortalecer a construção de subsídios para o enfrentamento dos desafios que os estudantes da EJA colocam, mas principalmente, para se garantir no processo de ensino e aprendizagem do conhecimento histórico, espaços plenos e emancipatórios de formação escolar.

Nessa direção de abordagem, no tocante a formação inicial, destaca-se as reflexões de BORGES, Joana (2015) que no contexto da “disciplina de Estágio Supervisionado do curso de História (...) junto a um núcleo de EJA, tem como proposta educar pela pesquisa” e como eixo norteador: “promover a identificação, a valorização e a difusão do patrimônio cultural associado à presença dos africanos e afrodescendentes em Santa Catarina”.



Ainda, sobre a formação docente inicial, ELISON, Antônio (2015) problematiza o seu trabalho como docente da disciplina de Estágio Supervisionado de História, para o autor: “não há formação de professores e sim um fazer-se professor” e nesse processo as questões específicas do fazer-se professor de História da EJA são captadas através de entrevistas com docentes atuantes na modalidade: “produzimos conhecimentos procurando ver os estilhaços das relações e experiências presentes nas narrativas dos entrevistado, bem como a totalidade das relações desenvolvidas na escola que buscam minar a racionalidade construída para aqueles excluídos da escolarização na infância e juventude”, realizando no processo das entrevistas e sua análise por futuros professores, a seguinte reflexão: “todo educador, especialmente os que estão em seus confortáveis espaços acadêmicos, precisariam viver a experiência de docência e produção de conhecimentos na EJA. Assim, talvez, descessem de seus pedestais e passassem a perceber os alunos e os seus colegas educadores da Educação Básica – especialmente da Educação de Jovens e Adultos como sujeitos, como alguém que tem uma cultura e experiências diferentes da sua e, que precisam mais do que ser respeitadas ser trazidas à tona para dialogar com o mundo acadêmico.” Nessa direção de reconhecimento das lacunas a serem preenchidas na formação inicial do professor de História, ampliamos o debate com a contribuição do trabalho de RODRIGUES, Fabiana (2015) que alerta, para ausência de uma formação específica para quem vai atuar ou já atua com um público da EJA: os estudantes privados de liberdade, autora afirma: “outro ponto que devemos destacar é a formação de professores de História para atuar na educação prisional, rara são as universidades que abordam o assunto na formação inicial e mais raro, as Secretárias de Educação ofertar uma formação para o docente ao ingressar no sistema prisional.

Tais reflexões apontam a necessidade de se romper na formação docente com o distanciamento entre os conteúdos e saberes disciplinares dos cursos de licenciaturas, e principalmente com campo social de atuação dos professores após a sua formação, pois tal distanciamento se amplia consideravelmente em torno das questões específicas da EJA. A conexão entre as esferas conteúdos formativos e campo social de atuação, durante a formação do licenciando é fundamental para se criar no futuro docente a percepção dos elementos complexos que edificam a educação formal nos dias atuais, principalmente aqueles vinculados à heterogeneidade de perfis que marcam os alunos hoje, sejam nas modalidades de ensino fundamental e médio, seja na modalidade da EJA. Possibilitar na formação de professores de História, elementos que o aproximem da realidade discente é um desafio central para o campo teórico e as reflexões práticas da/na formação inicial do professor.

Rio de Janeiro, 30 de março de 2015

## **7. GD Ensino de História e Linguagem: experiências na história ensinada**

Patricia Bastos de Azevedo (UFRRJ)

Maria Lenice de Andrade Rocha (Secretaria Municipal de Nova Iguaçu)

Nosso Grupo de Discussão busca estabelecer um diálogo entre os campos do Ensino de História e Linguagem, discutindo com diferentes caminhos metodológicos, teóricos e espaços investigativos.

Espaços estes que se constituíram na interlocução entre o ensino de História e Linguagem, tais como: a sala de aula, os jogos de enredos históricos, experiências em museus, periódicos de divulgação e outras possibilidades de diálogo.

Questões a princípio triviais e cotidianas como os atos de ler o livro, escrever no caderno, responder provas, ler periódicos de História, praticar jogos com enredos históricos, visitar museus e tantas outras atividades que constituem este complexo, múltiplo, híbrido, ambivalente e polissêmico campo – a relação entre ensino de História e Linguagem – despertam muitos questionamentos e possibilidades investigativas.

As práticas no ensino de História são marcadas pela linguagem em suas modalidades oral, escrita e imagética. Práticas estas que ao longo do tempo se constituíram como legítimas e válidas na difusão de conhecimentos produzidos na universidade, na escola e nos espaços de divulgação da História.

Nossa proposta busca dialogar com a Educação Básica, Superior e as diversas possibilidades de formação e experiência histórica. Possibilidades estas que se caracterizam como lugar de divulgação, transmissão e consolidação de práticas do ensino de História e de letramento.

O ensino de História é permeado e impactado pelas questões da Linguagem de forma singular, assemelhando-se e distinguindo-se da historiografia em seu sentido estrito. A atenção específica para os diálogos e tensões que são desenvolvidos entre ensino de História e Linguagem é um desafio que pretendemos entabular neste espaço de discussão, fomentando o exercício de olhar com mais atenção ao comum e cotidiano e ao exótico e excepcional. Trazemos uma incompletude e um inacabamento estruturante próprio deste processo de diálogo entre dois campos fecundos que apresentam muitos desafios e possibilidade a serem enfrentados.

O ensino de História em seus múltiplos espaços vem atualmente suscitando olhares, ainda breves e iniciais, mas já despertam indagações e questionamentos visíveis. O campo da Linguagem e seu diálogo com o ensino de História está na última década despontando como um caminho instigante e complexo.

Os participantes da comunicação em sua dinâmica social possuem uma ação ativa na produção de enunciados escritos, orais e imagéticos. Enunciados que ao serem apreendidos pelos distintos atores ganham uma acentuação própria do sujeito que os

compreendem, marcados pelo mundo sócio-histórico que o constitui e sua subjetividade em ato.

A palavra na História possui uma carga de sentidos e significados tecidos em processos sócio históricos e disputas políticas e de poder. Ao proferirmos a palavra no espaço de formação seja na academia, na escola básica ou nos espaços de divulgação estamos carregando em nossos enunciados – sejam orais, escritos ou imagéticos – uma série de palavras semi-alheias que trazem em si marcas das disputas e valores que as adensaram de sentido.

Dialogando com o espaço ideológico que é a produção do letramento no ensino de História em seus diferentes espaços – escola, universidade, jogos, museus e divulgação histórica –, é necessário com as novas demandas existentes estabelecer uma análise complexa destas práticas e possibilitar uma compreensão mais densa de nossas ações enquanto formadores na licenciatura, professores na Educação Básica e divulgadores da História. Buscamos na interlocução entre ensino de História e Linguagem em suas múltiplas facetas possibilitar a tabulação de discussão proposta neste grupo, que consideramos relevantes para o momento atual no ensino de História.

Buscamos ampliar esse diálogo e este Grupo de Discussão pretende instigar o debate entre diferentes espaços do ensino de História e sua interlocução com o campo da Linguagem.

Neste sentido temos o ensino de História como fio condutor dos trabalhos que serão apresentados. Podemos dividir os trabalhos deste GD em 5 subgrupos:

#### **Ensino de História e letramento:**

O conjunto de trabalhos possuem como foco central o debate sobre as questões das práticas de oralidade, leitura e escrita no ensino de História.

1. Letramento e História: perspectivas e possibilidades de ação.
2. Escrita “errada” ou produção de sentido? Análise de textos escritos por crianças e adolescentes nas aulas de História.
3. Leitura e escrita na sala de aula de História: da prisão da palavra ao labirinto do exterior.
4. A leitura e a escrita para a aprendizagem de conceitos históricos.
5. Tornar-se professor de História: práticas de letramento na licenciatura de História PARFOR/UFRRJ.
6. Que História é essa? Letramento em História nos anos iniciais do ensino fundamental.

#### **Ensino de História e usos da imagem:**

O conjunto de trabalhos possuem como foco central o debate sobre o uso de imagens no ensino de história

1. Ensino de História através de fotografias: experiências comparadas no ensino básico.
2. Utilização de fotografias no ensino de história: uma proposta da Oficina de Fotografia Documental (2010-2014).
3. Educação Histórica e Ensino de História mediado por fontes: reflexão-emoção sobre a prática docente em história.
4. Possibilidades pedagógicas das artes visuais e cênicas no ensino de história: Metodologias e práticas.
5. A memória e o ensino de História: uma historicização da experiência espanhola (1939-2000).

#### **Ensino de História linguagem e cultura digital:**

O conjunto de trabalhos possuem como foco central o debate sobre a cultura digital, linguagem e o ensino de história.

1. Ensino e Cultura Contemporânea: O uso da internet em sala de aula.
2. Juventudes, videogames e aprendizagem em História.
3. O Espaço escolar, História, Memória e Ensino de História na série Harry Potter.
4. Música e cinema no ensino de história: muito mais que diversão.
5. Alguns Apontamentos Sobre a Formação da Consciência Histórica.
6. O Ensino de História versus as mídias digitais.
7. Consciência histórica, didática da história e canção popular: conceitos, categorias e empiria.
8. Jogos virtuais na construção de conhecimentos históricos de estudantes de 7º ano do ensino fundamental.
9. A pesquisa de informações históricas na Internet.

#### **Ensino de História linguagem em espaços formais de formação:**

O conjunto de trabalhos possuem como foco central o debate o espaço de formação formal e o ensino de história.

1. Oficina de História em Sala: um relato de experiência.
2. Uma experiência de formação de professores em torno do conhecimento histórico-educacional na Universidade Federal de Uberlândia.
3. Os sentidos de “verdade histórica” nas questões do ENEM.
4. Linguagem e História: o Tratamento Dialógico das Questões Socialmente Vivas.

5. Como se atribui sentido a História? Reflexões acerca dos registros memoriais de estudantes do Ensino Fundamental.
6. Educação histórica: a história local na aprendizagem histórica de alunos do 9º ano do ensino fundamental. Ensino de história, Patrimônio cultural, memória: abordagens e reflexões nas aulas de história a partir da Educação Histórica.
7. Ensino de História na Educação Profissional: Reflexão sobre ensino de História aplicada ao Turismo.
8. Os usos das múltiplas linguagens no Ensino de História: reflexões sobre o currículo de História para o ensino fundamental.
9. Compreendendo a relação entre o currículo formal e o currículo vivido no ensino de História com base no ENEM de 2009.
10. Ensino e aprendizagem de história: da tradição e da memória à construção de outras práticas pedagógicas.
11. O professor de história e o uso de novas ferramentas pedagógicas: Programa Um Computador por Aluno no Colégio de Aplicação-UFSC.

**Ensino de História, linguagem e práticas não escolares:**

O conjunto de trabalhos possuem como foco central o debate sobre o ensino de história em espaços não escolares.

1. O surdo no Museu Nacional: projeto de acessibilidade e adequação da linguagem museográfica.
2. O saber histórico escolar de crianças e adolescentes na cidade do Recife: um breve panorama sobre o ensino de história.
3. Itãn e a produção do conhecimento.
4. Programa “Geração Jovem” – Encontros de Música e História.
5. Heranças africanas e povos indígenas: novas linguagens para o ensino de história.

Propomos duas indagações como eixo norteador para o debate no GD:

1. Quais os desafios do ensino de história em seu diálogo com a linguagem em suas múltiplas possibilidades e espaços sociais?
2. Que possibilidades a linguagem traz para o ensino de história no século XXI?

## 8. GDLeitura de textos históricos escolares

Luísa Teixeira Andrade Pinho (UniBH)

Nayara Silva de Carie (Escola Estadual Profª Maria Cecília de Melo – SEEMG)

As mudanças no campo da educação, impulsionadas, entre outras coisas, pela universalização do ensino e pelo advento das novas tecnologias, incluindo paulatinamente alunos das camadas populares, impuseram novos desafios aos docentes e à escola. Um deles refere-se à necessidade de aprimorar os estudantes nos processos de leitura e de escrita. Supõe-se que o sujeito que domina a leitura e a escrita amplia suas possibilidades de participação social e de exercício da cidadania por fazer uso consciente e competente da linguagem. Para que isso aconteça, espera-se que esses sujeitos sejam capazes de ler os variados textos presentes na sociedade que circulam dia a dia sob a forma de notícias, editoriais, reportagens, poemas, artigos, contas de telefone, água e luz, cartas, bilhetes, e-mails, tabelas, mapas, fotografias, pinturas, hipertextos, entre outros.

Argumentamos que a tarefa de “letrar” os alunos ou de criar condições para o desenvolvimento de habilidades da leitura não se restringe às disciplinas relacionadas à língua portuguesa, tampouco deve somente ocupar o ciclo inicial da educação. Ela é parte integrante do currículo de todas as disciplinas escolares em todo o processo escolar. Soares (2003) argumenta que todos os educadores que trabalham com leitura e escrita são responsáveis pelo letramento, “mesmo os professores das disciplinas de História, Matemática, Ciências. Alunos leem e escrevem nos livros didáticos. Isso é um letramento específico de cada área de conhecimento. O correto é usar letramentos, no plural” (SOARES, 2003).

As discussões e pesquisas sobre a leitura no ensino de História ainda são raras. Pouco se sabe a respeito do trabalho que os professores realizam em prol do letramento e da aprendizagem da leitura em História. Existe uma diversidade de práticas de leitura a ser conhecida, visto que os leitores – professores e alunos – são diversos e leem em condições singulares e diversas.

A leitura de textos de natureza histórica requer a compreensão da especificidade da História. Isto é, de um conhecimento que envolve a compreensão do mundo social e de sua complexidade, com existência de conflitos e de atores com diferentes interesses; que se faz a partir de pontos de vista diversos e nas relações entre fatos políticos, religiosos, culturais, sociais e econômicos, estruturados pelas dimensões espaço-temporais presentes na compreensão da História. A leitura dos textos de natureza histórica depende da capacidade do leitor de “entrar” no texto, ou por intermédio dele, entrar no mundo das experiências, das ações, das causas ou

motivações das quais o texto fala, e deste modo, (re)construir o “mundo histórico” retratado pelo autor. Além disso, ao entrar no mundo das experiências do texto, o leitor poderá também realizar confrontos e aproximações entre essas experiências e as suas próprias, criando-se um movimento dinâmico que enlaça temporalidades, sujeitos e contextos diferentes.

Pretende-se neste GD contribuir para o conhecimento das condições em que processos de leitura são estabelecidos em aulas de História e das implicações dessas condições para que os alunos possam aprender como “ler história” e “saber história”, e para que sejam capazes de ler os diversos textos que circulam no cotidiano relacionados ao conhecimento histórico. Busca-se propiciar debates e interlocuções entre pesquisas e experiências em ensino de história ampliando o conhecimento sobre a leitura dos textos históricos escolares em variadas condições, espaços, propósitos e gêneros textuais.

Compõe esse GD, quinze trabalhos de natureza distinta e complementar que tangenciam o tema central: Leitura/Letramento em História. Ele explora, desse modo, o letramento em uma perspectiva plural e diversa. Os quinze artigos dividem-se nas seguintes temáticas: 1) práticas de Leitura em sala de aula; 2) Análise dos protocolos de Leitura presentes na materialidade dos manuais didáticos; 3) outros letramentos em História.

A primeira temática “Práticas de Leitura em sala de aula de História abrange quatro trabalhos. O primeiro deles “Lides: A literacia Histórica” buscou compreender, por meio de entrevistas com professores de História e a partir das lentes dos estudos de didática de leitura em História, a natureza das atividades de leitura realizadas em sala de aula, o tempo gasto com a leitura, os principais gêneros e recursos textuais utilizados, entre outros aspectos. O segundo “Práticas de Leitura do Livro Didático em sala de aula de História” procurou, a partir de uma perspectiva etnográfica, entender como as práticas de leitura dos textos de História são construídas em uma sala de aula do ensino Fundamental por participantes (professor e alunos) a medida que interagem ao longo do ano letivo. A seguir, o trabalho “Os textos didáticos de História na visão de estudantes do ensino Fundamental” apresenta e discute, por meio de entrevistas e das lentes teóricas da análise do discurso segundo Bardin (1977), a perspectiva de estudantes do sétimo ano do ensino fundamental da rede Estadual de ensino de Belo Horizonte sobre textos didáticos de História. O quarto trabalho “Práticas De Leitura Escolares E Não-Escolares Em Livros Didáticos De História” investigou as práticas de leitura de seis leitores que tiveram suas vidas atreladas ao meio rural, e mesmo diante da rarefação da cultura do escrito no contexto rural, tornaram-se leitores assíduos. A pesquisa discutiu a formação da disposição leitora dos indivíduos, a partir do aporte teórico oferecido pela sociologia à escala individual (LAHIRE, 2002), bem como, os meios e modos de ler e a

apropriação das leituras que realizam, com base nos estudos da história da leitura (CHARTIER,1990).

Esses trabalhos, embora tenham utilizados variações acerca das abordagens teóricas e metodológicas, buscaram, em linhas gerais, descortinar as práticas de leitura que vem sendo realizadas no cotidiano escolar nas sala de aula de História.

A segunda temática presente no GD foi composta por dois trabalhos e teve como enfoque análises de manuais didáticos escolares e suas possibilidades de leituras de história. Em “O Compêndio da História do Brasil”: narrativa, distância histórica e regimes de autonomia” o autor explora manuais de História do Brasil de Bellegarde e de Abreu e Lima, adotados no Colégio Pedro II entre 1840 – 1861, cujo enfoque recai nos conteúdos: escravidão, índio, negro, colonização, portugueses/Portugal e jesuítas. O trabalho se enquadra dentro do campo da História das Disciplinas Escolares, junto às reflexões de André Chervel e Circe Bittencourt. Dentro dessa mesma temática, o trabalho “Análise Da Competência Interpretativa Na Coleção História E Vida Integrada (2008)” explora modelos de interpretação propostos por Rüsen relacionados a consciência histórica que estão presentes nos textos de uma coleção didática da disciplina História. Ambos os trabalhos procuram analisar as possibilidades de leituras e construções históricas presentes na materialidade dos manuais didáticos.

A terceira temática abrange o letramento em uma perspectiva mais geral. Em “Casa África: espaço de leitura e construção das identidades africanas e afro-brasileiras” discute-se o potencial de um espaço cultural para a construção de leituras e interpretações da cultura e História africana e afro-brasileira. E o trabalho “Uma história a ser ensinada: a instrução em Mato Grosso nas páginas da imprensa de circulação geral e a história regional nos anos finais do século XIX (1880-1890)” explora os limites e possibilidades dos estudos de história regional. Pensa-se, dessa forma, em letramentos em historia plurais, isto é, formas e meios distintos de fazer uma leitura crítica do mundo social. Em “La historia de lainmigraciónenla Argentina enlosnuevosmaterialesdigitales”, as autoras fazem uma reflexão sobre o lugar que os materiais multimídiais ocupam no ensino dos procesos migratórios na Argentina.



## **9. GD Os docentes frente à cultura escolar: suas práticas e seus materiais**

Elaine Lourenço (Universidade Federal de São Paulo – Unifesp)  
Jaqueline de Almeida (Secretaria Municipal de Educação de São Paulo)

Este grupo de discussão tem como foco o trabalho cotidiano do professor de História e, sobretudo, as estratégias e materiais que utiliza. Frente aos novos desafios da educação contemporânea, que busca a homogeneização dos diferentes, o que se pretende debater é a metodologia dos docentes, seus projetos, suas experiências, seu trabalho com as novas tecnologias, a fim de compreender as novas realidades das salas de aula e da atuação profissional. Nesse sentido, as mudanças na cultura escolar frente ao ingresso de um novo público, outrora excluído deste universo, também fazem parte das preocupações deste GD, assim como os novos currículos propostos e seus impactos na cultura escolar e nas práticas dos professores. Em síntese, o que se quer discutir é a atuação do docente de História do ponto de vista da cultura escolar, a partir de suas práticas, de seus recursos e de suas relações com os currículos propostos.

Considerando que o conceito de cultura escolar é central para este trabalho, parte-se da definição de Antonio Viñao Frago. Segundo sua análise, a cultura escolar:

[...] seria constituída por um conjunto de teorias ideias, princípios, normas, modelos, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogo não interdidas, e repartidas pelos seus actores, no seio das instituições educativas. Tradições, regularidades e regras de jogo que se transmitem de geração em geração e que proporcionam estratégias: a) para a integração em tais instituições e interacção nas mesmas; b) para levar a cabo, sobretudo na aula, as tarefas quotidianas que se esperam de cada um, e fazer frente às exigências e limitações que tais tarefas implicam ou comportam e c) para sobreviver às sucessivas reformas, reinterpretando-as e adaptando-as ao seu contexto e às suas necessidades. [...] A cultura escolar seria, em síntese, algo que permanece e dura; algo que as sucessivas reformas só arranham ao de leve, que a elas sobrevive, e que constitui um sedimento formado ao longo do tempo. Um sedimento configurado, isso sim, por capas mais mescladas do que sobrepostas que, em jeito arqueológico, é possível desenterrar e separar. É neste sentido que caberia dizer que a tarefa do historiador é fazer a arqueologia da escola.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>VINÃO FRAGO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolas e reformas. Lisboa: Edições Pedago, 2007. p. 87.

Sob tal inspiração, com vistas a promover uma “arqueologia da escola”, convidamos os integrantes deste grupo de discussão a refletir sobre os trabalhos aqui apresentados. A intenção é perceber como cada um dos textos pode, e deve, dialogar com a cultura escolar em questão, ora nas diferentes escolas pesquisadas, ora nas normativas oficiais, ora nos materiais utilizados em sala de aula, em busca não de tratar estes movimentos como estáticos ou isolados, e sim como algo dinâmico e renovado a cada gesto.

A fim de organizar as discussões em dois dias, os trabalhos foram subdivididos em dois blocos, conforme suas afinidades temáticas. No primeiro estão aqueles que dialogam mais de perto com a formação docente, a identidade do professor, a atuação em sala de aula e a relação mais próxima com os currículos escolares, ou seja, tudo que envolve a atividade docente, de uma maneira ampla e geral. No segundo, os trabalhos que têm como foco principal os materiais utilizados pelos professores, com o predomínio do livro didático, as relações com as novas tecnologias e os novos temas propostos para o ensino de História. Esta classificação é apenas indicativa e não pretende esgotar todas as possibilidades do debate, mas, antes, criar um eixo em torno do qual o grupo possa se reunir e compartilhar ideias e práticas.

### **Eixo I – Os professores: formação e atuação**

- Como se formam os professores?
- Como atuam os professores?
- A quais currículos os professores estão sujeitos?

Neste eixo, discutiremos as questões relacionadas primordialmente ao trabalho docente. O primeiro trabalho é de Luciana Oliveira Correia (A categoria “Código disciplinar da História”: reflexões sobre cultura escolar e formação docente), no qual a autora propõe a possibilidade de pensar a formação nas licenciaturas em História a partir da categoria “Código disciplinar”. Ainda com o foco nas licenciaturas, o trabalho de Sandra Regina Mendes e Thais dos Santos Vinhas (Ressignificar saberes através de práticas inovadoras em estágio supervisionado: reflexões sobre a formação do professor de História) discute a reformulação da disciplina de Estágio Supervisionado em um curso desta modalidade.

Nem todos os docentes que atuam com ensino de História têm formação nas licenciaturas da área, e são os desafios enfrentados por estes profissionais que atuam nas séries iniciais o tema do trabalho de Sueli de Fatima Dias e Mario de Souza Martins (Ensino de história nos anos Iniciais do ensino fundamental: atuação e formação docente). Este nível de ensino também é o objeto da pesquisa de Nayad Pereira Abonizio e Magda Madalena Tuma (Os conteúdos de História nos documentos oficiais e a seleção feita por professores do 4º e 5º do ensino

fundamental), que problematiza a relação do ensino de História frente às disciplinas de Português e Matemática.

Os currículos propostos pelos PCNs do Ensino Médio são o objeto de estudo de Fabio Alves Jorge (Análise da proposta de ensino de História a partir dos PCN'S: as percepções discentes sobre a disciplina e como o professor trabalha), que também entrevistou alunos deste segmento. Em relação aos currículos propostos por governos estaduais, dois trabalhos se apropriam do tema para análise. São eles: Thiago Figueira Boim ("São Paulo faz Escola": proposta curricular, materiais didáticos e práticas docentes em escolas públicas estaduais em São Paulo) e Thiago Rodrigues Nascimento (O velho "script": formação continuada e ensino de História na rede estadual do Rio de Janeiro).

Um último trabalho sobre currículo, de Regina Célia do Couto (O ensino de história na fronteira Brasil-Uruguai: vontade de nacionalidade, pertencimentos e cultura cívica), apresenta uma perspectiva comparada binacional e confronta uma experiência de Rio Branco, no Uruguai, e Jaguarão, no Brasil.

Para além dos currículos, o trabalho docente é regado e a cada tempo práticas e realizações diferentes. A pesquisa de Angélica Alves Bueno e Eriziane de Moura Silva Rosa (Políticas educacionais e práticas educativas: disputas, permanências, mudanças e perspectivas) discute as mudanças provocadas a partir da implantação da HTPC. Em outra perspectiva, uma atividade que foi desenvolvida no intervalo dos turnos escolares é o tema abordado por Dismael Sagás (Projeto Rádio Corredor).

A escola pública é o lugar onde a maior parte dos docentes atua e o trabalho de Janete Rosa Dutra (O ensino de História na escola pública: uma análise do contexto escolar e suas implicações no ensino de História) problematiza este espaço. É possível também pensar na interação dos professores nas escolas, sobretudo entre os mais experientes e os recém-chegados, e este é o foco de Adriana Haruyoshi BIASON e Sandra Regina Ferreira de Oliveira (Uma escola com espaço para o professor aprender). Os novatos ainda são analisados por Caroline de Mattos de Moraes e Jussemar Weiss Gonçalves (Novos olhares: ensino de história na perspectiva de professores iniciantes da cidade do Rio Grande (RS)).

Há diferentes trabalhos que analisam práticas docentes em sala de aula contra o pano de fundo das especificidades de seu lugar social. Neste conjunto, podemos agrupar os textos de Pablo Luiz de Oliveira Lima (Os trabalhadores e o trabalho do Ensino de História em Belo Horizonte: formação, práticas de ensino, materiais didáticos e condições de trabalho), que parte da atuação na cidade de Belo Horizonte, e Alisson Guilherme Gonçalves Bella (Desconstruindo a História Oficial: como lidar com o discurso de frente pioneira com alunos do ensino fundamental?), que discute o contexto da atuação em Londrina. Já o texto de João Batista Gonçalves Bueno (Saberes metodológicos de ensino de História: 6º e 7º anos do ensino básico da cidade de Guarabira- PB(2013-2014)), se dedica a uma análise mais detalhada das séries mencionadas.

Por fim, toda atividade docente é marcada pelas avaliações, seja em relação a seus alunos, seja frente às avaliações externas. A primeira modalidade é debatida por Alessandra Gasparotto e Daniela Oliveira Silveira (Vale nota? Algumas reflexões sobre as práticas de avaliação na escola e no ensino de História).

### **Eixo II – Os materiais didáticos e os novos temas do ensino de História**

- Quais materiais os professores utilizam em seu cotidiano?
- Quais as possibilidades das novas tecnologias de informação?
- Quais os novos temas abordados pelo ensino de História?

O livro didático é o material mais antigo presente no cotidiano escolar e até hoje sua presença é marcante para professores e alunos; desta forma, ele se torna objeto de estudo de muitos pesquisadores, inclusive neste GD. Uma análise de seu conteúdo está presente nas pesquisas de Almir Felix Batista de Oliveira (Patrimônio Cultural e o Livro Didático de História), de Amanda da Cunha Conrado (O livro didático de História em discussão: apontamentos sobre fontes e conceitos) e de Ana Maria Garcia Moura e Carla Karinne Santana Oliveira (A História do Tempo Presente (HTP) nos livros didáticos de história (1960-2000)).

Dois outros textos que podem se enquadrar neste recorte são o de Ana Paula Squinelo (O que se ensina e o que se aprende nas aulas de História? A Guerra do Paraguai e as Coleções Didáticas do PNLD 2014) e o de Laura Nogueira Oliveira (A história ambiental e o ensino de temas de História do Brasil), que parte do PNLD 2015. Por fim, a questão da recepção do livro didático é abordada por Adriana Soares Ralejo (Livro didático para quem? Perspectivas de apropriação pelos professores).

Dois trabalhos partem da produção de um material didático original para o ensino de História local. São propostos, respectivamente, por Carla Rejane BarzRedmerSchneid e Carmem BurgertSchiavon (Estratégias de ensino para a história local através dos bens patrimoniais de São Lourenço do Sul – RS) e Cristina Helou Gomide (Literatura e História Sequencial: a produção de um material didático para o ensino básico).

As novas tecnologias também receberam a atenção de vários pesquisadores e formam o conjunto a seguir descrito. O trabalho de Márcia Maria Dias e Eucídio Pimenta Arruda (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no Contexto da Formação Inicial de Professores de História) busca a presença destas discussões nos currículos de formação de professores, enquanto o texto de Rosa Maria Pelegrini (A construção do saber histórico escolar na contemporaneidade: utilização de ferramentas da Web 2.0 como recurso pedagógico) propõe a criação de blogs como ferramenta de trabalho.

Os materiais digitais utilizados para a formação de professores são o tema de Gisela Andrade e Marisa Massone (La historia de lainmigraciónenla Argentina em los

nuevos materiales digitales). Já as possibilidades da formação e atuação docente em museus virtuais são discutidas por Douglas Sales Silva (Simulação e modelagem computacional de museus históricos interativos orientados ao visitante: perspectivas para o ensino e a formação de professores). A análise de uma série televisiva, disponível também na internet, e seus impactos no ensino de História é o tema de María Gabriela Carnevale (“El asombroso mundo de Zamba”: una propuesta para interrogar la cultura escolar mediante El análisis de material es digitales).

Ainda no campo da sala de aula, há dois trabalhos que se dedicam ao estudo dos jogos como ferramentas de ensino, de Gregory Humai de Toledo e Guilherme Luis Pampu (A utilização de jogos para o ensino de História) e Rafael Vicente Kunst (Ensino de História e uso de jogos para a elaboração de narrativas).

Por fim, um tema que se tornou imprescindível para o ensino de História nos últimos anos, a Educação Patrimonial, aparece aqui com três trabalhos, sendo que dois deles provêm do Pibid e tem Santa Catarina como espaço de estudo: Larissa do Livramento Pereira e Valéria Gontarczyk (Experiências docentes no PIBID História: a formação do professor pesquisador e uso de materiais didáticos sobre história local patrimônio cultural na escola básica municipal “Batista Pereira”) e Tiago Felipe Valério e Raphael Tarso Silveira (Ensino de História Local e Patrimônio Cultural: experiências docentes desenvolvidas no PIBID). O último texto voltado a esta temática tem um recorte bastante original e parte da análise dos cemitérios: Paulo Hipólito e João Batista Gonçalves Bueno (Um campo (santo) de possibilidades: considerações sobre o potencial pedagógico do cemitério como fonte para o ensino de História).

### **Uma arqueologia possível?**

O percurso aqui traçado mostra a grande diversidade e, por que não dizer, a “vivacidade” da escola e do ensino de História. Aproveitando o tema deste encontro, “Questões socialmente vivas e o ensino de História”, podemos perceber que as mudanças propostas para os sistemas escolares foram e são objeto de debates intensos, que os professores pensam e repensam sua formação profissional, suas práticas de sala de aula. De outro lado, notamos que os materiais utilizados em sala de aula são apropriados e questionados em muitas facetas, ao mesmo tempo em que novos temas aparecem e trazem novos significados e desafios para os docentes e seu trabalho. Desta forma, espera-se que a “arqueologia” aqui proposta nos faça perceber as muitas camadas mescladas e diversas que perpassam o trabalho profissional dos professores de História.

## **10. GD Comunidades Tradicionais e os desafios para a Educação.**

Roseli Correia da Silva (RME BH)

Rogério Correia da Silva (UFMG)

### **Introdução**

Os trabalhos selecionados por este Grupo de Discussão foram agrupados segundo a identificação de três aspectos em especial abordados pelos participantes e que contemplam o campo da pesquisa, do ensino e da formação docente. Este Grupo de Discussão trata-se, pois, de um exercício comprometido com a identificação de estratégias utilizadas pelos diferentes grupos étnicos como forma de serem-se representados e tratados dignamente - aspectos que deixam lastros para pensarmos na construção de uma pedagogia preocupada com a diversidade e a pluralidade, sendo de fundamental importância a construção de ações voltadas para a reeducação do olhar e para a desnaturalização das desigualdades raciais, no afã de identificar as “diversas diferenças” que compõem o nosso cenário cultural.

O desejo de criar pontos de intercessão entre os grupos étnicos contemplados pelas leis 10.649\03 e 11.645\08 a fim de ampliar o diálogo, no sentido de contemplar os demais grupos que compõem o cenário cultural brasileiro, fez com que este GD elege-se os saberes e conhecimentos tradicionais como elementos centrais na identificação de comunidades que detêm este inestimável patrimônio como traço essencial de sua identidade, como forma de nortear discussões, aproximações e porque não, promover intercâmbios e entendimentos sobre práticas educativas suscitadas a partir deste referencial.

Portanto, os trabalhos selecionados sob a temática “Comunidades Tradicionais e os desafios para a educação” têm por finalidade fomentar discussões, não só na perspectiva da identificação dos bens culturais, mas também na valorização, na revitalização, salvaguarda e na difusão do patrimônio sociocultural produzidos por populações que preservam uma maneira *sui generis* de produzir e transmitir saberes, destacados como “referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes elementos étnico-culturais formadores da nação brasileira” (Oriá, 2013:135).

O advento das leis citadas acima também abriram precedentes para o desenvolvimento de trabalhos em favor das minorias étnico culturais, dando visibilidade às experiências produzidas pelos mais diversos grupos nos seus mais variados aspectos. Portanto, este artigo reside no esforço de fornecer categorias-chaves para o reconhecimento do que venha a ser conhecimento tradicional, enfatizando-se aspectos que envolvam as formas de produção, aquisição e transmissão desses saberes, cujas bases diferenciam-se bastante da matriz que norteia a produção do conhecimento científico.

Este GD contempla 20 trabalhos que tratam de diferentes grupos étnicos tradicionais (quilombolas, indígenas e pomeranos), agrupados sob diferentes

perspectivas, que atravessados por uma metodologia baseada na História Oral e ou na História Local, apresentam narrativas permeadas pela busca do direito à memória, bem como a identificação, valorização e salvaguarda do patrimônio cultural desses povos como característica essencial.

### **I – Conhecimentos Tradicionais e Ensino de História: Pontos para construção de um diálogo.**

Para Peter Burke (1992), a procura por uma maior inteligibilidade, condicionada a valorização dos variados pontos de vista do que realmente aconteceu e a um tipo de narrativa que fizesse frente às demandas da historiografia contemporânea, fizeram com que a História social voltasse o seu olhar para as narrativas. Uma narrativa histórica que se apresentasse de forma renovada e atual e fosse percebida como princípio fundamental do discurso historiográfico, servindo como ponte entre a História vivida e a produção de saberes voltados para a construção de sentidos para o mundo.

Essa valorização da construção do conhecimento histórico a partir da vivência e, portanto do local e do presente, fez com que a História Oral e a História de vida contribuíssem sobremaneira para a pesquisa histórica, abrindo precedentes para que os atores expressassem suas identidades por meio de suas ações.

O uso da História Oral como metodologia de trabalho fica visível em dois dos trabalhos inscritos neste Grupo de Discussão: “A História Oral na sala de aula e o reconhecimento da identidade do povo tradicional pomerano no ensino da História Local” e “Análise das abordagens históricas: Produção científica no campo da História Oral”.

Enquanto o primeiro trabalho trata-se do relato de um projeto desenvolvido com alunos do Ensino médio sobre a história dos imigrantes pomeranos vindos para o Brasil, especificamente para a cidade de São Lourenço do Sul, utilizando-se da História Oral como mecanismo para acessar e revisitar o passado, o segundo trabalho, analisa 33 obras disponibilizadas em um portal sobre História Oral e suas contribuições para o campo da historiografia do “Tempo presente”. Ambos possuem uma abordagem que define a História Oral como um mecanismo, que por meio da exploração das memórias e das histórias de vida dos sujeitos, pode auxiliar no reconhecimento e na valorização de experiências silenciadas.

O que estes trabalhos nos revelam em especial é que o uso de uma metodologia de trabalho como a História Oral mostra-se relevante, na medida em que os conhecimentos tradicionais baseiam-se numa polissemia de significados e possuem características autóctones, cujos traços encontram-se forjados na localidade e cuja cadência é marcada por um “saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano \ industrial e transmitidos oralmente de geração em geração” (DIEGUES, 2000, p.30, apud in PERELLI, 2008, 384).

Os pesquisadores e especialistas podem se valer da História Oral como uma ferramenta para acessar os saberes tradicionais que precisam ser revisitados, no sentido de dar voz aos variados sujeitos envolvidos na produção e transmissão desses processos, na expectativa de construir um currículo mais pluricultural, onde os conhecimentos tradicionais e os científicos possam caminhar lado a lado. Podemos citar o caso dos pioneiros de Londrina, que sob uma perspectiva sociocultural problematiza os lugares da memória da cidade com vistas a visitar a história desta localidade, por meio das narrativas dos excluídos que circulam pela cidade.

Para definição do que seja conhecimento tradicional e sua relação com a história (ou o seu ensino) talvez um exercício necessário seja chamarmos a atenção para os equívocos e reducionismos ou mesmo as associações feitas a ele sem gerar uma reflexão mais ponderada sobre o tema (por exemplo, defini-lo como algo antigo e imutável). Têm-se também uma tendência em tratá-lo no singular, ignorando ou mesmo não validando a miríade de espécies como uma característica básica dos procedimentos tradicionais, que acabam sendo rotulados sobre os mesmos princípios. Outro ponto é apresentá-lo em oposição aos conhecimentos científicos. Ao tratar da literatura jurídica e da posição dos movimentos indígenas sobre o tema, Manuela Carneiro (2009) apresenta uma ideia mais comumente associada ao conhecimento tradicional como um “corpus” estabilizado de origem imemorial, firmado cada vez mais numa noção ampla de que conhecimentos tradicionais sejam “conjuntos duradouros de formas particulares de gerar conhecimentos” (CARNEIRO, p. 364, 365).

Portanto, ao destacarmos que o conhecimento tradicional também se refere às formas de produção de conhecimento, não podemos classificá-los como necessariamente antigo, quando somente os seus procedimentos são tradicionais, uma vez que muitos dos saberes tradicionais são repetidos, reforçados, modificados e, até mesmo abandonados de acordo com as mudanças nas condições de produção e transmissão, evidenciando assim, segundo Perelli (2008), a dinamicidade como algo que também caracteriza a tradição. Isto só atesta que a força do conhecimento tradicional reside na sua capacidade de adequar-se ao mundo.

A partir desta definição buscamos descaracterizar a conotação de imobilidade histórica, antiguidade ou até mesmo de atraso, aspectos que equivocadamente acompanham os saberes produzidos por estas populações, haja vista que as tradições se mantêm e se atualizam mediante constantes mudanças. Com isso, ao deixarmos de enxergar a cultura enquanto movimento, corremos o risco de não identificarmos como “tradicional” os sujeitos que recriam e ou abandonam seus costumes (PERELLI, 2008).

Mas ao contrário das tradições inventadas, que segundo Hobsbaw (2014), resumem-se a um conjunto de práticas fixadas, imutáveis e reguladas por regras de natureza ritualística ou simbólica que são impostas por meio da repetição de valores,



normas e condutas de comportamento, como uma forma de dar continuidade ao passado, as tradições genuínas ou originais atualizam-se, são flexíveis e possuem a característica de uma sociedade que carrega em si mesma o germe da mudança quase como sinônimo de sobrevivência e resistência.

A discussão sobre o conhecimento tradicional e o ensino de história traz a tona outras possíveis relações entre o conhecimento tradicional, a memória, o território e identidade étnica. A título de exemplo, destacamos a experiência vivenciada pelo povo indígena A'uwê Xavante de Marãiwatsédé (MT). No relato apresentado, tal grupo adotou a Dzmori (que significa expedição) como estratégia para revisitação e reconhecimento do território ancestral desta nação como forma de manter um sentido de identidade e de pertença no grupo, a partir da exploração dos conceitos de lugar e memória.

Mesmo após a constatação das transformações ocorridas no território, a Dzmori possibilitou, por meio da memória dos anciãos, a recriação de uma experiência ancestral não vivenciada pelos mais jovens, cujo esteio serviu para fortalecimento da luta pelo direito à memória e à terra. Através do relato sobre a Dzmori pudemos verificar a reprodução de traços importantes e característicos das comunidades tradicionais, cuja ação possibilitou a apropriação histórica de um ambiente marcado pelos rituais de transmissão familiar que acabaram chegando até os mais novos como um anel que foi passado de mão em mão.

Ao conceber a terra como lugar de produção das tradições e de afirmação do modo de ser como condição para a existência das comunidades tradicionais, evidenciando o seu modelo de sustentabilidade baseado em uma ecologia de saberes, vale a pena suscitar um diálogo entre a Educação Ambiental e a História como forma de aproximação entre esses dois campos de conhecimentos, abrindo precedentes para os questionamentos levantados por CARVALHO (2014), no texto “Ensino de História e Educação Ambiental: Uma difícil aproximação”.

Portanto, levando-se em consideração que as sociedades tradicionais interagem com outras populações produzindo transformações em seus modos de vida, a forma como esses conhecimentos são adquiridos, produzidos, usados e transmitidos favorecem o reconhecimento da mutabilidade histórica como princípio ativo desses grupos, cujas imagens devem estar associadas às ideias de avanço e transformação e não ao sentimento de perda ou atraso.

## **II – As Comunidades Tradicionais e os novos sujeitos na Escola: Argumentos e práticas.**

As narrativas presentes nos trabalhos inscritos neste GD apresentam-se, ora marcadas por relatos de pesquisa, ora por linhas de projetos que dialogam com instituições de ensino superior, revelam o cuidado e a necessidade de um olhar mais atento para a Educação Básica como local de extenuante intervenção, pesquisa, reflexão e produção de saberes. A tônica mais pragmática dos Mestrados profissionais lideraram as inscrições, tendo como ênfase a busca por processos

favoráveis à transposição didática do conhecimento histórico e a formação da consciência histórica como finalidades em comum. A produção de portfólios como forma de avaliação processual e o uso de aulas oficinas, como forma de sensibilizar e envolver os (as) estudantes na produção de pesquisas de cunho mais historiográfico são alguns exemplos.

Gostaríamos de frisar que seis pesquisas em andamento ou concluídas envolvendo a Educação Escolar Quilombola e a Educação Escolar Indígena como modalidades de ensino diferenciadas. Ademais de demonstrarem a necessidade de uma Educação diferenciada estes trabalhos enfatizam uma discussão teórica do campo sobre a relação entre a produção historiográfica e os usos do passado por estas comunidades, tendo a memória como peça chave na reconstrução de identidades e práticas significativas, respaldadas pelo currículo escolar como forma de garantir o direito a estes novos sujeitos serem diferente sem serem iguais.

Pensando que a Educação Escolar Diferenciada prevê a identificação e a valorização dos conhecimentos da realidade local dos quilombolas e dos povos indígenas em diálogo com o global, faz-se necessário potencializar os saberes e aprendizagens construídos pelo e no saber-fazer desses sujeitos. Nesse sentido, gostaríamos de chamar a atenção para os trabalhos relacionados com esta temática, e interpelar sobre qual o lugar ocupado pelos conhecimentos tradicionais nessa articulação com o conhecimento científico sem que haja uma hierarquização frente à escolarização dos saberes? Ou ainda, tendo em vista que os conhecimentos dessas comunidades baseiam-se em uma constelação de saberes que circulam, dialogam e indagam a vida social, por meio da transmissão de bens culturais baseados na memória coletiva do grupo, como incorporar essas outras formas de conhecer o mundo ao currículo escolar de forma democrática?

Já os trabalhos que apontam para o uso da metodologia do Estudo de Meio ou para a necessidade de um diálogo com os espaços museais e a cidade argumentam sobre a importância da construção de práticas mais inteligíveis e sensíveis voltadas para o ensino da História, que possam interagir de modo mais significativo e plural com o tempo presente, com a finalidade de construir pontes mais tangíveis para acessar o passado, podendo apresentar-se como uma excelente oportunidade de “ler a cidade” e conseqüentemente o tempo histórico, por meio do olhar labiríntico de um flâneur (SIMAN, 2013).

A busca por um currículo mais pluricultural encontra na discussão encabeçada por VIEIRA (2014), que visa problematizar a natureza do *bullying* e do *cyberbullying* como desvios de padrões de condutas socialmente construídos, a partir das análises de Foucault, apresenta o multiculturalismo intercultural como saída propícia para a escola repensar estratégias no intuito de minimizar a violência por meio da valorização das diferenças.

### III – Considerações finais

Ao final dessa caminhada, gostaríamos de agradecer àqueles que nos ajudaram na construção deste texto com suas reflexões e desafios para se pensar em uma educação mais justa e democrática, tendo nos saberes tradicionais o nosso norte em comum para repensar nossas práticas educativas, sob a perspectiva da alteridade.

Mas, percebemos que a trajetória para repensarmos um currículo mais pluricultural está cada vez mais pautada por uma visão que tem nas relações interculturais e na lógica interétnica a sua tônica para concebermos outros processos de organização com ênfase nas diferenças culturais.

### IV- Bibliografia

BURKE, P. (1992). A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In P. BURKE (Org.) A escrita da história. Novas perspectivas, São Paulo: Ed. UNESP. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações. Disponível em

<http://www.seppir.gov.br/destaques/Cartilha%20Quilombola-screen.pdf>

CUNHA, Manuela Carneiro, Cultura com aspas: e outros ensaios, Cosac Naify, 2009.

GOMES, Nilma Lino, Indagações sobre currículo: Diversidade e Currículo, Organização do documento Janete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento, Brasília: MEC, Secretária de Educação Básica, 2008, 47 p.

HOBBSAWN, Eric J., RANGER, Terence (Organizadores.), A invenção das tradições, 9ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2014.

PEREIRA, Junia Sales, Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico-identitária? Desafios do ensino de história no imediato contexto pós-Lei no. 10.639, In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, Rio de Janeiro, n. 41, janeiro – junho de 2008, p. 21-43.

PERELLI, Maria Aparecida de Souza, Conhecimento tradicional e currículo multicultural: Notas com base em uma experiência com estudantes indígenas Kaiowá \ Guarani, In: Ciência e Educação, v. 14, n. 3, p. 381-96, 2008.

SIMAN, Lana Mara de Castro, Cidade um texto a ser lido, experienciado e recriado, entre flores e ervas daninhas, In: MIRANDA, Sonia Regina, SIMAN, Lana Mara de Castro (Orgs.), Cidade, Memória e Educação, Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

## **11. GD: História indígena no ensino regular**

Profa. Antonia Terra de Calazans Fernandes (FFLCH - USP)

Profa. Patrícia Cerqueira dos Santos (REE-SP; RME-SP)

### **Perfil e problematizações dos trabalhos a serem apresentados**

A história recente do ensino de História passou a incorporar a obrigatoriedade do estudo do tema da história indígena brasileira entre os conteúdos escolares, por conta da Lei 11.645/08. A partir dessa realidade, pesquisadores de diferentes instituições irão apresentar seus trabalhos para debater no GD as diferentes problemáticas envolvidas no processo de implantação da lei.

Alguns trabalhos questionam e procuram responder como tem sido a introdução ou não das exigências da lei nos currículos formais dos estados, nos livros didáticos (antigos, atuais e voltados para a história local), no processo de formação de professores nas universidades e no desenvolvimento efetivo de atividades cotidianas de sala de aulas do ensino fundamental e médio. Outros pesquisadores apresentam relatos de experiências, já no processo de atendimento às premissas da legislação, envolvendo atividades interdisciplinares, oficinas oferecidas por licenciandos do PIBID, atuação de professores supervisores do PIBID diante da formação de futuros docentes, processos de formação de professores nas universidades nos programas de licenciatura e prática de ensino e, mais especificamente, a formação de professores indígenas para atuarem em escolas nas aldeias, incluindo produções de material didático. Há, ainda, trabalhos que debatem outros espaços educativos além da escola, mas com o mesmo compromisso, como o museu histórico e seus vínculos com a memória, o patrimônio e a formação de jovens em idade escolar.

A variedade de enfoques a serem apresentados, mesmo contemplando a mesma temática, expõe a complexidade da implantação de novos conteúdos no ensino de história e de novos compromissos da escola, da universidade e de outros espaços educativos diante das problemáticas intrínsecas à realidade nacional e das demandas sociais contemporâneas. Expõe também a diversidade de instituições, profissionais e agentes educativos envolvidos no processo de implantação dessa nova diretriz social, política e educativa.

Cabe um balanço, portanto, ao longo dos dois dias de debates, para construir um quadro de como os profissionais e as instituições de educação têm assumido essa demanda social, e a obrigatoriedade da lei: selecionado referências teóricas e históricas; optando por linhas de estudo e pesquisa; escolhendo conteúdos e suas abordagens; constituindo processos de consolidação da política; e disseminado compromissos e valores. Cabe questionar, também, a partir das experiências de diferentes pesquisadores e localidades, se é possível averiguar como a lei tem desencadeado, ou não, mudanças no paradigma eurocêntrico predominante na

história ensinada no Brasil, no diálogo entre ensino e a revisão da historiografia voltada para a história indígena e nas escolhas dos sujeitos históricos, apresentados aos jovens de hoje, como sendo protagonistas ativos da história da sociedade a qual pertencem.

É na perspectiva de debates, diálogos e trocas de experiências que será possível conhecer melhor os caminhos trilhados para a implantação de estudos escolares que valorizem a história indígena no ensino de história das nossas escolas.

## 12. GD A abordagem dos “passados dolorosos” nos livros didáticos de história

Miriam Hermeto (FAFICH – UFMG)

Raquel Neves de Faria (FAFICH – UFMG)

Leonardo M. Palhares (IFMG – Campus Formiga)

Uma das funções destacadas do ensino de História tem sido a promoção do debate, junto a estudantes da educação básica, acerca de temáticas e/ou períodos que hoje são compreendidos como passados dolorosos. Essa categoria histórica tem sido utilizada para referir-se a contextos bélicos e de violação de direitos humanos, bem como a relações históricas de exploração duradouras no tempo, tais como a escravidão.

A abordagem didática da História, como disciplina escolar, a partir dessa categoria visa tanto promover a compreensão dos estudantes da educação básica acerca de conflitos e contradições sociais vivenciados em outros tempos históricos, quanto refletir sobre os traumas e as situações de exclusão social contemporâneas por eles engendrados – como o racismo, o elitismo, a misoginia e a intolerância política.

Este Grupo de Discussão propôs, originalmente, uma reflexão sobre a forma de abordagem da produção cultural sobre os passados dolorosos nos livros didáticos de história, em temas que integram, recorrentemente, os currículos escolares – tais como a escravidão, as ditaduras, os conflitos bélicos, entre outros. Propõe-se analisar o tipo de produções culturais (tipos documentais) geralmente utilizadas para tratar dos passados dolorosos no ensino, bem como a diversidade de representações sociais que elas produzem/veiculam, a forma como são apresentadas nos livros didáticos e as possibilidades de diálogo que se apresentam nas práticas de leitura desses materiais nas salas de aula.

Foram selecionados cinco trabalhos, do conjunto de oito inscritos para apresentar-se no Grupo de Discussão. Apesar de três deles não apresentarem relação com um dos eixos centrais da ementa original do GD – os livros didáticos de História –, dada a pertinência dos temas propostos para o debate sobre os passados dolorosos no ensino de História, foram integrados no conjunto. É interessante ressaltar que, perfazendo mais da metade do conjunto do GD, essas novas proposições promoveram um deslocamento do foco inicial: o debate no Encontro estará centrado não na abordagem editorial didática das temáticas relacionadas a passados dolorosos, mas na diversidade de abordagens desses passados nas práticas de ensino de história contemporâneas.

Quatro trabalhos referem-se à ditadura militar brasileira (1964-1985), período histórico que vem passando por revisão historiográfica, a par da instituição de políticas estatais de memória e de diversos debates sociais a ele referentes.

O texto de Dinorah Amaral Matte, *A DITADURA MILITAR BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E O PENSAMENTO HISTÓRICO DOS ESTUDANTES*, propõe uma análise de experiência pedagógica desenvolvida em sala de aula de oitava série de uma Escola Estadual, em Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul, no ano de 2013, a partir de um documento (charge) extraído de livro didático. A autora reflete sobre o desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes através das narrativas que constroem a partir desta (e de outras) atividades, tomando como referência os quatro tipos funcionais de narrativas enunciados por JornRüsen (2011).

Matheus Gomes Barbieri, estudante vinculado ao PIBID na Universidade Estadual de Londrina – UEL, apresentou o texto *O JORNAL “POEIRA” EM SALA DE AULA: OFICINAS SOBRE UM MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO A DITADURA EM LONDRINA*. Propõe uma análise desse contexto histórico a partir de oficinas desenvolvidas junto a alunos de uma turma de 8º ano do Colégio Polivalente de Londrina utilizando-se do referido periódico de oposição ao regime, produzido na cidade, a fim de fazer uma abordagem de história local do período da ditadura militar. Metodologicamente, toma por base a proposta de tratamento de periódicos apresentada por Tania de Luca (2005) e a abordagem da história local apresentada por Luis Fernando Cerri (2010); em termos teóricos, remete-se à noção de consciência histórica de JornRüsen (2011).

*ENTRE AS TRAMAS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA: A DITADURA MILITAR BRASILEIRA E PRODUÇÃO MUSICAL ATRAVÉS DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA* é um texto de autoria coletiva do grupo de estudantes do PIBID da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Apresenta uma análise da oficina pedagógica desenvolvida com alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Souza Aguiar (CESA), ensejada pelas discussões acerca dos 50 anos do Golpe Militar no Brasil e pela memória histórica do próprio Colégio, espaço de resistência política nos anos da Ditadura. Essa experiência pedagógica visava problematizar o período da Ditadura Militar no Brasil, assim como seus reflexos bastante presentes nos dias atuais. A oficina foi realizada a partir de fontes históricas selecionadas do conjunto da produção cultural do período, priorizando músicas (1964-1968 / 1968-1970 / 1980-1985).

O texto *CANTANDO E OUVINDO NAS AULAS DE HISTÓRIA* é de autoria de Flávia J. Silva, professora da Escola Municipal Bahia (ensino fundamental 2), situada no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, onde foram desenvolvidas oficinas do PIBID da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Campus Maracanã). As oficinas visavam trabalhar o conteúdo histórico da ditadura militar brasileira a partir da abordagem da música popular como fonte de pesquisa, um tipo documental mais presente no cotidiano dos educandos. Propunham, ainda, aproximar os conceitos espontâneos dos estudantes dos conceitos científicos, a partir da noção de empatia histórica de Peter Lee (2003).

Um último trabalho oriundo de experiências do PIBID da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais –PUC-Minas, aborda as questões indígena e negra como passados dolorosos da história brasileira. O texto, EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A QUESTÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL, é de autoria de três estudantes de graduação em História – Alexandre Brandão, Luis Filipe dos Santos e Jhonata Henrique. Apresenta relato de parte das experiências pedagógicas empreendidas em uma das escolas parceiras do Programa, a Escola Estadual Ordem e Progresso, em oficinas que tinham como tema o trabalho com a diversidade cultural e o combate ao racismo (com ênfase para as questões africana e indígena no Brasil). Por meio de debates, leituras de textos, projeção de vídeos e realização de pesquisas, foram abordadas questões que possibilitaram avançar na quebra de preconceitos e estereótipos, permitindo analisar os vínculos entre os temas em pauta e questões sociais contemporâneas.

No que tange ao perfil dos apresentadores, destaca-se o fato de que quatro dos trabalhos (80%) são oriundos de experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – financiado pela CAPES em diferentes instituições de ensino superior do país; o quinto trabalho é derivado de pesquisa vinculada a um mestrado profissional. Esse quadro aponta tanto para o aumento do investimento dos cursos de graduação na formação de docentes, quanto para o estreitamento das relações entre universidade e escolas de educação básica, bem como entre as esferas de ensino e pesquisa nos processos de formação docente da atualidade.

Finalmente, destaca-se neste conjunto a abordagem de temáticas relacionadas a passados dolorosos nas escolas a partir de práticas de leitura documental (de diferentes tipos), associadas à realização de debates que relacionam a perspectiva histórica dos conteúdos em pauta com a realidade imediata dos estudantes de Educação Básica.



### 13. GD Os museus e a formação da consciência histórica

Carina Martins Costa (UERJ)  
Soraia Freitas Dutra (CP/ UFMG)

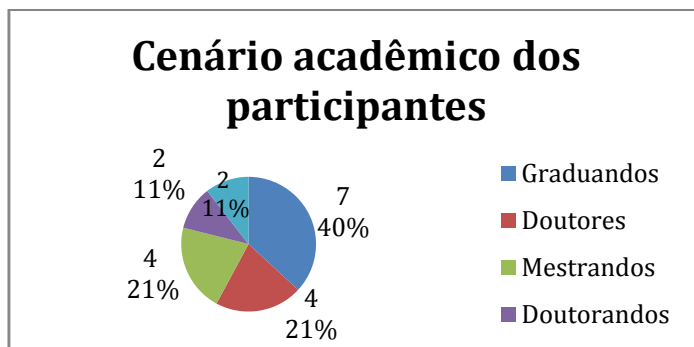
O debate acerca do papel dos museus no desenvolvimento da consciência histórica tem se mostrado cada vez mais vigoroso nos últimos anos. Muitos estudiosos têm se dedicado a refletir sobre as mutações conceituais no campo museal e o alargamento de suas fronteiras de atuações, bem como os impactos dessas mudanças para o campo do ensino da história.

A apropriação dos museus pelos professores de História, bem como a discussão sobre as possibilidades educativas do estudo do meio, não é, contudo, recente. Aproximar os alunos das tradições culturais, em uma percepção do patrimônio enquanto espaço de confirmação e conformação identitária, foi um dos motores de um projeto de educação cívica bastante fortalecido no Brasil, que deixou marcas na relação educativa dos museus. Entretanto, novas leituras sobre o museu foram produzidas no contexto contemporâneo a partir, sobretudo, do rico diálogo com os movimentos sociais, que impeliu as instituições ao desafio de ampliar sua narrativa e fortalecer sua função social. Ademais, a ampliação do conceito de patrimônio, com a incorporação da polifonia e do intangível, pautada na constante reflexividade sobre a dimensão política do mesmo, renovou a forma de olhar os espaços museais.

Como produtores e difusores de narrativas sobre a História, o passado e os atores sociais, os museus comunicam para o seu público suas visões e versões acerca de diferentes dilemas sociais, constituindo-se em territórios de representações e campos de tensões e combates pela memória e história de diferentes grupos sociais. Utilizá-lo como ferramenta educativa envolve compreender sua tessitura e complexidade, percebendo desde sua linguagem e projeto educativo até sua historicidade. Neste sentido, é preciso incorporar ferramentas que possibilitem que o museu seja cada vez mais território poético, político e educativo, distanciando de uma aceção de essência e imutabilidade que sustentam a clássica representação de que “quem vive de passado é Museu”.

O Grupo de Discussão **Os museus e a formação da consciência histórica** buscou agregar professores e pesquisadores em torno deste desafio. Esse texto pretende levantar as principais questões abordadas nos 18 trabalhos selecionados, com o propósito de estimular diálogos, reflexões e trocas de experiências entre os participantes. Destaca-se, em um primeiro olhar panorâmico, a resposta ao desafio de pensar questões vivas relacionadas ao museu. Os trabalhos propostos sublinham a importância do uso e da apropriação destas instituições, a partir de uma diversidade de olhares bastante instigante.

Antes de apresentarmos as principais temáticas abordadas nos trabalhos propostos, traçaremos um breve perfil dos participantes evidenciando o cenário acadêmico ao qual estão vinculados e o nível de atuação, a fim promovermos uma aproximação inicial do universo dos envolvidos. Do total de 18 trabalhos aceitos, 2 são de alunos do Ensino Médio, articulados a projetos de pesquisa na Universidade; 7 são de graduandos dos cursos de História e Pedagogia; 4 de mestrandos em Educação; 2 de doutorandos em Educação, 4 de doutores em História e Educação (Gráfico 1). Tal quadro sinaliza para a ampliação de pesquisas e ações a partir dos museus, com destaque tanto para a inserção do tema na formação inicial dos professores como para a consolidação de pesquisadores na área.



**Gráfico 1 - Cenário acadêmico dos participantes**

Ao observarmos a origem institucional dos participantes encontramos o seguinte cenário (Gráfico 2):

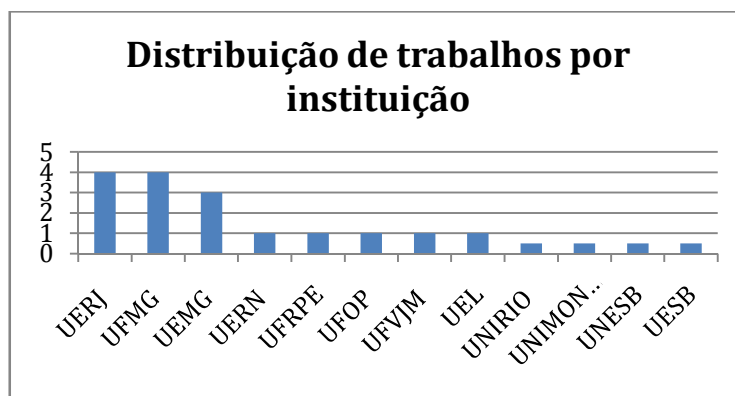


Gráfico 2 - Distribuição de trabalhos por instituição

Evidencia-se uma maior concentração de trabalhos oriundos das Universidades do Rio de Janeiro e de Minas Gerais aglutinando 14 dos 18 trabalhos inscritos.

Ao elaborarmos a espacialização dos trabalhos inscritos, verificamos a seguinte concentração de trabalhos por região do país (Gráfico 3):

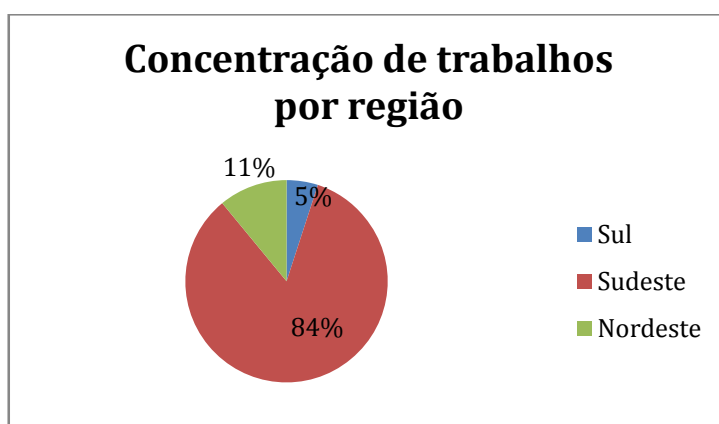


Gráfico 3 - Concentração de trabalhos por região

A concentração dos trabalhos originários da região Sudeste ocorre provavelmente em virtude da proximidade geográfica ao local do evento e ainda pela maior concentração de cursos nesta região, sobretudo aqueles em níveis de pós-graduação *stricto sensu*, de onde emergem grupos de pesquisa mais consolidados.

Para efeito de organização didática, agrupamos os trabalhos em 6 (seis) eixos temáticos, a saber: Os usos pedagógicos dos museus; a Formação de professores; os Espaços expositivos e seus potenciais educativos; os objetos da cultura material como mediadores na aprendizagem; História dos museus e Virtualização dos museus.

Agrupados em torno do eixo **Os usos pedagógicos dos museus**, encontramos o trabalho de Marcos Daniel Freire intitulado A UTILIZAÇÃO DO MUSEU COMO PRÁTICA DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DESSA ENTIDADE PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM em que o autor nos convida a uma reflexão acerca do papel das escolas e do uso dos museus no ensino a partir da experiência do Museu do Petróleo em Pernambuco. O trabalho de Ricardo Aguiar Pacheco e Almir Amilto Alves da Silva, intitulado MUSEU E ENSINO: GINÁSIO PERNAMBUCANO NA 8ª PRIMAVERA DO MUSEU apresenta um relato de experiência do projeto PIBID no uso de museus e de objetos da cultura material no ensino. Na mesma direção, o trabalho de Thayná Pianez R. Silva e Marcos Aurélio Mato sob o título O MUSEU COMO FERRAMENTA DE ENSINO DE HISTÓRIA apresenta um olhar panorâmico sobre as experiências vivenciadas no projeto PIBID em relação ao uso dos museus como ferramenta de aprendizagem. Por fim, o trabalho de Marta Cristina Soares Dile Robalinho intitulado PARA QUE SERVE A EDUCAÇÃO EM MUSEUS? O BEM PATRIMONIAL MUSEU DA REPÚBLICA E SUAS INTERLOCUÇÕES EDUCACIONAIS traz uma reflexão sobre o papel do museu no ensino por meio de uma experiência no Museu da República no Rio de Janeiro. Refletir a partir de relatos de experiências tão diversos possibilita a compreensão dos sentidos atribuídos pelos docentes ao planejamento e às ações educativas desenvolvidas no Museu, produzindo um rico painel.

Os trabalhos que compõem o eixo **Formação de Professores** apresentam experiências de formação de professores em espaços não escolares. Situam-se nesse eixo os trabalhos de: Carina Martins intitulado DE ROTEIROS PEDAGÓGICOS A MUSEUS IMAGINÁRIOS: A PRODUÇÃO DE OLHARES POLIFÔNICOS SOBRE O PATRIMÔNIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES que aborda a temática da memória visando o desenvolvimento de reflexão sobre o patrimônio da/na cidade do RJ; Jezulino Lúcio Mendes Braga intitulado EXPERIÊNCIAS DOCENTES NO USO EDUCATIVO DO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS que aborda experiências desenvolvidas no Museu de Artes e Ofícios; Iracema Oliveira Lima e João Reis Novaes intitulado FORMAÇÃO DO GRADUANDO EM HISTÓRIA E AS POSSIBILIDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA HISTÓRIA EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES que apresenta um relato de experiência sobre a formação de graduandos na relação com o Parque do Descobrimento e, por fim, o trabalho de Elizabeth Seabra intitulado PRÁTICAS DE MUSEALIZAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA EM DIAMANTINA: AULA PÚBLICA E OFICINAS que articula pesquisa, extensão e formação docente em

espaços não escolares. Este conjunto de trabalhos sublinha a importância da formação inicial docente para a apropriação dos espaços museais e são indícios de mudanças curriculares importantes que ampliam o sentido do ensino de História.

Em torno do eixo **Espaços expositivos e seus potenciais educativos** encontram-se os trabalhos de Loyane Cristine Cafleiro Monteiro, Luiza Maria Nascimento Gomes, Nayra Borges Teixeira orientado por Lana Mara De Castro Siman, denominado EXPERIÊNCIAS DO SENTIDO DO TEMPO NO MEMORIAL MINAS VALE que discute as possibilidades de compreensão de aspectos da história de Minas e do Brasil a partir do potencial educativo da exposição do Memorial Minas Vale - Trilha Afro. O trabalho de Ana Luiza Magalhães Poyaes e Lívia Dinamarco de Souza denominado MUSEU DA MARÉ: “UMA” PONTE METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, apresenta experiências no Museu da Maré desenvolvidas em uma escola de Educação Básica, com a finalidade contribuir para a desconstrução de uma visão de história centrada em narrativas totalizantes, em favor de uma compreensão de relações temporais que articulem as dimensões macro e micro estruturais. Destaca-se também o trabalho de Júlio César Virgínio da Costa, O ENSINO DA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA/MINEIRA NA INTERFACE COM MUSEU E NA DIALOGIA COM LITERATURA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES DESSES DOIS COMPONENTES NESTA PRÁTICA EDUCATIVA?, que embora sua pesquisa extrapole esse eixo temático, versa sobre usos do passado nos museus, especificamente sobre a abordagem da pré-história brasileira/mineira, a partir da exposição no Museu de História Natural-PUC-MG e do livro os Meninos da Planície. O trabalho Alyne Selano, Benilson Sancho e Carolina Barcellos Ferreira intitulado O PATRIMÔNIO E O ENSINO DE HISTÓRIA: MUSEU COMO LUGAR DE MEMÓRIA E DE PODER, discute as relações entre memória e ensino de História a partir da análise de dois museus da cidade do RJ que apresentam em suas exposições abordagens dicotômicas sobre o tema da cidadania. O conjunto de trabalhos, ainda que em diferentes níveis de produção, traduz esforços consistentes na apropriação da linguagem museal, com mobilização de conceitos importantes que possibilitam transformar os museus em laboratórios de História, no sentido atribuído por Ulpiano Meneses (1994).

Em torno do eixo **Objetos da cultura material como mediadores na aprendizagem** situamos o trabalho de Isabella Carvalho De Menezes, O ALMOFARIZ: ENSAIO SOBRE SIGNO E MEDIAÇÃO NO MUSEU que propõe reflexões sobre o papel dos objetos no espaço do museu e sua conversão em signos e aborda o lugar da mediação no museu como forma de ampliação de acesso ao conhecimento, a partir das contribuições de Baktin e Vigotski. Destaca-se também o trabalho de Kawanni dos Santos Gonçalves e Matheus Silva Dallaqua, orientado pela professora Regina Célia Alegro, sob o título OS OBJETOS MUSEAIS CONTAM HISTÓRIAS”: SENSIBILIZAÇÃO NAS MONITORIAS PARA O

APRENDIZADO HISTÓRICO, relatando experiências de monitoria no Museu Histórico de Londrina e discutindo as possibilidades de usos dos objetos na reflexão sobre a história. A compreensão dos processos de aprendizagem histórica a partir da mediação da cultura material traz importantes reflexões para a área. Percebe-se que, em um panorama nacional, tais trabalhos ainda ocupam lugar secundário no que tange à produção sobre museus históricos e, portanto, a riqueza apresentada pelas autoras é crucial para o debate proposto pelo GD.

Articulados em torno do eixo **História dos museus** estão os trabalhos de Vânia Maria Siqueira Alves e Maria Amélia Gomes Souza Reis intitulado OS MUSEUS ESCOLARES E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA em que apresenta uma pesquisa sobre a história dos museus escolares no Brasil e o trabalho de Kelly Amaral de Freitas intitulado O MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS NO MOVIMENTO DA DEMOCRATIZAÇÃO DOS MUSEUS em que a autora aborda o processo de democratização dos museus brasileiros e situa o surgimento dos museus dos quilombos e favelas urbanos como face de um crescente movimento de abertura museal rumo a igualdade dos direitos culturais e a representação simbólica da diversidade social brasileira. As pesquisas sobre história da educação em museus auxiliam na compreensão da historicidade do campo, deslindando as complexas relações entre projetos de memória / poder/ educação.

Sobre o eixo a **Virtualização dos museus** destacam-se dois trabalhos de alunos do Ensino Médio orientados pelo professor Eucídio Pimenta Arruda que abordam, cada um à sua maneira, o processo de virtualização dos museus brasileiros. O trabalho de Geanderson Soares, Jessica Raidislaine Marcolino Nascimento, João Pedro Thimotheo Batista e Vinicius Pimenta Cordeiro intitulado MUSEU VIRTUAL: PERSPECTIVAS PARA CONSTRUÇÃO DE BANCO DE DADOS PARA ACESSO A VISITANTES que pretende construir ferramentas para democratização do acesso aos Museus de Minas Gerais e o trabalho de Kelton Gomes, Vinicius Pimenta e Wilds Lene Freitas SIMULAÇÃO E MODELAGEM COMPUTACIONAL DE MUSEUS HISTÓRICOS ORIENTADOS AO VISITANTE: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES que traz a proposta de virtualização dos museus físicos para uso na formação de professores. Tal conjunto reflete a incorporação de novas tecnologias como ferramentas instigante para ampliação da democratização dos museus, o que é extremamente relevante ao se pensar, por um lado, a extrema concentração destes equipamentos na região Sudeste e, por outro, a dificuldade de acesso de muitas escolas aos mesmos.

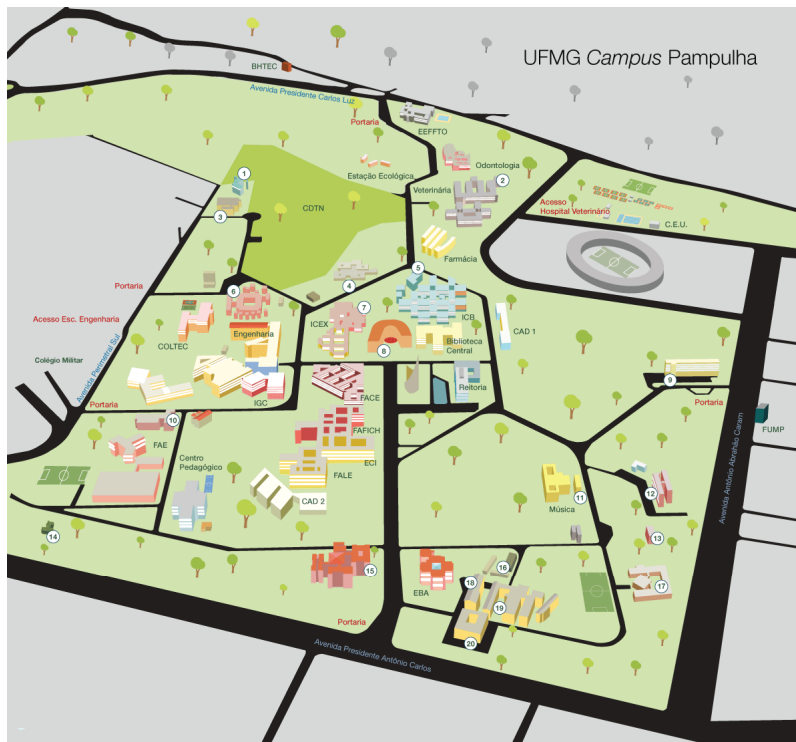
O espectro de temáticas que aqui se reúnem nos convida a novas reflexões acerca do papel dos museus na construção de novos sentidos e significados para o ensino de História. É possível perceber, no conjunto dos trabalhos apresentado, o crescimento da defesa da democratização dos museus como ferramenta de

cidadania, concebida não mais como pertencimento a um Estado-nação, mas, sobretudo, como participação ativa, consciente e criadora.

Marcado pela diversidade de experiências profissionais, temas e abordagens, o grupo que ora se aglutina em torno do Grupo de Discussão **Os museus e a formação da consciência histórica**, tem, portanto, um campo fértil para o compartilhamento de experiências que podem se converter em novos frutos que alimentem e ressignifiquem o debate que se estenderá por outros fóruns. Da mesma forma, fortalece a formação de redes de pesquisadores e professores, bem como a construção de um olhar panorâmico sobre os desafios e potencialidades da área.

#### **Referências bibliográficas:**

MENESES, Ulpiano T. B. Do teatro da memória ao laboratório da História. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v 2, 1994.



UFMG Campus Pampulha

- |   |  |  |
|---|--|--|
| <p><b>CAD 1</b> – Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais<br/> <b>CAD 2</b> – Centro de Atividades Didáticas de Ciências Humanas<br/> <b>CP</b> - Centro Pedagógico<br/> <b>COLTEC</b> – Colégio Técnico<br/> <b>EBA</b> - Escola de Belas Artes<br/> <b>ECI</b> - Escola de Ciência da Informação<br/> <b>EEFFTO</b> - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional<br/> <b>ESCOLA DE ENGENHARIA</b><br/> <b>ESCOLA DE MÚSICA</b><br/> <b>ESCOLA DE VETERINÁRIA</b><br/> <b>ESTÁÇÃO ECOLÓGICA</b><br/> <b>FACE</b> – Faculdade de Ciências Econômicas<br/> <b>FACULDADE DE FARMÁCIA</b><br/> <b>FACULDADE DE ODONTOLOGIA</b><br/> <b>FAE</b> – Faculdade de Educação<br/> <b>FAFICH</b> - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas<br/> <b>FALE</b> - Faculdade de Letras<br/> <b>ICE</b> - Instituto de Ciências Biológicas<br/> <b>ICEX</b> - Instituto de Ciências Exatas<br/> <b>IGC</b> - Instituto de Geociências<br/> <b>CEU</b> - Centro Esportivo Universitário</p> | <p><b>1</b> CENTRO DE MICROSCOPIA<br/> <b>2</b> HOSPITAL VETERINÁRIO<br/> <b>3</b> CPH - Centro de Pesquisa e Recursos Hídricos<br/> <b>4</b> RESTAURANTE SETORIAL II<br/> <b>5</b> MUSEU DE CIÊNCIAS MORFOLÓGICAS<br/> <b>6</b> DEPARTAMENTO DE QUÍMICA<br/> <b>7</b> DEPARTAMENTO DE FÍSICA<br/> <b>8</b> PRAÇA DE SERVIÇOS<br/> <b>BANCO</b> Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Santander<br/> <b>CANTINA</b><br/> <b>CASB</b> - Caixa de Assistência à Saúde da Universidade<br/> <b>COOPMED</b> - Cooperativa Médica<br/> <b>DCE</b> - Diretório Central dos Estudantes<br/> <b>GRÁFICA</b><br/> <b>LIVRARIA UFMG</b><br/> <b>LOJA DA FUNDEP</b> - Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa<br/> <b>NORSAOOP</b> - Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo das Empregadas das Instituições de Ensino Superior da Região Metropolitana de Belo Horizonte<br/> <b>OMP</b> - Organização dos Aposentados e Pensionistas<br/> <b>RESTAURANTE</b><br/> <b>SINDIFES</b> - Sindicato dos Trabalhadores nas Instituições Federais de Ensino</p> | <p><b>9</b> UNIDADE ADMINISTRATIVA II<br/> <b>SABT</b> - Serviço de Atendimento à Saúde do Trabalhador<br/> <b>FUNDEP</b> - Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa<br/> <b>10</b> RESTAURANTE SETORIAL I<br/> <b>11</b> CMI - CENTRO DE MUSICALIZAÇÃO INFANTIL<br/> <b>12</b> UNIDADE ADMINISTRATIVA III<br/> <b>DAP</b> - Departamento de Administração de Pessoal<br/> <b>DIRCA</b> - Departamento de Registro e Controle Acadêmico<br/> <b>DIRH</b> - Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos<br/> <b>COPEVE</b> - Comissão Permanente do Vestibular<br/> <b>13</b> ALMOXARIFADO CENTRAL<br/> <b>14</b> FAE / CECIMIG<br/> <b>15</b> UMEI - Unidade Municipal de Ensino Integrado Alameda Lisboa<br/> <b>16</b> DGA - Departamento de Gestão Ambiental<br/> <b>17</b> IMPRENSA<br/> <b>18</b> TU - TEATRO UNIVERSITÁRIO<br/> <b>19</b> DPPP - Departamento de Planejamento Físico e Projetos<br/> <b>DEMAN</b> - Departamento de Manutenção e Conservação da Infraestrutura<br/> <b>20</b> DLO - Departamento de Logística de Suprimentos e de Serviços Operacionais</p> |
|---|--|--|